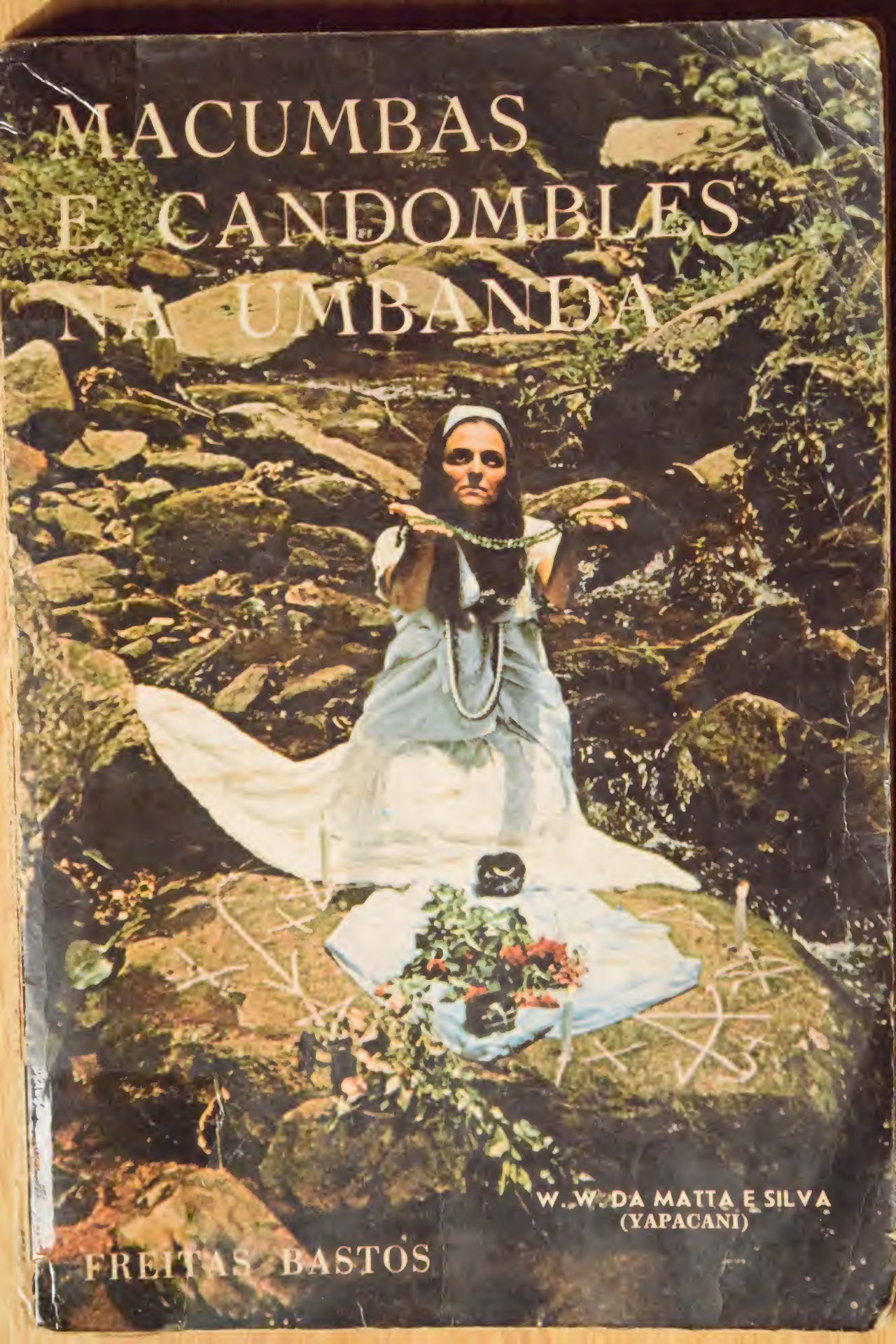
MACUMBAS E CANDOMBLÉS NA UMBANDA



W. W. DA MATTA E SILVA
(YAPACANI)

FREITAS BASTOS

MACUMBAS E CANDOMBLÉS NA UMBANDA

Silva, Woodrow Wilson da Matta e, 1917-

Macumbas e candomblés na umbanda, por W. W. da Matta e Silva (Yapacani) 2. ed. Rio de Janeiro, Freitas Bastos, 1977.
195 p. il. est.

1. Espiritismo. I. Título

CDD 133.9

W. W. da Matta e Silva
(YAPACANI)

MACUMBAS E CANDOMBLÉS NA UMBANDA

2.ª edição

LIVRARIA FREITAS BASTOS S.A.

Rua 7 de Setembro, 127/129 - 20.000 - ZC - 21 - Rio de Janeiro - RJ.
Rua 15 de Novembro, 62/66 - 01013 - São Paulo - SP.

AO MEIO UMBANDISTA

Nosso objetivo nessa obra foi mais, muito mais mesmo, o de documentar, ou melhor, **registrar**, três aspectos anímicos ou psicológicos que inegavelmente **existem**, alimentados por grande parcela do povo brasileiro e, portanto, influenciando decisivamente suas tendências atávicas, religiosas, místicas e, por extensão, suas crenças e superstições...

E como esses fatores anímicos eclodem dessa **vivência popular**, que vem de dentro dos chamados Cultos Afro-Brasileiros — ultimamente denominados de **umbanda** e aflora constantemente através de seus motivos musicais, quer nas canções, nos sambas, na poesia, nos enredos do carnaval e até nas atrações turísticas, como é o caso de muitos candomblés e terreiros diversos, das tradicionais **baianas** etc não deixa de ser uma das **maiores expressões do folclore brasileiro**...

Achamos por bem documentar fotograficamente, isto é, ressaltar essa vivência, dos seus ângulos verdadeiros e que são, realmente, os que atuam na alma do povo e deixamos praticamente de lado aquela sistemática doutrinária sobre umbanda, que nos é peculiar, tão conhecida, debatida e seguida — de vez que formou Escola — por milhares de leitores (adeptos, simpatizantes etc.), e que está desdobrada com detalhes e em profundidade nas seguintes obras: "Umbanda de Todos Nós" — 350 págs., 4ª edição — com grandes mapas policrômicos e 100 clichês diversos; "Sua Eterna Doutrina" — 200 págs., 3ª edição esgotada; "Lições de Umbanda (e quimbanda) na Palavra de Preto-Velho" — 170 págs., 3ª edição; "Mistérios e Práticas da Lei de Umbanda" — 208 págs., 4ª edição; "Segredos da Magia de Umbanda e Quimbanda" — 160 págs., 2ª edição; "Umbanda e o Poder da Mediunidade" (as leis da magia) — 136 págs., 2ª edição; "Doutrina Secreta da Umbanda" — 201 págs., 1ª edição; "Umbanda do Brasil" — 280 págs., 1ª edição.

Assim estamos procedendo, nessa obra — MACUMBAS E CANDOMBLÉS NA UMBANDA — porque achamos oportuno demonstrar muito daquilo que a nossa doutrina especializada já vem reeducando, escoimando e conduzindo para dentro da verdadeira Umbanda, nesse processo de reintegração em seu autêntico movimento vibratório, espirítico, mediúnico, mágico e filosófico, pois que formam também na casa dos milhares — os grupamentos que ainda estão na retaguarda.

E para que os eternos "olheiros" de nossas obras não passem a apregoar que saímos de sua **linha justa**, convém lembrar-lhes, desde já, que qualquer dicionário traduzirá para eles os significados dos termos:

> **FOLCLORE** (folk-lore) s.m. — Conjunto das tradições, conhecimentos ou crenças populares expressas em provérbios, contos ou canções; conjunto das canções populares de uma época ou região; estudo e conhecimento das tradições de um povo, expressas em suas lendas, crenças, canções e costumes.
>
> **CULTURA**, s.f. — Ato, efeito ou modo de **cultivar**; desenvolvimento intelectual; saber etc.; (sociologia) sistema de atitudes e modos de agir, costumes e instituições, valores espirituais e materiais de uma sociedade no sentido restrito, certo desenvolvimento do estado intelectual, artístico ou científico, em que se revela, com um sentido humano, um esforço coletivo pela libertação do espírito.

E Atenção: nessa obra estamos descrevendo substancialmente, na 1ª parte, tudo que ficou em matéria de sobrevivência religiosa, mítica e ritualística, dos cultos africanos no Brasil, que são os atuais **Candomblés**...

Fizemos um **autêntico registro** do que **realmente existe** e portanto ainda é **conservado e usado** nos seus terreiros.

Há, de outros autores, uma profusa literatura sôbre **candomblés**, na qual se pode colher mil detalhes ou informes sobre **rituais de nações africanas**, além do que damos aqui. Porém, na maior parte, foram **compilados** (e embaralhados) para demonstrar ilustração ou cultura religiosa no assunto; é aquilo que nós, escritores, denominamos "fazer literatura".

São conhecimentos, digamos assim, de **vivência apenas teórica**, assimilados nas obras de autores estrangeiros do

gênero (estudos de antropologia sociológica, etnologia, folclore etc.), procedidos em diversas regiões da África; não foram feitos sobre a vivência ritualística e religiosa dos antigos africanos no Brasil, no que implica em afirmarmos categoricamente: — jamais foram conservados, quanto mais usados...

Outrossim, nosso registro referente à parte das Macumbas e de Umbanda também é rigoroso. Todas as fotografias que obtivemos atestam a honestidade desse documentário, pois foram feitas "ao vivo", nos Centros, Tendas, Terreiros, Praias, Rios, Cachoeiras, etc., com os grupamentos populares na função de suas crenças.

ELEMENTOS INTRODUTIVOS

Falar sobre a Umbanda do Brasil — desse gigantesco movimento popular, que cresceu demais e desordenadamente, e que já abarca milhões de crentes e simpatizantes, não é tarefa para ensaístas apressados, nem para repórteres lépidos, de artigos encomendados, de Revistas e Jornais...

Isso porque, geralmente, vão colher o material e o assunto em fontes sectárias do chamado meio umbandista e dão o **recado** conforme pediram ou informaram.

São leigos. Não estão por **dentro** da realidade. Fazem uma grossa confusão, além de apresentarem dados de fontes oficiosas, de estatísticas camufladas, completamente incertas.

Ligeiro exemplo: no Anuário de 1968 (com estimativas referentes a 1965) davam como Umbandistas em todo Brasil, apenas 125.850 pessoas.

Ora, para ficarmos por aqui mesmo — na antiga Guanabara — basta citarmos apenas algumas das grandes organizações umbandistas (as quais, diga-se logo de passagem, não praticam nenhum **ritual de nação africana**), cujos **dados reais** sobre elas, ressaltam logo a incongruência dessas estatísticas. Ei-las:

CENTRO ESPÍRITA CAMINHEIROS DA VERDADE: na Rua Atalaia, 133 — Engenho de Dentro, prédio de 4 pavimentos. Tem mais de 30 anos de existência. Tem serviço social completo. Farmácia, médicos e dentistas. Sustenta o Lar Antônio de Pádua com 145 meninas desamparadas. Está construindo um orfanato para 600 meninos desamparados,

avaliado em um bilhão e quinhentos milhões de cruzeiros velhos. Tem uma freqüência média anual de 100.000 pessoas. Tem 1.200 médiuns em rodízios mensais.

TENDA ESPÍRITA MIRIM: com mais de 40 anos. Prédio próprio. Com 25 tendas filiais de sua criação, e mais dez com sede própria. Matriz: Avenida Marechal Rondon, nº 597, São Francisco Xavier. Serviços Sociais e Assistenciais completos. 7.000 médiuns catalogados. Freqüência mensal de 18.000 pessoas.

TENDA ESPÍRITA SÃO MIGUEL ARCANJO: rua Miguel Fernandes, 530, Méier. Com departamento de Assistência Social. Cursos grátis de datilografia, taquigrafia, corte e costura. Com mais de 30 anos de atividades. Freqüência média de 10.000 pessoas por mês. Milhares de médiuns catalogados.

TENDA ESPÍRITA DE UMBANDA TUPIARA: com mais de 25 anos de atividade. Vários departamentos assistenciais, hospital, maternidade em construção em Lins de Vasconcelos. Tenda na Rua Luiz Barbosa. Centenas de médiuns e milhares de freqüentadores.

TENDA ESPÍRITA DE UMBANDA SANTA LUZIA: com mais de 15 anos de atividades assistenciais, inclusive modelar abrigo para a velhice desamparada, na Rua Parintis, 71 — Praça Seca — Jacarepaguá. Centenas de médiuns e milhares de freqüentadores.

TENDA ESPÍRITA DE UMBANDA PAI JOÃO: Vila Isabel, Rua Souza Franco. Prédio próprio com três pavimentos. Vários departamentos assistenciais. Médicos, dentistas, etc. Freqüência de milhares de adeptos e necessitados. Centenas de médiuns em atividade.

CENTRO ESPÍRITA DE UMBANDA CASA DE JUREMA: Rua Porto Alegre, 15 — Engenho Novo. Com 15 anos de serviços assistenciais, inclusive médico e dentário. Revista mensal. Freqüência de 9.000 pessoas por mês. Centenas de médiuns.

SEARA DE UMBANDA TUPINAMBÁ: com 15 anos de serviços assistenciais e espirituais. Rua Manuel Machado 473 — Vaz Lobo — Prédio próprio.

TENDA ESPÍRITA DE UMBANDA ESTRELA DO MAR: Rua Visconde do Serro Largo, 11 — Irajá. Serviços assistenciais e grupo escolar. Com 15 anos de atividade. Prédio próprio.

Observação: Todas estas organizações umbandistas modelares têm cursos diversos para médiuns, assim como, de iniciação, doutrina, mediunidade, cabalismo, etc. Todas têm bibliotecas.

Se essa obra fosse um Catálogo ou um "Indicador de Tendas" de Umbanda, poderíamos relacionar **centenas** de organizações umbandistas, quase em condições semelhantes...

Somente pelo exposto, cremos que é absolutamente **ridícula** quaisquer estimativas sobre Umbanda, que não sejam referendadas por suas Organizações de Cúpula.

Eis algumas das principais, que se ramificam por vários Estados do Brasil:

União Espiritista de Umbanda do Brasil — Rua Conselheiro Agostinho, 52, Todos os Santos, Rio de Janeiro. Tem jornal próprio — "O Jornal de Umbanda".

Primado de Umbanda (sede-Tenda Mirim) — Rua Marechal Rondon, 597, São Francisco Xavier — Rio de Janeiro.

Congregação Espírita Umbandista do Brasil (antiga Confederação) — na Rua Pedro Alves, 117 — Santo Cristo — Rio de Janeiro.

Federação Espírita de Umbanda do Estado do Rio — Av. Marechal Floriano Peixoto, 1744 — Nova Iguaçu — Estado do Rio de Janeiro. Esta organização mantém Hospital e Maternidade.

Federação Nacional das Sociedades Religiosas de Umbanda — Rua São Francisco Xavier, 560 — Rio de Janeiro.

Confederação Nacional Espírita de Umbanda e dos Cultos Afro-Brasileiros — Sede na rua General Canabarro, 228, Rio de Janeiro. Mantém Cursos de Iniciação. Conta com 4.500 filiadas pelo Rio de Janeiro e adjacências, além de 7 Federações de Umbanda de vários Estados, também filiadas. Tem 8 organizações espíritas ou espiritualistas interligadas, em

Nova Orleans, Lousianna, USA. Tem mais 7 nas mesmas condições em Houston, Texas, EUA, e ainda a Umbanda Espiritist Union, de Los Angeles, Califórnia.

Cruzada Federativa de Umbanda do Estado de São Paulo — Rua Senador Feijó, 29, 3º andar. Tem jornal próprio, a "Tribuna Umbandista".

Todas essas Organizações são sectaristas — num bom sentido, mas são: umas, são decisivamente da **linha** dos Cultos Afro-Brasileiros (africanos ou dos "candomblés", como são qualificadas pela Corrente umbandista esclarecida); doutrinam (e praticam) ostensivamente (em jornais, revistas etc.), a mitologia afro, suas crenças tradicionais, seus ritos fetichistas etc; outras são **pendentes** ou **inclinadas**, isto é, aceitam **quase tudo**, quer de um lado, quer de outro — Umbanda ou Candomblé. E ainda há outras que procuraram escoimar-se de certas arestas, como é o caso especial do Primado de Umbanda ou Tenda Mirim, com suas 27 filiadas... que tem sua ritualística pautada na Teogonia e na hierarquia ameríndia (brasileira).

Assim é que mais uma vez repetimos: é de lamentar-se profundamente que, além dessas organizações serem sectaristas, sejam também antagônicas entre si, isto é, vivem de briguinhas intestinas, com rivalidades alimentadas pelos bastidores.

Enquanto isso, o **vigarismo organizado** e o charlatanismo campeiam e imperam, por dentro do citado meio, vendendo e chafurdando o bom nome dessa mesma Umbanda que elas representam.

Todo esse mundo de expressões religiosas que generalizou-se como Umbanda do Brasil ainda tem programas de Rádio, Jornais, Revistas, e até de Televisão.

Um dos maiores programas — 25 anos de atividade — estava a cargo do deputado Átila Nunes (1), umbandista, escritor, jornalista e radialista e é o famoso "Cânticos da Umbanda — Melodias de Terreiro" pela Rádio Rio de Janeiro e Rádio Copacabana com 4 horas de função, aos domingos e às terças-feiras, das 21 horas a 1 hora da manhã.

(1) Falecido em 27 de outubro de 1968. O Programa prosseguiu. O *filho* assumiu, que é o Deputado Átilla Nunes Filho, ultimamente com um programa na TV-Rio, às 22,30h, nas 5.as-feiras, com o título "Nos Caminhos da Magia". É um umbandista sincero, esforçado e honra a memória do pai.

Como vêem, falar de Umbanda não é tarefa para qualquer um curioso. É preciso ser um pesquisador de **dentro do meio**, um escritor especializado, com enorme conhecimento de causa.

E para qualificar e definir o seu intrincado metier mediúnico, fenomênico, ritualístico e concepcional, é preciso ser também um médium-iniciado dela (dito comumente chefe-de-terreiro) como vem a ser o nosso caso (e o de outros confrades também).

Temos mais de 40 anos de práticas mediúnicas umbandísticas, como médium e sobre médiuns. Temos mais de 8 obras publicadas sobre Umbanda (já citadas nominalmente) circulando em reedições constantes, espalhadas por todos os Estados do Brasil (e em algumas partes do estrangeiro também), algumas há mais de 20 anos. Fizeram Escola. Nelas estão todos os fundamentos da Umbanda, desde os mais simples aos mais complexos, isto é, desde os aspectos ritualísticos, da magia e mediunidade, até os ângulos mais profundos de seu cabalismo, de sua metafísica e de sua filosofia inédita.

Portanto, estamos a cavalheiro para reafirmar alto e a bom som: — a Umbanda já foi somente do zé-povinho... ultimamente já atingiu todas as categorias sociais, atraindo para o seu metier elementos de todas as classes sociais...

Em verdade, a Umbanda tem milhares de Tendas espalhadas por esses brasis a fora... sem computarmos os grupamentos familiares.

Somente aqui no antigo Estado da Guanabara, temos perto de 36.000 Terreiros, entre legalizados e filiados e mais de 3.000 na condição de independentes.

Consegue eleger sempre um deputado, em todos os pleitos. No antigo Estado do Rio de Janeiro, cerca de 29.000 entre legalizados e filiados, afora os estimados em mais de 2.000 na condição de independentes.

No Rio Grande do Sul (onde a Umbanda está mais bem organizada, influindo politicamente, pois em eleições passadas conseguiu eleger deputados, vereadores e prefeitos) tem cerca de 14.000 Terreiros, entre legalizados ou filiados e mais umas 3.000 Tendas na condição de independentes...

O Estado de Minas Gerais conta com cerca de umas 10.000 Tendas, entre legalizadas, filiadas e independentes.

No Estado da Bahia, sob a classificação de cultos afro-brasileiros, existem mais de 3.000 Tendas.

No Estado de Santa Catarina, umas 4.000 nessas mesmas condições.

No Estado de Pernambuco há perto de 2.000 terreiros cadastrados.

Em Brasília (atual Distrito Federal), que é a nova capital, com poucos anos de existência, já foram estimados, entre Terreiros organizados, independentes e grupamentos familiares, mais de 2.000, isto sem citarmos outros Estados, em vista de não termos ainda estimativas apreciáveis...

Que fenômeno tremendo, impressionante, foi esse que cresceu e agigantou-se tanto por dentro das camadas populares ou sociais do Brasil, ao ponto de suplantar outras correntes religiosas?...

São muitos os fatores que devem ter concorrido para isso... Todavia cremos que o **principal** aconteceu através da **mensagem objetiva** que a Umbanda trouxe para o povo, quando tudo faz para **atender** às suas **solicitações** ou necessidades diversas, **movimentando todo poder de seu complexo ritualismo mágico e espirítico** a fim de ajudar, contentar e curar... ou, em última análise, procurar uma solução qualquer.

Para isso ela se revelou mais completa: — lida com a mediunidade, com a terapêutica astral magnética e vegetal, dos perfumes, defumadores, e ainda e especialmente com a força natural dos sítios vibratórios, assim como o mar, as cachoeiras, os rios, as matas etc a par com a **magia branca** e, por extensão, dominando a **magia negra**... além de despertar uma mística nacionalista quando evoca, centraliza e fixa as suas raízes ancestrais religiosas e étnicas, fugindo largamente dos conceitos dogmáticos importados, que o povo de há muito já foi compreendendo serem infantis, puramente sectaristas e superados.

É, como deixa entrever o ilustrado Dr. em Teologia da Igreja Católica Apostólica Romana — Frei Boaventura O. S. M. em seu "Ensaio de uma Nova Posição Pastoral Perante a Umbanda" quando deixa transparecer (referindo-se ao umbandismo) que "tudo isso parece o resultado de uma violenta insatisfação com as formas oficiais rígidas, excessivamente controladas, complexas e intelectuais"...

Esse religioso é o **mesmo** que há anos atrás tomou uma posição frontal e violenta contra a Umbanda, através de sucessivas reportagens pelo jornal "O Globo", além de conferências diversas.

Naquela ocasião deve ter colhido **comprovantes** naqueles mesmos "terreiros" confusos e mesmo espúrios que nós, umbandistas, tanto nos esforçamos em doutrinar, frenar e até chegamos ao ponto de combater... duramente.

Por essas e por outras achamos até graça quando, vez por outra, autoridades eclesiásticas da Igreja Apostólica Romana apregoam ser o Brasil o país mais **católico** do mundo (e Portugal?).

Há anos atrás (em 1955 mais ou menos) já diziam que o Brasil tinha 48 milhões de católicos para uma população estimada em 60 milhões... Como se vê, sobrariam apenas 12 milhões que poderiam ser computados entre a população infantil e pequena parcela da juventude. Acresce dizer que a juventude brasileira, de um modo geral, não quer nada com as chamadas religiões secularizadas, ou melhor, que estão bitoladas pela tradição bíblica... Há exceções, é claro, porém de pequenas parcelas.

Esta afirmativa da época de que o país mais católico do mundo seria o Brasil com 48 milhões de crentes é de um pesquisador autorizado — o abade canadense Bouffard (e de outras autoridades eclesiásticas do Brasil, também), segundo um **estudo** que o mesmo realizou e foi publicado pelo Órgão da União Missionária "Clero e Missões", de Roma.

E levantou mais a seguinte estatística: "para uma população mundial de 2 bilhões e 439 milhões, os católicos seriam 480 milhões, mais ou menos assim subdivididos: na Europa 230 milhões; na América, 199 milhões; na Ásia, 31 milhões; na África, 17 milhões; na Oceania, 2 milhões.

Os países mais intensamente católicos seriam (pela ordem): Brasil, 48 milhões; Itália, 47 milhões e meio; França, 35 milhões.

Os religiosos seriam cerca de 363 mil, dentre os quais 246 mil se encontrariam na Europa; 86.500 na América; 16.300 na Ásia; 9.300 na África; e 3.950 na Oceânia.

Os países que têm maior número de eclesiásticos são: a Itália, com 60 mil; a França, com 51 mil; os Estados Unidos, com 44 mil (mas, atualmente, já existem 70.000 padres para 40 milhões de católicos americanos, o que achamos ser outro exagerado absurdo); a Espanha, com 31 mil; a Alemanha, com 25 mil; e o Canadá, com 18 mil e 500.

---

* Atualmente o Brasil tem mais de 100 milhões de habitantes; se transformou num dos países menos católico do mundo. E ainda: estima-se a população mundial em mais de 4 Bilhões de Seres.

Estamos dando essas estatísticas dadas como certas, de poucos anos atrás, para um confronto **baseado**, porque, de lá para cá, tudo isso modificou, alterou e, mesmo, caiu.

Quanto aos outros países não sabemos, mas, no que diz respeito ao Brasil, aquela afirmativa não passa de uma balela... não se coaduna com o realismo dos últimos tempos.

Para princípio de confronto: nós, umbandistas pesquisadores, escritores, podemos estimar com segurança que a corrente dos Cultos Afro-brasileiros, generalizados como Umbanda, tem mais de 120.000 Terreiros; a corrente Protestante, até há bem pouco tempo, tinha 3.493 Templos e 1.541 Salões de Conferências; a Federação Espírita Brasileira (Cardecismo) computava o funcionamento de suas filiadas em 1.017 edifícios e mais 66 alugados e 65 cedidos gratuitamente, por adeptos e simpatizantes; mas, segundo pesquisas internas, já estimaram existir para mais de 5.000 Centros Espíritas por todo Brasil.

Isso tudo somado perfazem mais de 131.000 unidades religiosas diferentes ou distintas, em contraposição à última estimativa da Igreja Católica do Brasil, que dava como tendo 32.202 unidades.

Essas 32.202 unidades, segundo dados pelo I.B.G.E. em (1957), estariam assim discriminadas: matrizes, 3.321; igrejas, 2.500; capelas, 25.720; e mais as seguintes unidades, segundo dados estatísticos da "Conferência de Religiosos do Brasil", fornecidos a "O Globo" em 16-II-1956: Congregações: 79 masculinas e 207 femininas; Seminários (religiosos e seculares), 375.

Convém ainda anotar que naqueles anos só existiam 7.000 sacerdotes, 3.000 irmãos leigos e 30.000 religiosas... Naquele tempo! De lá para cá, tudo indica que, em vez de aumentar, esse movimento estacionou por um lado e pelo outro **caiu direto**...

Mas mesmo assim, no ano de 1968, autoridades eclesiásticas brasileiras, entrevistadas, forneceram dados (para jornais e revistas), onde dizem que, para suprir aquele deficit, **já haviam mandado vir mais 5.000 padres estrangeiros**; assim, a Igreja Católica no Brasil teria atualmente, **precisamente**, 12.290 sacerdotes (religiosos e diocesanos) e 5 Cardeais, sendo que **uma parte** desses religiosos pertence a 95 Ordens e Congregações **nacionais**, e a **maior parte** a 109 Ordens, Congregações e Institutos de **origem estrangeira**, que têm

---

Entre Bispos e alguns arcebispos 296, ao certo.

por "missão" alimentar a "fé" dos já apontados, por aquelas autoridades, "74 milhões de católicos brasileiros"...

Só queríamos saber de onde teriam "extraído" tantos milhões de católicos, se, em 1960, tinham mais de 1.000 Seminários no Brasil, e **agora** têm menos da metade. Confrontemos mais: em 1913 o Seminário de Botucatu (S. Paulo) tinha mais de 100 alunos; em 1948, tinha 60; e em 1968, apenas 2...

É um fato já sabido e comentado que, no mundo inteiro, por ano, uma média de 2.500 padres abandonam o sacerdócio. Somente no Brasil, — informes criteriosos acentuam — mais de 500 padres casaram nos últimos anos e tiveram as ordens suspensas.

Mas — repitamos — onde colocarmos esses "74 milhões" de pretensos católicos, se fontes insuspeitas já estimaram os umbandistas em mais de 30 milhões? Nesse paralelo, sabemos existir como **protestantes** (de um modo geral) mais de 4 milhões, exclusive 3 milhões dos chamados de **pentecostais.** E os cardecistas que também são milhões por todo Brasil? Haja vista que mesmo o falho recenseamento de 1960 já acusava mais de 5 milhões de Espíritas declarados; atualmente, — dizem os meios cardecistas autorizados — estamos perto dos 15 milhões (um dos maiores teólogos da Igreja Católica, o já citado Frei Boaventura, chegou a ressaltar, um tanto ou quanto erroneamente, que: — se bem que a população total do Brasil tenha crescido, entre 1940 e 1950, de 26%, a população católica cresceu somente de 24%; a Protestante superou com 62% e a Espírita (cardecista) com 78%). Isso até 1950. E de lá para cá? É claro que não quis dizer que a população dos chamados de crentes dos cultos afro-brasileiros deixou tudo isso para trás... E a corrente dos Rosacruzes e dos Teosofistas (dentre as quais, são às centenas os que praticam a Umbanda e até como médiuns registrados nos terreiros)?...

E assim, porque admitir-se apressadamente, exageradamente, que a população do Brasil (nessas alturas já vai ultrapassando à casa dos 120 milhões) **é quase toda católica?**

Convém ainda frisarmos essa outra dura verdade: 70% dos brasileiros que se dizem ou que são apontados como católicos "por tradição familiar" freqüentam as Tendas, Centros ou Terreiros de Umbanda, os Candomblés e até mesmo... as "macumbas"...

Inúmeros são médiuns deles, quase todos assíduos freqüentadores ou declaradamente simpatizantes. Tudo o que querem de excepcional ou que possa influir decisivamente

em seus estados de consciência ou emocionais, inclusive por questões materiais etc., etc., etc., **é lá, nos terreiros,** que eles vão buscar socorro, lenitivo, curas ou um apoio qualquer...

Todo esse portento umbandista que traduz condições psicológicas ou anímicas de imensa parcela do povo pode ser visto, sentido e aferido, no dia 31 de dezembro, em quase todas as praias do Brasil, notadamente da Guanabara, Estado do Rio, São Paulo (em Santos), Bahia, Pernambuco etc, quando elas se enchem de milhares e milhares de adeptos dos cultos afro-brasileiros, nos chamados festejos de **YEMANJÁ**. Por lá estão ricos e pobres, pretos, mestiços e brancos, tudo misturado...

E mais ainda: quem quiser continuar vendo o que é Umbanda, vá dar um giro pelas **cachoeiras** (lindas, magníficas, conforme existem) nos dias 30 de setembro, 4 e 8 de dezembro, que verá **romarias** de **crentes e de terreiros**, e filas de automóveis, ônibus etc, (vejam o documentário fotográfico).

Vejam também o que se passa no dia 27 de setembro, quando toda criançada do Brasil vibra aos milhões, em busca de doces, guloseimas diversas e de brinquedos, nos festejos tradicionais dos "Cosme-Damião" (sincretismo afro-católico-ameríndio).

Esse aspecto típico, colossal, é **peculiar** à mística ou à fé dos umbandistas e **não de outra religião**... Quem faz festejos e distribui oferendas de doces etc. são os terreiros e as milhares de casas particulares, onde claramente se identifica que, ou são declaradamente de umbandistas ou que assim estão procedendo porque já estão se integrando nessa crença tradicional.

E para ainda demonstrar o poder místico da massa de adeptos dos cultos afro-brasileiros, apontamos esse outro fenômeno denominado de S. Jorge (que veio a ser assemelhado com o OGUM dos terreiros).

Houve uma certa época em que a Igreja Católica no Brasil pretendeu, mormente na Guanabara e em São Paulo, limitar ou mesmo pôr em **recesso** as festas anuais desse "santo guerreiro", que se processavam no dia 23 de abril, e cuja Igreja está situada na Praça de Santana, devido a uma **instrução** do Vaticano que dizia ser esse personagem mais uma lenda ou uma inverdade histórica.

Esses festejos que culminam com romaria à imagem, alvorada de clarins, banda militar etc, e a sua famosa procissão, atrai uma enorme massa popular (a par com a sua movimentação por todos os Terreiros), **cuja maioria** é composta

dos adeptos dos culto afro-brasileiros, que ali comparece devido a esse fenômeno místico chamado de sincretismo.

Pois bem! Dissemos que pretenderam limitar e houve até acentuada retração, lá pelos anos de 1961-62. Todavia a reação psicológica do povo foi grande e tudo teve de continuar **tudo como dantes, quartel-general em Abrantes.**

Essa instrução, que provocou essa reação místico-religiosa e conseqüente intensificação de fé nos terreiros, foi dada a público, através de "O Jornal do Brasil" de 9 de abril de 1961, com o título: "Igreja quer menos festas" e assim rezava: "A Sagrada Congregação dos Ritos distribuiu no Vaticano uma **instrução** a todos os bispos e superiores de Ordens religiosas recomendando que as festas de Nossa Senhora e as de Santos, de caracter universal, devem prevalecer sobre as festas regionais, reduzindo-se sempre que possível **as festas de devoção**, que constituem, pelo seu grande número, uma herança da Idade Média.

A **instrução** revela sua importância ao mandar suprimir a festa de Santa Filomena (2 de agosto), tal como já foi feito com a de São Jorge, pois se verificou que nenhuma dessas duas personagens correspondia à verdade histórica"... (no ano de 1969 o Papa com uma só penada cassou para mais de 30 santos, de uma só vez). Registrar esse processo de aculturação místico-religiosa que envolve as tradições, crenças e costumes ritualísticos e conhecimentos especiais desses grupamentos que estão generalizados como de Umbanda e que inegavelmente promovem a parte mais viva e atuante do folclore brasileiro, mormente dos últimos tempos e dessa atualidade, não é tarefa fácil.

Os que costumam escrever ou falar sobre isso têm se louvado mais nos estudos de pesquisadores e etnólogos que se pautaram na observação de grupos religiosos espiritualísticos exclusivos e situados no Estado da Bahia, os últimos há quase 20 anos e outros de 30 e daí para mais de 70 anos.

Não estão bem atualizados com as outras modificações ou amalgamações que se fixaram definitivamente...

Basta nos reportarmos ao seguinte: talvez os únicos que ainda conseguiram registrar com bastante fidelidade muitos aspectos do tradicionalismo religioso afro foram Nina Rodrigues, primeiro; depois, Basílio de Magalhães e Donald Pierson e ultimamente Edison Carneiro, assim mesmo — repetimos — quase todos o fizeram em Salvador (Bahia).

De tudo aquilo que sobrou, se espalhou e se fixou, por outros Estados, especialmente na antiga Guanabara, de ma-

neira diversa e particularíssima, não houve ainda um fiel registro desses acontecimentos...

E isso é fácil de se aquilatar quando se verifica que, jamais, em terras de África, existiu **culto aos orixás**, iguais a esses do Brasil, ditos como Candomblés, Umbanda e "Macumbas"...

Dessas questões ou desses senões trataremos na segunda parte. Assim, para que façamos um registro autêntico da atual **vivência** dos cultos afro-brasileiros, é necessário **apontá-la em três aspectos**, que, forçosamente, terão que ser classificados dessa forma:

1º aspecto — o da **vivência** religiosa, mística, ritualística dos cultos africanos, no Brasil, dentro das sucessivas amalgamações de seus **rituais de nação**, no que tange às suas práticas fetichistas, vinculadas às suas crenças tradicionais sobre Orixás, Voduns, Inkices e Bacuros — considerados como divindades. Esses são os que devem ser denominados de Candomblés (uma mistura pura desses rituais). Mas esse aspecto se desdobrou, apresentando uma **nova face** — com o chamado de "Candomblé de Caboclo", que surgiu por força de uma 3ª mistura com a aceitação das **sessões de caboclo**, que introduziu e adaptou concepções, ritos e espíritos da corrente indígena, dita como ameríndia.

2º aspecto — o da **vivência** que está enfeixada em todo um sistema de crenças, crendices e superstições, calcada nos rituais e nas práticas produzidas pela **mistura** da **degeneração** dos ritos africanos com as sub-práticas ritualísticas de nossos índios, denominadas de **pagelança**. Nesse aspecto também promovem e cultuam as manifestações espiríticas relacionadas com as divindades dos cultos africanos — os orixás; bem como adotam entidades da teogonia ou da mítica indígena...

É, realmente, um outro aspecto do candomblé de caboclo que degenerou. A este o povo chama de "macumba" ou ainda de "baixo espiritismo" Os mais entendidos dizem como "catimbó". E os estudiosos ou iniciados da corrente umbandista qualificam de **quimbanda ou banda da magia negra**.

3º aspecto — Esse é o que ressalta a **vivência** mística, religiosa, mediúnica, cabalística e filosófica da Umbanda propriamente dita e considerada, que eclodiu por dentro dessas coletividades, empolgando seus crentes e se destacando num gigantesco movimento de **protesto, seleção e destaque**, com duas características especiais: **uma**, de adaptação sobre os orixás e a **outra** com a **implantação inédita** dos espíritos dos

"**pretos-velhos ancestrais**" (2), já que tinha a supremacia dos de **caboclos**, a par com a introdução, também, dos espíritos de criança (fenômeno a ser explicado na 3ª parte). Esse dito 3º aspecto é o que atraiu e fixou em sua vivência milhões de adeptos, de todas as categorias sociais e a maior parte dos "católicos por tradição familiar". Pode ser, historicamente, uma outra parte do dito **candomblé de caboclo** que se purificou pela influência direta da corrente indígena ou amerín-dia... **ancestral (3)**

Então acabamos de descrever sinteticamente os 3 aspectos anímicos ou psicológicos que, inegavelmente, existem por dentro das massas populares do Brasil e, portanto, influenciando decisivamente suas tendências atávicas, religiosas, místicas e por extensão suas crendices e superstições...

Nosso objetivo nessa obra, foi, portanto, o de, mais, muito mais, registrar essa vivência, nesses três aspectos... porque, como tudo isso está irmanado à alma popular, através de seus valores emocionais, aflorando continuamente em seus motivos musicais, nas canções, nos sambas, etc, não deixa de ser também um documentário de um dos maiores ângulos da realidade popular.

Todavia é preciso que o leitor compreenda desde já o seguinte: cada um desses 3 aspectos, Candomblés, Macumbas e Umbanda, é um fator à parte, com determinadas ações a efetuar, dentro da sistemática ritualística que lhes é peculiar e que define o campo vibratório **alcançado e usado**. Contudo estão interrelacionados por injunções místicas, espiríticas, particulares, especiais e fenomênicas... principalmente no âmbito da **magia**.

Esse interrelacionamento pode ser compreendido num sentido mais "terra-a-terra" possível, como a movimentação que os adeptos ou crentes fazem entre esses setores; uns para se fixarem; outros para se libertarem ou subir de um para outro etc.

Nós, que vivemos há 40 anos observando, estudando, pesquisando e anotando o gigantesco movimento dessa coletividade, podemos assim estimar e distribuí-la pelos **Terreiros** do Brasil, na seguinte percentagem:

(2-3) Ancestrais, no sentido implícito dos Espíritos, quer indígenas, quer africanos, antigos, que, já isentos das reencarnações, ficaram radicados no campo-astral do Brasil.

30% Nos Terreiros de CANDOMBLÉS ou cultos africanos misturados entre si, ditos também como **rituais de nação**, com 10%; e 20% para os já misturados com as sessões de caboclo — assim denominadas como **candomblés de caboclo**, que estão 80% centralizados nos Estados da Bahia, antiga Guanabara e Rio de Janeiro.

30% Nos Terreiros de MACUMBAS, ou seja, daqueles tipos de grupamentos mistos já descritos, aos quais damos as denominações de QUIMBANDA ou magia negra, que estão mais centralizados pelas regiões da antiga Guanabara, Estado do Rio e São Paulo (60%), e em outros Estados existem e são os mesmos com as denominações de "Xangôs do Nordeste", Babassu, Culto Mina, Pagelança ou Catimbó... com os restantes 40%.

40% Nos Terreiros (CENTROS, TENDAS, CABANAS) da UMBANDA propriamente dita e considerada (ver dissertação na parte competente) que estão mais centralizados proporcionalmente pela antiga Guanabara (30%), S. Paulo (25%), Estado do Rio de Janeiro (25%) e Rio Grande do Sul (15%), e espalhados por outros Estados com os restantes 5%...

OBS.: ver na 2ª parte um esquema explicativo, pelo qual o leitor vai entender bem essa complexa classificação, derivação e interrelacionamento.

Bem... Ao termos assim qualificado — parecerá ao leitor leigo que **tudo isso** foi um **movimento de promoção total** sustentado e incrementado por uma maioria composta de grupamentos negros... Não! Já foi... até uns 50 anos atrás, quando esse movimento de Umbanda ainda não tinha se definido completamente. De lá para cá, perderam em 60% essa supremacia, devido a não poderem competir e nem acompanhar a nova sistemática doutrinária surgida, por força do intercâmbio e das injunções culturais, que **promoveram inovações**, a par com os níveis de cultura dos **negros** que **permaneceram baixíssimos**.

Porque a maioria desses grupamentos foram crescendo, crescendo e se modificando com a respectiva introdução e aceitação geral, neles, do elemento branco (**branco** no Brasil, no sentido de um padrão típico r a c i a l — conforme a maior parte do **povo norte-americano entende ser** e por isso

discrimina, isto é, praticando o segregacionismo ostensivo, duro, humilhante, em cima do qualificado por lá como "colored" — não se encontra em 80% de sua população, que é oriunda de três raças: a branca, a negra e a indígena. Como **branco**, o brasileiro geralmente admite a toda criatura que tenha a pele branca, morena clara ou simplesmente morena, contanto que tenha o **cabelo bom**. E como mulato, mestiço ou crioulo, a qualquer pessoa morena ou escurinha, mesmo que o cabelo seja **escadinha**, isto é, com as encrespações naturais que caracterizam a sua origem negra) o qual acabou mesmo sendo maioria, tomando a vanguarda e o domínio, mesmo porque negro puro, no Brasil, em vez de ir crescendo ou se multiplicando, subdivide-se em sucessivas mesclagens.

Para darmos uma idéia bastante correta dessas condições, vamos lembrar que já em 1872 (quando a população do Brasil era mínima) a proporção de negros era 16%.

Dando um grande pulo para 1950, ano em que nossa população global já alcançava a casa dos 60 milhões, o recenseamento geral dava a sua proporção em 10%.

De lá para cá (1970), que essa população já está perto dos 90 milhões, a percentagem de negros é inferior a 7%.

Como se vê, o elemento negro puro está desaparecendo por absorção. É um fenômeno de miscigenação, ou seja, houve acentuada e constante mistura com elementos de outros padrões raciais, pois, proporcionalmente, o **mulato ou mestiço** foi crescendo, nessas percentagens: em 1940 eram de quase 22%; em 1950, eram de 30%; e atualmente já são estimados em quase 39%, em nossa população global.

Evidentemente nas veias do brasileiro corre o sangue do africano — já o dissemos — tanto quanto o do índio e o do branco.

No Brasil deixou de existir preconceito racial ostensivo, mas ainda há uma espécie de **discriminação social** bem marcante em relação ao negro, não obstante a Lei Afonso Arinos (de 1951) que, **oficialmente**, acabou com a discriminação racial.

Quanto à discriminação social, pode ser bem notada, principalmente nos estabelecimentos comerciais ou nas empresas que têm contatos diretos com o público, assim como nos ramos de publicidade, turismo, relações públicas, bancos, salões de beleza, barbearias, nos bares e restaurantes, bem como nos estabelecimentos lojistas, livrarias etc...

Acreditamos que isso acontece mais por causa da vivência cultural e especializada do negro brasileiro, **que ainda é baixíssima**; é também por isso que ele continua oferecendo séria resistência ao movimento evolutivo da Umbanda.

Vejamos ainda algumas estatísticas bastante atualizadas (que extraímos de um extenso artigo especializado do "Jornal do Brasil" de 12-5-68) as quais estão confirmando os motivos diretos e reais dessa resistência que apontamos.

O acesso dos negros às escolas e empregos continua sendo ínfimo, mesmo muito depois da abolição do cativeiro e, durante esses 80 anos de decorrência, a maioria deles ainda habita nas favelas ou adjacências, e praticamente vive de uma renda mensal igual ou inferior ao salário mínimo (cento e oitenta e sete cruzeiros; uns quarenta e poucos dólares, mais ou menos).

Tomando como base a antiga Guanabara (onde as condições de ensino, cultura etc. são as maiores) para um confronto relativo e realista, verificou-se as seguintes participações proporcionais do elemento de cor: no ensino primário, 12%; no secundário, 10%; no superior, 3% apenas (nota: todavia, já no ano de 1969, o orçamento da Guanabara já dotara para a Educação uma verba de 317,43 milhões, a fim de promover (está anunciado) 85.000 bolsas de estudo, além da construção de mais 21 Ginásios, mais 1 Escola Técnica que será a maior do Brasil e mais 3 Escolas Normais, e ainda uma TV Educativa. Cremos assim que, pelo menos na antiga GB, o negro possa a vir se beneficiar, melhorando seu índice cultural porque, por extensão e correlação, podemos ressaltar ainda o seguinte:

No cômputo oficial certas autoridades afirmaram existir mais de 23 milhões de analfabetos no Brasil; porém, de outros setores, informam que vão a mais de 36 milhões.

Mas o que pretendemos evidenciar é o seguinte: — o fato de o indivíduo, somente porque passou pelo curso primário (também são incontáveis os que tiveram que sair no 2.º ou 3.º ano) e conseguiu aprender as leituras simples, assim, se arrastando, de acordo com a qualificação do termo, fica considerado como *alfabetizado*, mas, em verdade, o seu alcance intelectual, — por força daquela condição, — ficou estacionado num âmbito acanhadíssimo, com pouco ou quase nenhum discernimento, mormente no setor religioso, ritualístico, filosófico etc.

Ora, junte-se os analfabetos a esse tipo de semi-analfabetos e veja-se a *cultura do brasileiro* em que pé está, ou melhor, como foi conduzida até o momento...

Nos estabelecimentos de ensino militar (Colégio Militar, Escola Naval etc), essa participação alcança somente uns 8%.

Entre engenheiros, médicos, advogados, professores e economistas, participam com 1%.

Como Ministros de Estado e do Supremo Tribunal Federal, não sabemos da existência de nenhum elemento negro, bem como entre os Quadros de Oficiais das três armas (Aeronáutica, Marinha e Exército) a participação do negro é inferior a 5%, levando ainda em conta que, nos altos cargos de General e Marechal, Almirante e Brigadeiro, é quase inexistente.

No Itamarati, até o momento, não consta existir diplomatas pretos. Entre padres e pastores evangélicos o seu número é mínimo; e, como exceção à regra, a Igreja Católica tem um Bispo de cor negra, que é o da cidade de João Pessoa (Paraíba do Norte).

No rádio, no teatro e no futebol, porém, alguns negros têm se destacado muito.

Na política (participação baixíssima) antes da revolução de 1964, os seguintes informes podem dar uma idéia certa do valor pessoal de outros negros, que foram eleitos, **não** por um pretenso "poder negro" — que no Brasil não há disso mas por brancos, mulatos etc. etc. . Assim, entre deputados federais (2) e deputados estaduais (10), podemos somar os únicos 12 parlamentares. Senador não tem, por enquanto, nenhum.

O que visamos com esses confrontos estatísticos foi demonstrar a inferioridade social, econômica e cultural do negro brasileiro, para que fique patente que **não partiu dele**, isto é, **de seus grupamentos de candomblés** tradicionais, **diretamente**, esse Movimento de expansão, pujança, prestígio e ampla aceitação que veio se transformar na Umbanda do Brasil... Eles não tinham e ainda não têm, é claro, as condições que foram reveladas por outros elementos, com a formação de novos grupamentos religiosos, se bem que afins.

Todavia, também contribuíram para isso, através de suas revoltas, que aceleraram o 13 de Maio de 1888, libertando-os

do cativeiro secular e conseqüentemente os seus cultos foram tolerados, dando margem a que eclodisse esse citado Movimento de Umbanda, como imperativo de outras mentalidades, as quais resistiram, de mistura com a deles, às constantes perseguições policiais, que somente pararam com a Constituição (Carta Magna) de 1946, por força do artigo 141, parágrafo 7º, que garantia a prática de todos os cultos religiosos no Brasil.

Nós mesmos assistimos no Governo Getúlio Vargas, em 1935, a prisões em massa de tudo quanto a polícia admitisse como **macumbas**...

E finalmente: a abolição do cativeiro no Brasil foi o resultado de uma luta de mais de um século. Devemos levar na devida conta que ela, praticamente, iniciou-se com o livro do presbítero Manuel da Rocha, publicado em 1752.

Daí por diante surgiram novos abolicionistas, que foram conseguindo soluções parciais do governo imperial para esse crucial problema, através dos decretos sucessivos de 4 de setembro de 1852, e de 28 de setembro de 1871.

Até então o país era dividido em duas castas: a dos livres, que era a dos brancos privilegiados, no gozo de todas as prerrogativas de homens e de cidadãos e a dos escravizados, que era a dos negros, equiparados a animais de carga.

Essas condições vinham assim se arrastando, até que um movimento mais forte foi iniciado, com intensa propaganda oral e escrita; ressaltamos aqui a galeria dos maiores propugnadores do abolicionismo, a começar por José Bonifácio, Dr. Joaquim de Macedo Soares (o velho e o moço), Perdigão Malheiros, Tavares Bastos, Joaquim N a b u c o, Luís Gama, Joaquim Serra, José do Patrocínio e outros, bem como de Nysia Floresta Brasileira Augusta, além das quatro figuras representativas do Governo Imperial, que foram Eusébio de Queiroz, Silva Paranhos, João Alfredo e a própria Princesa Isabel.

Devemos lembrar que quem mais apressou a solução da Lei Áurea foram os próprios negros, que criaram os **Quilombos** — núcleos de revoltas formados e situados no interior das florestas, como o da chamada República dos Palmares, cujos chefes principais preferiram morrer lutando ou se suicidar, como foi o caso do negro Zumby, o maior chefe e mártir daqueles movimentos de libertação...

Passemos então, agora, mais diretamente para o ângulo histórico-religioso.

1.ª PARTE

ORIGENS E ACULTURAÇÃO DO ELEMENTO AFRICANO NO BRASIL. ZONAS EM QUE ADQUIRIRAM MAIOR INFLUÊNCIA, REVELAÇÃO, DESENVOLVIMENTO E SOBREVIVÊNCIA DE SUAS CRENÇAS E RITOS, COM BASE NUMA ORDEM DE DIVINDADES — O CICLO AFRICANO DE APÓS, 1551 AO ANO DE 1888, FOI UM CONTÍNUO PROCESSO DE AMALGAMAÇÃO. O CICLO AMERÍNDIO DE APÓS 1888 RESSURGIU APÓS SUCESSIVAS FUSÕES.

É sabido que, em épocas pré-históricas, raças que usaram os idiomas semitas e hamitas (semi-negras) chegaram a liderar quase todo mundo ocidental, muito antes que as denominadas raças indo-européias tivessem feito o seu aparecimento histórico.

Tanto assim foi que povos negros e indianos construíram impérios e possantes civilizações, muito antes daquelas.

Segundo registraram historiadores árabes do passado (4) a **raça negra** já dominou o mundo conhecido de então, chegando até a invadir o sul da Europa, sendo repelidos, depois de muita luta, por alguns povos de raça branca, mormente os que habitavam as zonas mediterrâneas.

A recordação dessa interpenetração e desse domínio da raça negra se apagou da lembrança dos povos brancos, porém, sem ter deixado certas impressões anímicas profundas, assim como a idéia religiosa de que o **diabo** era de cor **preta**; se bem que os negros levassem consigo, também, a idéia de que o tal diabo só podia ser de cor **branca**.

Naqueles tempos pré-históricos os negros ergueram construções ciclópicas e dali ameaçavam em constantes incur-

---

(4) Assim com Abul Ghazi, História Genealógica dos Tártaros e Mohamed-Moshen, historiador dos Persas, William Jones, Asiátic Researches I. Discurso sobre os Tártaros e os Persas etc...

sões guerreiras outros povos circunjacentes. Uma teocracia absoluta era o tipo de sua organização social. Seus sacerdotes tinham o direito de vida e de morte. Eles chegaram a possuir conhecimentos profundos, de astrologia, das ciências gerais e até de medicina. A essa ciência dos sábios da raça negra deram o nome de Sabeísmo, devido a terem erguido Templos poderosos, no alto Egito, na Índia e na Ásia.

Todavia, os povos de raça negra sofreram um tremendo desgaste social, étnico, religioso e moral, nos últimos milênios, desde quando foram obrigados a **recuar** de suas zonas de conquista para aqueles redutos onde acabaram se fixando, tais como o sul da Índia, Oceania, Nordeste Africano etc., de onde haveriam de sair posteriomente, em novas incursões guerreiras e mais ainda por um processo de migrações para os grandes espaços vazios de terras da África Central e do Sudoeste Africano, onde fundaram **grandes reinos**. No entanto, nunca se pôde precisar bem as causas reais, mas nessas alturas a raça negra já entrava no seu ciclo de declínio, surgindo degenerações gerais em suas ramificações raciais, se bem que núcleos poderosos dela houvessem se destacado e se isolado, conservando o caráter da raça, alguns sendo posteriormente conhecidos como os abissínios, os núbios etc.

Esse citado recuo se deu por causa de certos **cataclismos** (que a história religiosa dos povos chamou de dilúvios) que alteraram condições climatéricas e certas estruturas geológicas de continentes, obrigando esses povos de raça negra a se refugiarem em zonas que consideraram mais estáveis ou mais seguras...

E tanto é que houve — naquelas épocas — aquele apogeu e domínio de parte do mundo europeu e aquelas ciclópicas e poderosas civilizações, que muitos desses povos negros ainda souberam conservar parte desse poderio e dessa cultura, no atual solo africano, como foi prova o grande **Reino de Bênin**, que ficou situado no sul da atual Nigéria e que ainda em 1611 a 1620 era um Estado possante cujos habitantes manipulavam e exportavam tecidos lindos, brilhantes, para outras regiões, além de finos produtos metálicos e artísticos, conforme constatou o próprio Samuel Braun, natural de Basiléia, que foi cirurgião da marinha mercante holandesa e que fez três viagens à África, nesse período.

Tudo isso ele conta e mais um sem número de detalhes no livro que escreveu e foi editado em 1624. O cirurgião

Braun, por tudo que viu no reino de Bênin, ficou muitíssimo impressionado com a cultura e a civilização daquele povo negro. Por exemplo: — o soberano de Bênin, quando era eleito, recebia tal veneração e praticava costumes tão rígidos que, quando era visitado por embaixadores de outras regiões, esses não podiam ver o seu rosto; o soberano ficava sempre por trás de uma luxuosa cortina, e na despedida tinham que lhe beijar o pé, que ele estendia por baixo do cortinado.

Ficou positivado que as manifestações culturais na África não tiveram origem Islâmica, como era de praxe atribuir. As belas roupas e as lindíssimas togas que os africanos usavam eles já as tinham muito antes dos tempos e das assimilações religiosas da era de Maomé, bem como as organizações sociais peculiares dos Estados africanos, a par com a arte, a cuidadosa educação, a agricultura bem planejada, os ofícios etc., eram anteriores, de séculos, a tudo que existia na Europa Central.

Léo Frobenius, em seu livro "E a África Falou" conta que, "quando os navios europeus, no fim da Idade Média, aportaram na Baía da Guiné, os capitães admiraram-se muito. Estradas cuidadosamente traçadas, ladeadas de árvores por milhas sem conta; viagens que duravam dias e dias sem avistar outra coisa que ricos campos caprichosamente cultivados, gente usando magníficas roupas feitas de tecidos de fabricação própria! Os relatórios dos navegantes dos séculos XV a XVII não deixam margem a dúvida alguma de que a África que se estendia ao sul do Saara se achava então num estado altamente civilizado. Florescência que, em toda parte onde os conquistadores europeus puderam chegar, foi totalmente destruída. Temos provas de que os relatórios de d'Elbée, Demarchais, Pigafetta e outros eram verdadeiros."

Tudo isso existiu e somente se apagou e degenerou com o advento do **escravagismo**, que durante 400 anos cobriu de vergonha, sangue, lágrimas, crueldades, ambições e subornos as relações afro-ocidentais, ou entre a Europa Medieval e o Continente Negro.

Atesta ainda tudo isso o antigo **Reino do Congo**, onde o Almirante português Diogo Cão aportou em 1482, recebendo a bordo negros bem vestidos com roupas de algodão, os quais lhe informaram serem súditos de um poderoso **Mani-Congo** ou Grande Soberano. Puderam constatar ainda que era um país muito bem organizado, havendo corte e funcionalismo para o serviço de cobrança de taxas e impostos de seus habitantes, e de direitos alfandegários, além de um padrão mo-

netário, através da concha do **cauri** (espécie de búzio), que posteriormente veio a servir de moeda corrente.

Esse reino controlava toda uma extensa área que ia desde o Gabão até Angola e do Atlântico até as ditas como Quedas do Stanley.

Em suas incursões à cata de escravos, chamados de "marfim negro", os portugueses deram com outro importante **núcleo** da antiga cultura negra, que sobreviveu e se fixou na costa do sudeste africano e que foi apontado como o grande "Reino de Simbabve", — uma misteriosa cultura, já então dominada por conquistadores **Bantos**, que surgiu como um possante Estado Negro, de 400 mil quilômetros quadrados e com uma população que variava entre 3 a 4 milhões de habitantes. Esse contato direto dos navegadores portugueses se deu no ano de 1499.

Esse Reino era governado por um "Mona-Montapa", título que adquiria o soberano eleito, também denominado de "Senhor das Minas" ou Rei do Ouro. Esse grande país de então já comerciava com os marujos dos navios que faziam o Oceano Índico, principalmente com **ouro e escravos**, em troca de produtos manufaturados.

Assim, quando os portugueses chegaram (já em 1499) foram **tratados por igual** e ainda tendo que se curvarem respeitosamente aos pés do "Mona-Montapa", isso de joelhos, com os cotovelos apoiados no chão, e falando sem encarar o soberano negro, além de baterem palmas, entre uma frase e outra, pois era uma praxe respeitosa.

Os lusitanos só conseguiram dominar esse Reino após as invasões do grupo denominado **Rosvi**, cujos negros invadiram o seu território, no ano de 1700, e do outro qualificado como dos **Nguni**, que durante o século XVIII também incursionou com lutas sangrentas, várias vezes, enfraquecendo o Reino de Simbabve e minando suas reservas. O interessante foi que os portugueses também tentaram dominá-lo pelas armas, diversas vêzes, sendo derrotados sempre, pelo seu exército, cuja elite era composta de mulheres guerreiras, que tinham o seio esquerdo destruído, para melhor manejarem o arco e a flecha.

Houve mais reinos poderosos e despóticos assim como os de Daomé, Yoruba e outros que ainda se aguentaram sem o domínio total do elemento branco até os finais do século XIX.

Mas o que podemos apontar como um dos principais, quiçá o maior fator histórico da **decaída** da raça negra

(aqui não compete falar dos fatores morais ou de reajustamentos cármicos disciplinares que essa raça atraiu e conseqüentemente passou e ainda passa; no entanto podemos "profetizar" que já estão no início de um novo ciclo cármico ascendente, durante o qual vão se libertar de jugos estranhos) em suas subseqüentes degenerações de após o ano 1000 de nossa era? Tudo indica ou aponta para a **escravidão**...

É certo que europeus tiveram contatos com o mundo Islamita durante os séculos XII, XIII e XIV e que conheceram homens de cor negra, porém os consideraram assim ligeiramente e por falta de maiores conhecimentos, como sendo certos tipos de "mouros-escuros" ou de árabes de raças cruzadas, tanto é que já entre 1405 e 1413 um naturalista francês, de Toulouse, de nome Anselm d'Ysalgueirs, que era médico também, por motivos que não foram registrados, chegou a viajar pela antiga região do Niger, e na cidade de Goa acabou se casando com uma moça negra. Voltando à França ela lhe deu três filhas, mulatas de grande beleza, vindo uma delas a ser a mãe do general francês Maurou de Faudoas.

Assim é que no tocante ao fator apontado, possivelmente, **a verdadeira desgraça da raça negra** começou mesmo lá para o ano de 1434, quando um ambicioso lusitano chamado Gonçalves (que aconteceu lá para as bandas da Guiné), **sentiu** que **podia negociar o preto**, espalhando e usando desde logo a idéia.

Naturalmente e por causa disso (registros portugueses e árabes o indicam), logo a seguir, em 1441, o seu conterrâneo Nuno Tristão, que andava fazendo um cruzeiro nas águas do Cabo Branco, conseguiu aprisionar 165 pretos, entre homens, mulheres e crianças, nos seus navios, depois de os ter atraído com presentes e gestos amáveis, levando-os logo para Lisboa, onde eles causaram sensacionalismo.

Por força desse acontecimento foi que começou a verdadeira **via crucis** dos pretos africanos, porque logo a seguir deram início à **caça ao escravo** ou à era do escravagismo e das conquistas do imperialismo europeu no Continente Negro.

Então os portugueses se organizaram para tal comércio, de par com os árabes, pois, inegavelmente, eles foram os precursores do tráfico negro, com seus navios negreiros, intensificando dessa forma um sistema de suborno e de perversão na vida dos africanos, de vez que não demorou muito para

que os próprios reis e chefes tribais deles passaram a ser os melhores fornecedores do **marfim negro**... era só os navios aparecerem nas praias africanas para os chefes chegarem oferecendo trocar escravos por mercadorias diversas.

Em conseqüência disso foi que surgiram os grandes centros mercadores que visavam mais esse tráfico, tipicamente denominados de Costa do Ouro, Costa da Pimenta, Costa do Marfim, Costa dos Escravos etc., e que, posteriormente, lá pelas alturas do ano 1521, — com a introdução dos mercadores norte-americanos, se estenderam até Lagos e Angola.

Lá para as bandas do Senegal, em 1446, **um chefe tribal negro trocava 25 escravos por um cavalo velho; no Congo chegava a trocar, também, 22 pretos por um cão gordo, forte...**, mas, no princípio, o preço comum de **uma peça dessa mercadoria**, entre os portugueses, atingia 100 ducados.

Mas a concorrência estrangeira (ingleses, turcos, arábes, norte-americanos, holandeses, franceses) foi tão grande que depois a mercadoria teve que baratear nos **centros consumidores.** Esses mercadores de escravos usavam de todos os meios para adquiri-los, indo até à exploração das rixas tribais, incrementando o ódio e as vinganças, pois não **tinham dó, jamais tiveram pena**... Cenas como essa que Azurara (um cronista português) descreveu eram comuns em toda parte: — "os prisioneiros foram trazidos para terra. Eram pretos e tão feios de rosto e de figura que davam impressão de pertencerem a um mundo inferior. Mas quem teria o coração tão empedernido que não sentisse compaixão por eles? Alguns entre eles baixavam o rosto banhado de lágrimas, outros dirigiam o olhar ao céu e lamentavam-se. Outros ainda davam de punho fechado no próprio rosto e em seguida lançavam-se ao chão. Alguns entoavam cantigas de lamento e, embora não entendêssemos as palavras, os sons eram tão dolentes que nos comoviam. Os sofrimentos deles eram aumentados quando os capatazes desmanchavam as famílias — separavam crianças de seus pais, marido de mulher, sem considerações nem piedade. Mal terminara a primeira separação, porém, os filhos correram para junto dos pais, e as mães abraçaram seus filhos desesperadamente. Estendiam-se no chão e nem gemiam quando a chibata lanhava seus corpos despidos — suportavam tudo na esperança de que lhes permitissem conservar os filhos, mas em vão".

Então quando eram transportados nos nauseabundos navios negreiros, todos sabem que iam acorrentados nos

porões, e, se morriam, ficavam moribundos e mesmo doentes, eram logo jogados ao mar, porque os consideravam já como uma **mercadoria podre** que podia contaminar as outras. Esses acontecimentos também foram comuns aqui no Brasil da época.

Assim, como ressaltamos em linhas singelas a origem histórica do elemento negro, passemos agora para as suas suborigens nas terras brasileiras, para podermos entrar no ângulo místico religioso e ritualístico dele, que é motivação dessa obra.

O Brasil, lá pelas alturas do ano 1551, era uma Colônia de Portugal, isto é, já tinha sido "descoberto" (historicamente) pelo navegador português Pedro Álvares Cabral, desde o ano de 1500.

Os lusitanos que por aqui tomaram posse "com armas e bagagens" muito tiveram que lutar a fim de consolidarem suas posições de conquistadores e posteriomente de exploradores da "nova terra".

De princípio logo verificaram não ser possível utilizarem a contento o **braço escravo do elemento nativo,** ou seja, **dos índios,** dado a sua natural altivez e índole de absoluta independência, pois eram, de fato, os verdadeiros donos das **terras** brasileiras, as quais já eram denominadas por **eles mesmos** de BRAZILAN, que no NHENGATU(base do idioma tupiguarani) chamada de "língua boa, língua sagrada", significava "terra da luz ou terra das estrelas"...

Nem a "ferro e fogo" conseguiram fazer do índio um **escravizado,** nos moldes do que fizeram com os africanos.

As lutas e as constantes reações do elemento nativo foram intensas. Mesmo quando eram aprisionados pelos célebres "capitães do mato" e destinados a cultura da terra, pouco produziam e acabavam fugindo ou até mesmo morrendo de tédio ou acabrunhamento.

Dado a esses fatores foi que os dominadores portugueses resolveram importar o elemento africano, cujo trabalho escravo já vinha sendo utilizado em outras partes do mundo, inclusive por eles, já o dissemos.

Então foram adquiri-los e para aqui os trouxeram, de várias regiões da África, — do Dahomey, Uganda, Nigéria, Angola, Moçambique, Costa da Guiné, etc. Agora o que convém repetir para que fique bem gravado, é o seguinte: não foi metier **exclusivo** do elemento branco a invasão daqueles territórios e outros mais, a fim de **caçar negros a laço,** para vendê-los. **Os potentados negros já haviam adquirido esse**

costume, desde suas antigas relações e contatos com os povos árabes.

Portanto, eles eram comprados diretamente e aos milhares, anualmente, isto é, trocados por mercadorias diversas, com os próprios de sua raça, que eram seus chefes tribais, seus reis, assim como os do Reino de Andra e Whydah (Ajudá), que lá pelas alturas de 1708 eram duas potências em riquezas e floresciam cada vez mais a custa do tráfico negro, pois em suas cidades se encontravam os únicos mercados de escravos da chamada Costa dos Escravos e tanto é que, por esse motivo e pelas invejas e rivalidades existentes, acabaram sendo destruídas, entre 1820 e 1830, pelos Daomanos. Depois, muito depois, uma delas foi reconstruída e passou a ser chamada de Alada.

A partir daquelas injunções iniciais entre os portugueses e os índios (incapacidade deles para o trabalho escravo) e posteriormente com a presença dos negros escravos, é que começa realmente a história dos cultos africanos no Brasil, a qual vamos fielmente contar e da forma mais simples possível, de vez que estamos endereçando esse livrinho mais ao entendimento popular.

Historicamente, a chegada dos primeiros negros ao Brasil está registrada mesmo no ano de 1551, e como escravos, é claro (5).

Daí por diante é que foi crescendo o tráfico deles, através dos famosos e decantados navios negreiros... notando-se que, dos fins do século 17 aos princípios do século 18, a intensidade desse fornecimento estava a cargo de dois mulatos brasileiros de nomes Felis de Souza e Domingos Martins que estavam radicados no decadente reino de Yoruba, que naquele tempo estava dominado pelos Fulbas, com os quais tinham contratos, promovendo para o Brasil a vinda dos maiores e melhores contingentes escravos, jamais igualados por outros mercadores, despejando levas e mais levas de negros yorubanos ou nagôs, principalmente para o Estado da Bahia. É claro que, aqui chegados, logo eram comprados e distribuídos pelas regiões a que se destinavam, a fim de trabalharem nos Engenhos de Açúcar, nas Fazendas, na cata dos minérios etc.

---

(5) Isto é — nessas alturas e por força do movimento colonizador, porque há divergência em datas. Bem como, aqui, não nos interessa falar do Brasil da era pré-Cabralina.

Alguns pesquisadores e etnólogos, ao estudarem a cultura negra no Brasil, lutaram com as maiores dificuldades, pois que somente começaram tal mister muito tempo depois da chegada dos africanos, como foi o caso de um dos autorizados e antigos dentre eles, o Professor Nina Rodrigues (que era médico, também), cujos trabalhos se processaram entre 1890 e 1899 e estão complementados em sua obra "Os Africanos no Brasil".

Dessas pesquisas de Nina Rodrigues e outros, ficou-se certo de que, dos milhares e milhares de africanos que aqui aportaram como escravos, os maiores contingentes saíram, principalmente, de três grandes áreas, a saber; do Congo, do Golfo da Guiné e do Sudão Ocidental.

Dessas áreas, dois grandes grupos prevaleceram no Brasil, em cultura e em quantidade, que, para um **entendimento direto sobre a vivência mística-religiosa** deles, podem ser selecionados e classificados assim:

- **SUDANESES**
  - Cultura dos Grupos de Nações dos:
    - Haussás — Com influência muçulmana. Grande parte foi localizada no Estado da Bahia. Obs.: quase todos foram massacrados na revolta de 1813.
    - Tapas ou Nifés — Os maiores grupos foram localizados na Bahia.
    - Mandingas ou Mandés — Grande parte localizada na Bahia.
    - Fulás ou Filanins — Pequenas levas ficaram na Bahia.
    - Yorubanos ou Nagôs — Quase todos foram centralizados na Bahia.
    - Aschantis ou Minas — Grande parte encaminhada para o Estado do Maranhão e pequenas parcelas para o Estado do Rio de Janeiro e Bahia.
    - Ewê ou Gêge — Maior parte para a Bahia.

BANTUS	Cultura dos Grupos de Nações dos:	Congos ou Cabindas	Distribuídos por: Estado do Rio de Janeiro, São Paulo, Pernambuco, Ceará, Pará.
		Angolas ou Ambundas	Distribuídos por: Estado do Rio de Janeiro e antiga Guanabara.
		Benguelas, Moçambiques, Cassanges, Fernando-Pó	Distribuídos por: Rio de Janeiro e antiga Guanabara.

Esses Grupamentos de Nações Africanas (daquelas épocas) vieram falando vários dialetos (ou línguas). Todavia, somente duas divisões se tornaram **gerais** e passaram a predominar no Brasil: **uma**, do Grupamento Central ou Sudanês, que foi a NAGÔ ou Yorubana, adotada quase de um modo geral na Bahia; e a outra foi a KIBUNDO ou Conguesa, do Grupo Bantu ou Austral, que foi a que mais se distinguiu do Norte ao Sul do país.

Podemos entender como bem disse Nina Rodrigues: "cada uma pode bem ser tomada como representante de seu grupo"...

Foram, essencialmente, desses **dois grandes grupos**, a procedência da maior parte dos negros escravos do Brasil, **cuja seleção natural de valores místicos-religiosos com seus rituais de nações se impuseram e mais prevaleceram** e, conseqüentemente, foram as que decididamente **influíram** na **sobrevivência de suas crenças e ritos tradicionais**.

E, para que se tenha uma idéia **real, limpa e precisa** sobre esse tema dos Cultos Afro-Brasileiros e Umbanda do Brasil, é preciso dividir a sua **História religiosa** em **duas grandes etapas** místico-ritualísticas: a uma, podemos denominá-la como a do CICLO AFRICANO, que veio se processando do após 1551 a 1888 (ano da abolição do cativeiro); e a outra, a do CICLO AMERÍNDIO, que deve ser contada do após 1888 aos nossos dias...

Então, vamos descrever singelamente o que foi o Ciclo Africano, ou seja, aquele extenso período em que **prevaleceu mais** nos motivos e na mística popular a sua **influência direta**, através de suas crenças, crendices, ritos fetichistas etc.

As zonas do Brasil consideradas de maior afluência e influência dos africanos foram os Estados da Bahia, Pernambuco, Rio de Janeiro, incluindo a antiga Guanabara (antigo Distrito Federal), Maranhão, Minas Gerais e Norte de São Paulo.

Essas regiões muito ficaram a dever ao negro, que, "com sangue, suor e chibata", construiu as suas riquezas, isto é, plantou, semeou, uma imensa extensão do território nacional...

Inegavelmente, em sentido objetivo, devemos muito mais ao elemento negro do que, propriamente, ao nosso indígena. Mais de um quarto do sangue que corre nas veias do brasileiro é de origem africana, e foi dele que recebemos e conservamos muitos dos nossos costumes... pois penetrou muito na nossa vida afetiva. O Brasil é, incontestavelmente, uma nação sem **preconceitos raciais ostensivos**.

Nos fins do século atual, o elemento "colored" — convém repetir — aqui não é discriminado por causa exclusiva de sua raça ou cor. Se há certa discriminação, essa se prende mais a uma questão de cultura ou de padrão social, nas profissões ou empregos, etc., e, assim mesmo, pelos fatores ligados a incompetência ou falta de preparo. De um modo geral ele entra e convive com o branco, onde quer e **pode**. Excepcionalmente nos grandes hotéis (onde o tráfego de estrangeiros é grande, costumam se lhes apresentar certas barreiras — assim mesmo se não for um "colored" famoso) e nos grandes clubes (society) em que acontece haver uma preponderante seleção.

Bem, voltemos ao fio da meada antiga. Assim, logo que foram se aclimatando, tomando contato com os costumes da nova terra, os negros escravos começaram a sentir diretamente o poder do branco escravagista, que, além das imposições ferozes sobre o trabalho, também pretendeu **impor-lhes a sua religião**.

Naqueles tempos, quem dominava única e exclusivamente era a Religião Católica Apostólica Romana, a qual, através de seus sacerdotes, lutou por catequizá-los, usando muito de um processo psicológico, qual foi o de **assemelhar** os seus Santos com certas Divindades tradicionais deles — africanos, processo esse que, de um certo modo, surtiu efeito em grande parte, visto muitos terem se convertido e outros terem misturado mesmo uma coisa com a outra.

Desse esforço dos sacerdotes católicos dominantes foi que nasceu o chamado de **sincretismo afro-católico** — o qual, por incrível que pareça, permaneceu até agora, porém, dentro de certas nuances, que serão explicadas no decorrer desse estudo.

É claro que, como **escravos**, tratados como animais e a chicote, debaixo daquelas injunções e dessas pressões dos religiosos da época, os negros não puderam **exteriorizar direito** suas crenças tradicionais ou tal e qual **estavam acostumados nas suas terras de origem**...

Tiveram que esconder seus ritos e suas práticas por muito tempo. O que essencialmente de seus ritos era permitido — nos terreiros das senzalas — era dançarem a **batucada** ou o batucagê, com o qual o branco se divertia. E assim permaneceu por muito tempo, chegando ao ponto de ela se misturar com os seus ritos, descambando para orgias e bebedeiras, com danças frenéticas, sem aquele antigo sentido religioso correto.

Daí e devido a essas citadas condições é que os escravos passaram longos períodos sem poderem extravasar com mais propriedade as suas místicas através de suas cerimônias.

Muitas e muitas coisas de suas tradições religiosas se perderam, foram esquecidas ou mesmo postergadas, em virtude **também** das **misturas entre os grupamentos de nações**, geradas pela convivência natural, mesmo entre eles, e ainda pela influência do interrelacionamento com os elementos indígenas que, por sua vez, também tinham seus costumes, suas crenças e seus ritos...

Assim, quando começaram a **demonstrar suas práticas religiosas**, verificou-se que quase todas se baseavam numa devoção sistemática a uma ordem de divindades (Orixás, Voduns, Inkices etc.), e que elas personificavam fenômenos da natureza...

Porém, com o transcorrer dos séculos, certos grupamentos negros selecionados, de maior cultura etc, foram sentindo a necessidade de destacar **suas crenças daquela chafurdação** e foi quando, com certa inteligência, começaram a "camuflar" os seus **rituais** e as suas arraigadas **concepções**, aceitando alguns Santos da Igreja Católica, a fim de preservarem os valores...

Para isso deram de usar certas estátuas dos ditos Santos, e a venerá-las, aparentemente, como representantes de suas Divindades.

Todavia, **por trás**, isto é, em local devidamente camuflado, (o pêji ou o pipêlê) conservaram seus **fetiches** ou otás (itás) que eram símbolos da natureza mineral, vegetal etc., nos quais acreditavam mais, piamente, que pudessem encarnar a **força de seus deuses** — os citados Orixás, Inkices, Voduns e outros...

O interessante foi que, em suas terras de origem, cultivavam grande quantidade de deuses, porém aqui, no Brasil, com o decorrer dos anos, a **maior parte foi esquecida**, ou melhor, por força desse processo dito como de aculturação, somente sobreviveu pequena parcela deles...

Haja vista que o Culto dos Nagôs na Nigéria tinha perto de 400 divindades ou Orixás e aqui no Brasil só se conservaram, na mística deles (africanos), apenas 100. Isto até mais ou menos 1888. Porque houve **novo processo de desgaste** místico e nova seleção. **Tornaram a esquecer** para mais de 70.

Cremos, porque deduzimos através de pesquisas e estudos aprofundados, que esse fenômeno místico-religioso se deu **principalmente** porque, para o Brasil, jamais trouxeram e nem veio, depois, **qualquer casta sacerdotal**, ou melhor, nem na Bahia, que foi o **núcleo** mais importante para os estudos de antropologia sociológica, pôde ser constatada a evidência, mesmo remota, de que os negros tivessem constituído uma **Hierarquia Sacerdotal organizada nos moldes reais daqueles tempos** em terras de África...

Basta apontarmos como exemplo decisivo a hierarquia do Culto Nagô ou Yorubano (6), que foi o que dominou e influiu de fato, dentro de uma linha de supremacia cultural e religiosa, até hoje.

Mas quem vai ainda dar a prova disso é o próprio N. Rodrigues: "Entre os Nagôs, a Sociedade Secreta **Oshogb** ou **Ogboni** — espécie de maçonaria africana, — é que assume a direção suprema do culto. Muito ampla é, de fato, a alçada da jurisdição desta associação secreta que funciona sob a proteção ou invocação de **Odudua**, contando lojas ou confrarias filiais em todas as cidades e vilas, possuindo sinais, passes e senhas próprias e exercendo grande influência na direção ou governo dos nagôs. O sigilo é guardado sob pena de morte, que se executa com requintada crueldade. O Alafin

---

(6) Foi como bem disse Nina Rodrigues: — "Na Bahia os Nagôs assumiram a direção das colônias negras, impuseram-lhe a sua língua e as suas crenças etc."

de Yorubá é o chefe de todos os **Ogbonis** que nos diferentes países são dirigidos pelos Ekejis-Orichás, ou chefes dos sacerdotes.

No Brasil, o culto gêge-yorubano não conserva, não possui esta organização superior do sacerdócio, os terreiros ou igrejas não guardam essa subordinação hierárquica, trabalhando por conta própria e em completa independência...

E mais adiante continua: "O Sacerdócio Yorubano ou Nagô, na Costa dos Escravos, compreende três Ordens principais, com múltiplas subdivisões. A primeirà Ordem abrange:

1º) Os babalaus ou sacerdotes de IFÁ;

2º) Os sacerdotes de Aroni e Ochanin, deuses da medicina;

3º) Os sacerdotes de Obatalá e Odudua;

Todos trajam vestes brancas: os primeiros têm como distintivo uma cauda de vaca; os últimos, braceletes e voltas de contas brancas.

A segunda ordem compreende: 1º, os sacerdotes de **Changô**; 2º, os sacerdotes de outros **orichás**. Vestem vermelho e branco e cada **orichá** se distingue pelos braceletes e voltas especiais de contas e de metal. **Ogum**, bracelete de ferro; **Yemanjá**, de contas transparentes; **Ochum**, amarelas; **Ifá**, verdes e amarelas; **Ochummaré**, vermelhas etc...

A terceira ordem compreende: 1º, os sacerdotes de **ôkô**, deus da agricultura; 2º, os dos semideuses, como Huisi. Distinguem-se por um pequeno sinal branco, pintado a giz, que trazem na fronte.

Na Bahia, pelo menos atualmente (7), não existem essas especializações sacerdotais. Cada **pai** ou **mãe** do terreiro dirige o culto de todos os **orichás**. Mas, nas grandes solenidades, e sempre que a coisa é possível, êles se associam a outros chefes ou colegas e então a cada qual cabe a direção do culto do **orichá** a que é especialmente votado. Em particular para as funções de **babalaô** é que se requerem, entre nós, sacerdotes ou pais de terreiros especiais. E, quando há recursos para isso, eles são mandados vir de grandes distâncias, às vêzes em penosas viagens para os velhinhos.

O corpo de sacerdotisas muito se aproxima, porém, do que ele é na África. A denominação, geralmente adotada na

(7) O autor faz referência ao ano de 1896.

Bahia, de "**pai** ou **mãe** de santo ou de **terreiro**", é tomada à língua gêge. "Mãe de santo" e a tradução literal de **Vodu-nô**, nome dado às sacerdotisas gêges do culto de **Dãnhgbi** (**Vodu**, orichá ou santo e **nô**, mãe). Por extensão vieram as denominações de **mãe-de-terreiro**, **pai-de-santo** ou de **terreiro**. No entanto, entre nós as sacerdotisas não são chamadas, como no Dahomey, **mulheres** ou **esposas de santo**, mas sim, **filhas-de-santo** (trans. literal, págs. 371, 372, 373 e 374 — de "Os Africanos no Brasil").

Essas Ordens principais foram **completamente adulteradas** e, a **rigor**, jamais foram observadas, ficando fatalmente postergadas.

Ora, isso é importante para que, no transcurso desse trabalho, possa se entender o que veio a ser, realmente, os "candomblés do Brasil"...

Além disso e em relação com essa primazia do **babalaô** (ou babalawô) aconteceu que essa **função superior dele** ficou abafada, isto é, foi equiparada funcionalmente com a dos outros sacerdotes, fugindo de sua verdadeira hierarquia, surgindo disso mais uma **deturpação** — a qual **originou o florescimento dos rituais de nações africanas** — principalmente em Bahia e depois em outros Estados, para uma fase de pujança, riqueza e prestígio, deixando muito para trás os seus similares das terras de África, e isso porque (dado a essa deturpação), a **supremacia** desses cultos passou para as mãos do elemento feminino, ou seja, para as "mães-de-santo"...

Um dos últimos pesquisadores dos cultos africanos ou dos candomblés da Bahia — o Professor Edison Carneiro, — dentro de um estudo criterioso sobre o que ainda havia de sobrevivência neles, pôde constatar aquela importância que estamos atribuindo àquele tipo de sacerdote antigo. São suas essas assertivas: "Antigamente, fora do Candomblé, havia o babalaô, o adivinho — um sacerdote dedicado ao culto do deus da adivinhação, IFÁ (nagô) ou FÁ (gêge), representado pelo fruto de dendezeiro.

As mães (8) sempre buscavam o conselho dos babalaôs, para confirmar o Orixá desta ou daquela inicianda, às vésperas de festas públicas ou em seguida a calamidades que eventualmente desabassem sobre a casa. Aos babalaôs cabia **olhar** o futuro, marcar uma regra de conduta para as comu-

(8) Mulheres sacerdotisas que passaram a ter função de comando nos "candomblés".

nidades religiosas — a única que poderia, sem atrair a cólera dos deuses, contornar as dificuldades que se apresentassem.

Os babalaôs eram, assim, um elemento de importância excepcional. Eram guias espirituais, uma última instância, a derradeira palavra em qualquer assunto difícil, que exigisse, não só conhecimentos especiais, como um contato mais íntimo com as potências ocultas da natureza.

O **trabalho mais importante e mais difícil do candomblé é o da "vista"** pois, entre outras coisas, pode trazer enormes inquietações e desgraças indizíveis, se o **olhador** se engana sobre o Orixá de uma pessoa e, fiada na sua palavra, a mãe se dá à tarefa de preparar essa pessoa para recebê-lo, é quase certo que isso redunde numa série de complicações, tanto para a inicianda, como para a **mãe**, o candomblé em questão e, por extensão, toda comunidade dos candomblés. Muitos outros castigos da mesma espécie podem se abater, impiedosamente, sobre os responsáveis diretos e indiretos pelo sacrilégio".

E ainda diz mais que: "Nos últimos anos, havia apenas **dois babalaôs** na Bahia — Martiniano do Bonfim e Felisberto Sowser — ambos filhos de africanos de Lagos (Nigéria) e concorrentes entre si"... E arremata melancolicamente: — **"Estes foram os últimos babalaôs"**...

Mas, prossigamos com a explicação relativa ao **porquê** da supremacia da "mãe-de-santo", que se originou da deturpação da verdadeira ordem sacerdotal.

Como já dissemos: os negros, vindo como escravos, é claro que não puderam trazer sacerdócio organizado — o verdadeiro. Tiveram, com o passar dos anos, de reorganizar seus cultos e ritos da forma que **souberam** e **puderam**.

Daí se entende que, com o domínio do culto nagô — que absorveu o gêge — essa função principal e decisiva do **Babalaô**, não assumisse aqui a proporção que tinha em África antiga (Dahomey etc.).

O babalaô era o legítimo sacerdote de IFÁ e justamente o da categoria mais importante, porque era o que conhecia os segredos, os fundamentos do culto, além de ser depositário das tradições seculares de todas as nações que habitavam toda a Costa dos Escravos.

Enfim, eram os **babalaôs** que decidiam sobre os mistérios dos ritos, das iniciações etc...

Eram os portadores da palavra da divindade IFÁ — os seus adivinhos. Note-se que Ifá era uma das divindades mais importantes entre os Nagôs, porque era considerada o **oráculo dos outros Orixás.**

O seu sacerdote especializado era, naturalmente, uma espécie de mago, vidente e, portanto, de uma autoridade inconteste. As causas e os casos mais sérios e difíceis eram submetidos a ele.

Em África o babalaô que assim tradicionalmente era considerado usava, para esse processo adivinhatório de **julgar, decidir e orientar**, um **tabuleiro** especial com 16 **cocos** de **dendê** secos... Era o que no **mistério maior desses sacerdotes** eles tinham de mais fechado, de muito sagrado.

Para olhar o Ifá, ele jogava os cocos sobre o tabuleiro, com uma evocação preliminar que Nina Rodrigues encontrou citada nas obras do Coronel Ellis e que assim rezava: "Orungan, Ajubá-ah. Orichá-bi, Ajubá-ah..."

No entanto assim não aconteceu no Brasil... Quem se apoderou da categoria de Sacerdotes de IFÁ f o r a m os Êluôs — de uma categoria muito inferior, que inventaram novos processos adivinhatórios, através primeiramente de uma cadeia de metal com nozes de manga (caroço seco) pregadas a intervalos regulares a que deram o nome de "rosário ou colar de Ifá ou Opelê-ifá", o qual depois evoluiu para uma nova forma de **olhar** com o opelê-ifá, essa já com 12 búzios (cauwries da costa) ou mesmo 21, os quais passaram a ser jogados sobre uma pequena esteira e até sobre uma peneira, também pequena.

Mas nada disso traduzia algo de **oculto**, de adivinhatório mesmo, pois, conforme assistimos, inúmeras vezes, as respostas vinham unicamente por conta da **imaginação** do êluô (pessoa que fazia o jogo) visto os búzios serem **uniformes**, não revelando diferenciações cabalísticas; eram todos semelhantes, ao natural, a não ser que uns eram maiores e outros menores...

Os "pais-de-santo" brasileiros com o tempo, e com a prática, verificaram ser impossível fazer revelações, acertar coisas, fatos, doenças, aspectos espirituais ou mediúnicos etc, **através e exclusivamente por conta** do tal "rosário ou colar de Ifá"; chegaram à conclusão de que as nozes (caroços) da manga (fruta), como um puro e simples vegetal, nada diziam, nada revelavam. Que fazer — se **isso** era da tradição? O que estaria faltando neles? Jogavam-nos de um jeito, de outro,

as posições variavam e nada... pois sobre aquele **processo** dos côcos do **dendezeiro** com o **tabuleiro** dos **babalaus** lá da antiga África não tinham a menor idéia...

Acabaram abandonando aquele modo de **olhar o Ifá** e passaram a usar o dos búzios — elementos nativos do mar, espécie de contas de conchas, de forma ovalada, com uma cavidade sulcada — outro processo adivinhatório do culto dos Angolas, o qual qualificaram de **dologum,** termo absorvido do nagô, e que significava a mesma coisa.

Por mais que pesquisássemos a respeito, por dentro dos "candomblés e das macumbas cariocas", de Salvador, Bahia, Estado do Rio, São Paulo, Pernambuco, etc não pudemos aferir coisa alguma de certo, nesse processo. Tudo confuso. É, realmente, tinham esquecido tudo...

Continuamos pesquisando, a fim de verificar nesse aspecto o que **ainda havia sobrevivido,** quando conseguimos achar **algo** que dá uma idéia aproximada da realidade adivinhatória, nessa confusão que fizeram de babalaô x Ifá, porém muito **bitolada** e assaz **limitada.**

Na obra "Doutrina e Ritual de Umbanda", encontramos um processo de ensinar como **jogar os búzios** — ou os **dologuns** É o que há de mais autêntico em matéria do **desgaste que sobreviveu,** cujos autores são "sacerdote e tata", além de Presidentes da União Nacional dos Cultos Afro-Brasileiros e Congregação Espírita Umbandista do Estado do Rio de Janeiro. São dois representantes da linha africana dos candomblés, e que, diga-se de passagem e a bem da verdade, lutam desesperadamente para preservar e ressuscitar o que há de melhor na tradição daqueles cultos.

Vamos extrair das págs. 137, 138, 139, do livro acima citado, as regras. Eles começam dizendo: — "Conforme já dissemos, a Umbanda (9-10) se compõe de 7 linhas, que se di-

---

(9) Os autores não são Umbandistas genuinos. Podem ser "pais-de-santo de candomblé", pois seguem a *mistura pura* dos cultos africanos ou um *ritual de nação qualquer* Usam a palavra Umbanda porque pretendem que candomblé seja a mesma coisa. Nesta não usam os búzios nem 90% das práticas que aplicam naqueles.

(10) Outra premeditada confusão deles. Realmente, a Umbanda adota apenas 7 Linhas ou Vibrações, de Orixás, básicas Nesse paralelo o candomblé teria forçosamente de inicio 400 linhas depois **100,** e agora umas 20 e tantas. Portanto, em tempo, essa elucidação.

videm em 12 falanges, em virtude do agrupamento por semelhança de poder espiritual"... E para se compreender bem o sentido das configurações, é necessário ter-se em vista o que representa cada orixá. Assim, **Oxalá** representa a paz universal ou o homem justo; **Xangô** — um homem de meia idade, negociante; **Ogum** — o militar, o guerreiro, a pessoa corajosa, intrépida; **Oxossi** — o médico, o caçador, o químico; **Omulu** — o homem de idade madura, doença e morte; **Oxum** — a mulher sincera, mãe de família, boa dona-de-casa e conselheira. **Yaçã** — a moça leviana e intrigante. **Yemanjá** — a mulher pacífica, gorda, sonhadora; **Nanã** — a senhora velha, conselheira, avó e mãe; **Ibeji** — as crianças levadas. **Exu** — o homem mau. **Pomba-gira** — a mulher má.

Quando se quer fazer uma consulta, o caminho a seguir é o seguinte: 1º — saber se o mal que aflige o consulente é natural ou sobrenatural; 2º — obtida a certeza jogar os búzios; 3º — interpretar a resposta dos búzios conforme o mal se natural ou sobrenatural".

Então vamos trocar isso tudo em **miúdos**, para o leitor entender melhor:

a) que apanham 12 búzios, sendo uns **machos** (porque são maiores) e outros **fêmeas** (porque são menores e mais delicados);

b) que batizam esses búzios, através de certos preceitos — iguais aos que fazem para os filhos-de-santo (sic);

c) que **marcam** com certas **letras os búzios machos**, pois cada letra vai servir para identificar um orixá, ou chefe de falange (masculino);

d) que **marcam** com outras letras (pode ser número também) os **búzios fêmeas**, pois cada letra vai identificar um orixá ou chefe de falange (feminino);

e) e que, sendo jogados, com rezas, velas firmadas, pontos-riscados etc, e de **acordo** com o **cair** deles, **formam** as **configurações** para serem interpretadas, ainda de acordo com os atributos acima relacionados para cada divindade ou orixá;

f) e que os búzios são considerados de **pé** ou aberto, quando caem com a **cavidade sulcada** para cima (dizem que

é **cinca**) e são considerados **deitados,** ou fechados, quando caem com a **cavidade sulcada** para baixo (dizem assim que é **cincam**);

g) exemplo: um búzio marcado com a letra A (ou nº 1), que vai corresponder a Oxalá, se **cair deitado** (cincam), é porque essa proteção, desse orixá-maior, abandonou a pessoa ou o filho-de-santo e ele não está tendo paz, está sendo vítima de injustiças, de retornos negativos, ou por ter errado ou por isso e por aquilo; outro búzio marcado com a letra B para Xangô, caindo deitado, também, pode indicar que o consulente está em crise financeira, baqueado dos negócios etc e se for filho-de-santo pode também ser interpretado como estando mal com seu Orixá ou protetor espiritual — que está apanhando dele etc.; e se os búzios caírem em pé (cavidade sulcada para **cima**), as interpretações serão, **via de regra** ao contrário dessas — depende da prática e da vivacidade do **eluô** — adivinho. Isso se aplica a vários búzios que caírem de pé ou deitados que, dentro dessas regras simples, fazem configurações, para uma leitura mais extensa.

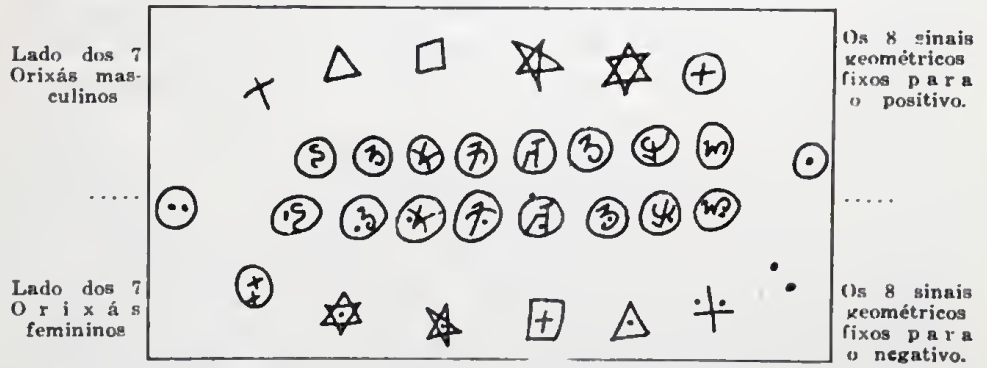
Eles mesmos assim comprovam quando ensinam: "suponhamos que o jogo dos búzios revele a seguinte configuração: Exu com cinca (em pé), Oxum com cincam (deitado), Oxalá com cincam, Pomba-Gira com cinca.

Se o mal é da natureza, a resposta é interpretada da seguinte forma: **Exu** com **cinca** quer dizer que o consulente tem um amigo traidor, por causa de uma mulher mãe de filho (Oxum), mas o mal será interrompido por um homem que fará justiça (Oxalá), sendo a intriga tramada por uma mulher má (Pomba-Gira) contra a mulher sincera. E assim, se o mal é da alma, sobrenatural, a interpretação é a seguinte: há uma pessoa prejudicando o consulente em todos os pontos de vista, um traidor que se finge amigo; uma mulher ou companheira trai o consulente com um seu amigo, mas tudo será desfeito por um homem justo; há uma mulher má ajudando a traição e procurando fazer a separação".

OBS.: **configuração** significando — forma exterior de um corpo; aspecto: **figura**; feitio, — assim, conforme fazem, é a única maneira de configurar para **interpretar**, com os búzios marcados (a tinta etc), pois são praticamente uniformes, não têm marcas naturais, diferentes uns dos outros...

É, não resta dúvida, uma forma interessante, adivinhatória, um tanto ou quanto **infantil**, mas dá uma certa relação com a maneira verdadeira de **olhar o Ifá**. Mas, digamos melhor: é com esse joguinho de búzios infantilzinho, bitoladinho mesmo, que os atuais "pais-de-santo" identificam os **orixás de cabeça** de suas filhas e filhos-de-santo... e é por isso que anda muita **cabeça** com o **santo trocado** e muito santo na **cabeça errada**. E haja matanças e camarinhas e preparações... Como no caso daquele **Yaô** que saiu do **roncó** todo pintado com seu "orixá na cabeça" e dançou a noite inteira com a mão direita grudada no umbigo, só porque **sopraram** no seu ouvido que a "pose" de seu "orixá" era aquela... E a fim de registrar o confronto, pois tudo se encaixa no folclore (crença, tradição, conhecimentos etc.), vamos demonstrar como **era** o antiguíssimo processo dos **babalaus** de priscas eras, porém dentro de uma **certa limitação**, de vez que é realmente complicado para o leigo entender e demanda muitos conhecimentos, **próprios de uma iniciação superior na Umbanda** (mesmo porque, essa questão de **olhar o ifá** ou fazer esse jogo adivinhatório, pelo sistema secreto, antigo e verdadeiro, é realmente algo de profundamente oculto, de vez que pode **revelar** o **"segredo da vida e da morte**, do sucesso e do fracasso, da traição e da virtude"). Vejamos:

a) vê-se que, nesse tabuleiro, consta uma ordem de signos geométricos fixos, dados como positivos, masculinos, e, na parte baixa, outra ordem de signos, dados como negativos, femininos. Formam uma **chave** de figurações identificadoras, de 7 + 1 e 7 +1.



Forma desenhada do "Tabuleiro de Ifá" *com os 16 cocos do dendezeiro em posições arrumadas, a fim de ressaltar os* hieroglifos *(ditos variáveis ou móveis) para que se tenha a visão do conjunto. Nome verdadeiro era "Opon-Ifá".*

b) sendo 7 correspondendo aos 7 Orixás principais masculinos (porque os outros orixás são derivações ou decorrências desses), **excluindo** o do **círculo** com **um** ponto no meio, que vai se corresponder com a Divindade Suprema (Olôrum-Zamby) como o Princípio Gerante Positivo, Regulador do aspecto do **eterno masculino;**

c) e os outros 7 correspondendo aos 7 Orixás femininos principais (porque os outros são derivações etc), excluindo o do **círculo** com **dois** pontos, que, nesse caso ainda vai se corresponder com a mesma Divindade Suprema, já com o Princípio Duplo Gerante Gerador Negativo, Regulador do aspecto do **eterno feminino** ou da "matriz da maternidade". Esse conjunto está desenhado na ordem inversa do outro e os signos estão marcados com pontos e cruzes, a mais;

d) vê-se ainda que nos **cocos** constam signos ou sinais diferentes (hieróglifos) que podem ser apontados como **móveis ou variáveis**, reveladores de uma dupla chave de interpretação, ligada à 1ª chave, a dos signos fixos.

e) essa tríplice interpretação era feita de acordo com a **caída** dos cocos no **tabuleiro** que podia colocá-los juntos, ou na faixa afim dos signos geométricos fixos, em número de 16.

COMO SE FAZIA O "JOGO"? ASSIM.

1) O **Babalaô** (pai-do-segredo), — adivinho do Ifa, arrumava o tabuleiro na posição certa, acendia 3 velas de lado e colocava, no meio, uma vasilha de barro cheia de água do mar ou comum, com sal, e ainda levando em conta que cada vela ia se ligar a uma determinada oração (mandinga).

2) Feito isso, apanhava um grande coité ou **cabaça** (do coco grande, seco, limpo) no qual estavam depositados os 16 cocos pequenos do dendezeiro, secos, raspados. Sacudia a cabaça a fim de misturá-los bem, e se preparava para "fazer o jogo", pedindo ao consulente que apanhasse com a **mão esquerda** 2 coquinhos e levasse-os, fechados na mão, à **testa** (nesse momento fazia a 1ª oração) e ali conservasse. A seguir, mandava retirar mais 3 cocos com a **mão direita** (entrava aí a 2ª oração), pondo a mesma, fechada, em cima da outra, que permanecia na testa. Logo pedia ao consulente pensar em suas angústias, necessidades ou solicitações desejadas etc.

3) Feito isso, retirava os 11 cocos de dentro da cabaça e mandava que o consulente depositasse nela os 5 que já tinha escolhido... Voltava a sacudi-los, misturando-os mais; fazia a 3ª oração e despejava tudo em cima do tabuleiro, sempre procurando fazer isso na altura do centro do mesmo.

4) Depois da **caída** dos 5 coquinhos, começava a estudar (para interpretar) as posições em que **ficaram, e em relação com os ditos signos fixos**, quer do masculino, quer do feminino, **porque já estava armada uma configuração ou conjunção de valores cabalísticos e mágicos**, para ser interpretada e traduzida, segundo as **chaves secretas** desse jogo misterioso, profundo, oculto. Era e é uma ciência que requer um longo aprendizado, através de uma especialização iniciática ou sacerdotal, como era a de **1ª categoria** do **Babalaô verdadeiro**, talvez do **passado mesmo** lá em suas terras de África. (No Brasil, lamentavelmente, as mães e os **pais-de-santo dos candomblés africanos, fora das regras** do ritualismo paramentado e das matanças de bichos, com saída e entrada de filhas-de-santo, nas camarinhas, aliados a intensas louvações festivas a seus Orixás-divindades, **nada mais sabem**).

Observação especial: — Essas 3 chaves de identificação e interpretação obedeciam a um **segredo maior** (da vida e da morte, da virtude e da traição, do sucesso ou do fracasso) que tinha sua regulação e sua revelação **baseadas em cima de cinco cocos principais**, do dendezeiro. E **atenção**, — para os babalòrixás e tatas da atualidade, saudosistas, que perderam o **mistério do Ifá**, — para essa **chave-mestra**: — 4 desses coquinhos do dendê podiam indicar certos "animais". Ei-los: — **a coruja, o macaco, a cobra e o peixe: e o quinto revelava a caveira. "Animais" e a "caveira" deviam surgir deles próprios...** E se na **jogada** entrasse os 5 ou 4, 3, 2 ou mesmo **um só**, passavam a ser, forçosamente, os mais vitais no "jogo da vida do consulente". E se não saísse nenhum desses vitais, ou ainda um ou outro (dentre os cinco), sairiam outros (cinco dentre os onze) escolhidos na ocasião da consulta ou da tirada pelo consulente, os quais entrariam em suas chaves de interpretação, que seriam traduzidas também.

Esses cinco coquinhos em relação com os 16 signos geométricos fixos podiam produzir **80 Odus** (ou ângulos de interpretação) que ainda podiam se estender ou desdobrar para 256 Odus diferentes.

E ainda: — essas três chaves podiam ser simplesmente baseadas nessa norma: — 1ª chave, — para assuntos de

ordem espiritual, religiosa, mediúnica; 2ª chave, — para assuntos de ordem orgânica (doenças), sentimental, afetiva ou passional mesmo; 3ª chave, — para assuntos de ordem material, financeira e ainda correlacionados com lealdade, traição etc.

Esses objetos: o tabuleiro, os cocos e a cabaça grande, claro que eram submetidos a preparações mágicas especiais, tudo na força da Lua, em certos dias, horas e fases dela. A madeira do tabuleiro (Opon Ifá) era feita de uma árvore que no Brasil se chama **bakiribu**, muito usada para fazer canoas, além de ser chamada **pára-raios** da floresta.

Assim, para um melhor entendimento dos "pais-de-santo" que querem ser "babalaôs", eis as regras básicas...

1.ª Chave: — está baseada na interpretação de cada um dos 16 signos cabalísticos móveis (dos hieróglifos nos coquinhos), em relação com os 8 signos geométricos fixos (no tabuleiro) que representam os 7 Orixás masculinos e a Deidade Ôlorun, no aspecto do Eterno Ativo;

2.ª Chave: — está baseada na interpretação de cada um dos 16 signos móveis, em relação com os 8 fixos, que representam os 7 Orixás femininos e a Deidade no aspecto do Eterno Passivo;

Assim temos: a) Conhecer para interpretar os 16 fixos;

b) conhecer os 16 móveis para interpretar em relação com os 8 fixos masculinos: $16 \times 8 = 128$ Odus masculinos;

c) Interpretar os ditos 16 móveis em relação com os 8 fixos femininos: $16 \times 8 = 128$ Odus femininos;

d) Assim somarão: — $128 \times 2 = 256$ Odus Gerais no mistério da Magia Cabalística.

Obs: — Todavia, esses 256 Odus (ângulos de interpretação do Jogo do Opelé de Ifá) gerais vêm sintetizar-se em 80, que são, em realidade, os essenciais ou fundamentais, porque surgem da interpretação decorrente dos 5 coquinhos vitais, que assim irão definir-se: 5 coquinhos vitais $\times$ 8 signos fixos do lado masculino $= 40$ e mais os mesmos 5 em relação com os 8 signos fixos do lado feminino $= 40$. Então teremos 40 mais 40 para somar os 80 citados.

Portanto, como se infere do exposto, o verdadeiro "Jogo do Opelé de Ifá" não é usado mais nem na própria África, de onde se originou, quanto mais no Brasil, porque era e é uma ciência Iniciática. Os pais-de-santo dos nossos Candomblés não têm nem a idéia certa do que fosse ou seja a manipulação misteriosa desse jogo. É, como disse, amargurado, um deles (ver "Orixás Africanos" de José Ribeiro, pág. 57): — "No Brasil não há ainda Babalaô que use o Opelé de Ifá" ... No entanto, se bem que a única denominação válida para um Iniciado da Umbanda de fato e de direito seja a de "Chefe-de-terreiro", como tal já evidenciamos conhecer e usar esse dito jogo, e os que estão sob nossos cuidados, ao atingirem certo grau de iniciação em nosso grupamento, podem galgar esse conhecimento. No mais, certo! Nenhum pai-de-santo de Candomblé deve se intitular de Babalaô, porque estará mistificando o título...

E ainda: Já evidenciamos atrás que o verdadeiro "babalaô" tinha de possuir a intuição e clarividência apurada além do segredo dos ritos mágicos, iniciáticos etc., e sobretudo tinha que dominar profundamente o autêntico "Jogo do Opelé de Ifá"... **Era essa a condição que o definia como tal.**

Os estudiosos sabem disso, como é o caso daquele diretor da Confederação Nacional Espírita de Umbanda e dos Cultos Afro-Brasileiros, que clamou (ver jornal "O Dia" de 25-5-69, coluna intitulada: Mitos Yorubanos — Primícia adivinhatória) desesperado: "pelo amor de Nosso Pai Oxalá, onde se encontram os autênticos babaôwôs de que necessitamos, para o soerguimento dos cultos afro-brasileiros?" Respondemos: teria de procurá-los como se procura agulha no palheiro, porque o pior cego é aquele que não quer ver...

Mas, em apoio ao "desafio" desse culto Diretor, façamos também o nosso: "**desafiamos** a qualquer Presidente, Diretor, Sumo-Sacerdote de qualquer uma dessas "Uniões, Federações, Confederações, Tendas ou Terreiros, que se intitulam de babalaôs, tatas, babalôrixás, pais-de-santo etc., a provarem que conhecem esse misterioso "Jogo do Opelé de Ifá"... mesmo com todos os dados que revelamos aqui...

E agora? O que podemos dizer a mais? Nada. Fizemos o confronto e o registro, repetindo: era uma ciência, dependia de especialização iniciática verdadeira. Nina Rodrigues, em "Os Africanos no Brasil", ainda pôde ressaltar à pág. 261 o seguinte: — "pouco sabemos da pintura negra que mesmo em África não parece ter ido além de toscos desenhos, uti-

lizados na ornamentação dos seus edifícios, palácios, igrejas ou **pêjis**.

"Todavia, assim rudimentar, este esboço de arte permitiu a criação, no Dahomey, de uma escritura ideográfica, análoga, senão idêntica, aos hieróglifos. Seria uma língua sagrada, de cuja escritura à Europa foram ter exemplares na reprodução dos frisos com que ali se decoravam os palácios reais: língua privativa, no seu conhecimento e uso, dos sacerdotes de Ifá, os depositários das tradições nacionais em povos dos mais conhecidos da Costa dos Escravos"

Bem, cremos, pela análise que viemos fazendo, ficou claramente entendido que os antigos cultos africanos que foram reorganizados no Brasil não começaram a funcionar — absolutamente — dentro dos **padrões hierárquicos** de **origem** os quais **jamais conferiram** (e nem conferem ainda) o **bastão do comando maior** às sacerdotisas, quer fossem Yalorixás, Vodúnsi ou "mães-de-santo". Houve por conseguinte, no Brasil, uma **usurpação de valores** pelo elemento feminino, que, de uma forma ou de outra, foi mesmo quem conseguiu mantê-los e posteriormente valorizá-los, imprimindo-lhes novas características, mormente nos ritos, que se **tornaram os tradicionais**, dentro daquela vaidade colorida, quer na dança, quer na riqueza das roupagens, criando assim o verdadeiro sentido do têrmo **Candomblé**...

Tanto foi assim esse acontecimento que os Candomblés mais antigos da Bahia, considerados como os tradicionais mesmo, pois que serviram de **modelo** para todos os demais subseqüentes, — como os do Engenho Velho, cuja origem é apontada para o ano de 1830, e o do Gantois, — **sempre foram dirigidos exclusivamente por mulheres**, através de todos esses anos...

As "mães-de-santo" ou yalorixás antigas desses Candomblés **jamais preparavam homens como seus filhos-de-santo** no sentido direto do que se tem, ainda hoje, como uma iniciação ou "feitura de cabeça". Só preparavam **exclusivamente mulheres**, que eram as suas **Iaôs** — ou filhas-de-santo, justamente as que caíam em **transe** — que era aquele estado neuro-anímico de personificar o Orixá invocado.

Posteriormente — depois de 1888 — foi que houve mais deturpações e elas (as mães-de-santo) passaram a fazer **homens** como filhos-de-santo, também... Aconteceu uma espécie de **acomodação**, tudo falta, naturalmente, daqueles

fatores hierárquicos de **comando e direção** nos direitos tradicionais dos verdadeiros cultos africanos, de origem.

E foi assim, por causa dessa citada deturpação hierárquica, que os cultos africanos, no Brasil, **floresceram**, devido à supremacia do elemento feminino, dentro, é claro, de um novo esquema de comando e direção. Captou isso ainda muito bem, ainda pelas alturas de 1940 a 1948, o citado professor Édison Carneiro(Candomblé da Bahia, págs. 156, 157) quando argumenta: — "Este esquema de hierarquia (a que ainda vigorava) revela, sem sombra de dúvida, que as mulheres detêm todas as funções permanentes do candomblé, enquanto os homens se reservam apenas às temporárias e às honorárias".

Com efeito, a chefia espiritual e temporal da casa de culto está entregue a uma mulher (a mãe), que escolhe para sua assistente imediata, seu braço direito, outra mulher (a mãe pequena), para dirigir a massa de mulheres (as filhas) que deve contribuir para o melhor entendimento entre os homens e os orixás. O cuidado desses orixás está a cargo de mulheres (as filhas), que por sua vez recrutam, para auxiliá-las, outras mulheres (as ékédes). Nestas atividades se cifra todo o objetivo do candomblé — o de homenagear os orixás, preparar **cavalos** (11) para recebê-los, conseguir que **desçam** entre os humanos para lhes tornarem a vida mais suave e mais rica em prazeres materiais e espirituais. Outras mulheres, ainda, se encarregam de funções administrativas dentro da comunidade.

"Ocasionalmente, são requisitados os serviços masculinos, ora para o sacrifício de animais (axôgún), ora para a invocação dos orixás nas grandes festas (alabê e tocadores de atabaque), ora para conseguir dinheiro e prestígio social (ogáns), ora, afinal, para garantir a manutenção do altar (pêji-gã). Os homens detêm, assim, as funções simplesmente honorárias (pêgi-gãs e ogãs) e temporárias (axôgun, alabê e tocadores de atabaque).

Fica fora de discussão o posto de filho-de-santo, que é realmente considerado uma excrescência — há mesmo quem diga imoralidade — dentro do sistema por si mesmo tão coerente do candomblé.

---

(11) O termo *cavalo* significa (no linguajar desses ambientes) médium.

Esta divisão da hierarquia parece confirmar a opinião de que o candomblé é um ofício de mulher — essencialmente doméstico, familiar, intramuros, distante das lutas em que se debatem os homens, à caça do pão de cada dia".

Bem e de acordo com essa exposição de fatores e valores, vejamos agora qual o **padrão de hierarquia que sobreviveu** (pois que ainda é adotado por uns e por outros) e quais as divindades que sobreviveram daquele processo de desgaste místico que ultrapassou o ano da abolição da escravatura, como tradição e na aceitação de todos os grupamentos que passam a ser denominados de cultos afro-brasileiros, até o evento do CICLO AMERÍNDIO (após o 1888), — que foi uma nova mistura entre as concepções e os rituais de nações africanas, com as concepções e os ritos de nossos ÍNDIOS, surgindo, diretamente disso, os apontados como CANDOMBLÉS DE CABOCLO, porque daí foi que começou a supremacia da chamada Corrente Ameríndia e a eclosão incontrolável da Umbanda propriamente assim considerada, bem como a proliferação dos "pais-de-santo", denominados vulgarmente de "chefes-de-terreiro". Quanto à questão dos "candomblés de caboclo", o leitor passará a entender, quando tratarmos das elucidações na parte adequada.

Denominações sacerdotais oriundas do Grupo Sudanês (GÊGE-NAGÔ) que sobreviveram ao desgaste hierárquico, dentro das readaptações funcionais processadas (no Brasil), através da vivência ritualística africana, que ultrapassou o ano de 1888, até os nossos dias (1970).

Babalaô ou Babalawô ou **Babalau** (função masculina)

Essa nobre função hierárquica superior foi absorvida pelos **eluôs** (sacerdotes de uma categoria inferior). No Brasil costumam generalizar o termo, empregando-o para designar **qualquer chefe-de-terreiro** ou de candomblé... em igualdade com o **Babalôrixá**. Isso acontece com os que não entendem da verdadeira hierarquia sacerdotal Nagô ou Yorubana. Todavia podemos notar que ainda existe uma **respeitosa reserva** entre os mais honestos chefes-de-candomblé, que não se consideram no **direito** de **usurpar poderes**. Os que mais se arvoram em **babalaôs** são os múltiplos **clandestinos** — isto é, são aquêles que não foram

feitos dentro daquela ainda existente e rígida tradição que sobreviveu e se conservou de "candomblé a candomblé, de pai a filho-de-santo" etc. Convém aqui lembrarmos o que existia (e ainda deve existir) por dentro do que há de mais certo e fechado, entre os melhores "pais-de-santo", como lenda, tradição ou conhecimento oculto: — babalaô, no sentido correto de sua função hierárquica, poderes mágicos, mediúnicos, cabalísticos, como mago conhecedor da magia branca e negra, e dos verdadeiros segredos dos ritos da iniciação, das rezas etc., e principalmente conhecedor do "Jogo do Ifá" verdadeiro, nunca existiu no Brasil, por dentro dos cultos africanos, do passado e do presente. Todavia, por dentro da Umbanda do momento, sabemos existir apenas 2 a quem caberia esse título (12).

Babalôrixá (função masculina)

Chefe-de-terreiro de candomblé... com a denominação popular de "pai-de-santo" ou simplesmente de "babá-de-terreiro". Na verdadeira hierarquia do culto nagô era de 2ª categoria. No Brasil, por extensão, absorveu também as funções de babalaô. Joga os búzios, também, etc. Comanda os ritos normais e tôdas as cerimônias extraordinárias: os preceitos de iniciação; as feituras de cabeça; os amacys, as oferendas para os Orixás e um sem número de providências mais.

Yalorixá (função feminina)

No Brasil, passou a ser denominada de "mãe-de-santo" ou de "babá-de-terreiro", depois que assumiu tal condição, a ponto de ter a supremacia nos ditos can-

(12) Conhecemos *um* deles. Há pouco tempo censurou uma outra *decaída* de posição que está acontecendo no *meio* (deles) dos babalorixás. Disse-nos ele: — se a cultura Nagô (Sudanesa) foi e é a *mais rica*, por isso predominou, e a cultura dos Angolas (Bantus) foi e ainda é *mais pobre* do que aquela, como é que estão *elevando* babalorixás ao "grau" de *tata-de-inkice*, como se esse fosse *maior?*

domblés e papel preponderante na conservação dos seus rituais, através dos séculos. Na verdadeira hierarquia gegênagô era sacerdotisa de 2.ª categoria. Passou a comandar tal e qual o babalorixá, ou seja, com todas as suas responsabilidades e atributos.

Iya-kekêrê ..... Denominada de mãe-pequena" por ser a 2ª pessoa a substituir a mãe ou a "babá do terreiro". Auxilia a mesma na direção dos ritos, dos trabalhos de oferenda na preparação de filhas de santo etc... Obs.: para a 2.ª pessoa do babalôrixá criaram um similar com o título de "pai-pequeno", com as mesmas funções da mãe-pequena.

Pêji-gâ ..... Auxiliar de confiança. Zelador especial do Altar ou pêjí-altar, na parte referente às estátuas dos santos católicos (parte exterior, pública — sincretismo afro-católico) e organizador dos festejos tradicionais.

Ogã ..... Título honorífico: — escolhido geralmente para pessoas de boa situação financeira, a fim de prestigiar e ajudar os festejos religiosos. É o protetor social do candomblé.

Oga-colofé ..... Auxiliar de confiança. Conhecedor de todos os toques (batidas nos atabaques) para os Orixás e orientador dos cânticos e das batidas, sobre os outros dois tipos de ogãs.

Ogã de atabaque Auxiliar que se dedica somente a bater os tambores no ritmo especial e próprio de cada divindade ou Orixá.

Ogã de Terreiro Auxiliar que se dedica somente a tirar os cânticos de louvação para os orixás (ditos ultimamente como pontos-cantados).

Axôgun ..... Auxiliar que se dedica exclusivamente aos ritos do sacrifício dos animais escolhidos para as divindades. É aquele que se diz ter "mão-de-faca", isto é, o que foi preparado para matar os bichos.

Ebami ..... Com esse termo se qualifica a filha-de-santo ou a inicianda mais velha do terreiro ou candomblé.

Dagã ..... Filha-de-santo que "despacha para Exu", — isto é, inicianda escolhida especialmente para lidar com as oferendas próprias desse **orixá-menor** (assim como o sangue, partes do animal abatido, pipocas, farofa, dendê, etc.). Dá-se a isso o nome de **ebó**, também.

Si-dagã ..... Filha-de-santo, também escolhida para auxiliar da dagã. Tem as mesmas atribuições e eventualmente pode substituir a Dagã.

Iyalaxé ..... Zeladora dos **achés** (que são certos preparos mágicos com elementos minerais, vegetais, raízes etc.), que se enterra no chão do terreiro. Ela também ainda pode zelar pelos otás ou itás (pedras-fetiches dos orixás).

Iya-tebêxê ..... Filha-de-santo que **puxa os pontos**, — isto é, que comanda os cânticos de louvação, junto às outras, nos festejos ou nas cerimônias mágicas. Espécie de ogã feminino.

Ebômim ..... Dão esse qualificativo à "filha-de-santo" com mais de 7 anos de **feita**, isto é, de preparada ou de iniciada.

Iyamorô ..... Filha-de-santo que serve e é responsável pelas outras quando são recolhidas à **camarinha**, que é um cômodo ou um reservado destinado a esse fim.

Yaô ou Yawô .... Qualquer filha-de-santo no período da iniciação.

Iya-bassê ou Yabá ..... Cozinheira sagrada. Mulher escolhida nos candomblés, exclusivamente para preparar as comidas dos Orixás ou divindades.

Sambas ..... O termo é muito usado ainda, porém fugiu de seu significado de origem que era o de "dançarina sagrada". Agora diz-se genericamente como as mesmas yaôs quando dançando no terreiro ou cantando...

CAMBONDO ou CAMBONO ..... Esse termo, nos candomblés congo-angola, significava tocador de atabaque". Todavia evoluiu e generalizou-se em todos os candomblés como auxiliar do movimento espiritico dos terreiros, até por dentro da Umbanda, também... Assim passou a ser a pessoa que serve os médiuns quando em transe, com suas entidades espirituais incorporadas.

OBS.: — Os termos **tata-de-inkice** (homem) que designava o sacerdote chefe do terreiro que fazia o ritual de angola, e **mameta** de inkice (mulher) com o mesmo sentido, ainda são empregados, porém, num ou noutro candomblé com base de Angola, mas com deuses gêge-nagôs. Não têm vivência ativa como os acima discriminados.

Alguns dos modernos sacerdotes da linha africanista dos candomblés pretendem **ressuscitar hierarquias** de um ou de outro ritual de nação africana, do passado, porém, só teoricamente; eles estão **apagados** mesmo por dentro do que resta ainda de **mistura pura** nos Candomblés do Brasil...

Outros termos que sobreviveram e cujos significados se generalizaram por dentro dos cultos afro-brasileiros.

Pêjí ..... Santuário dos candomblés da linha gêge-nagô. Espécie de altar (ou mesa) onde, na parte exterior, visível, pública, ostentava estátuas de santos da Igreja católica, e, na parte interior ou baixa, ca-

muflada, escondia os itás ou pedras fetiches, dentro de vasos de barro, com água.

Congá ou Gongá — Esse termo é mais forte, é mais usado e significa o mesmo que Pêjí, nos Candomblés de um modo geral, além de ter se generalizado por tudo quanto seja terreiro, inclusive de Umbanda, significando, nesta, o altar ou a mesa onde arrumam estátuas de Santos; para outros, serve apenas para designar uma mesa com uma estátua do Cristo e velas acesas.

Candomblé ..... Esse termo tem sua origem na palavra **Candombe** que, no passado, significou um determinado tipo de **batuque** (batucagê) ou batucada dos negros escravos, porque era acompanhada de tambores e danças excitadas, frenéticas, porém de fundo ritualístico, fetichista. Como nessas épocas esses batucagês eram freqüentes e sempre com muita confusão, bebedeiras e brigas, pois os casos amorosos dos negros, nessas ocasiões, tinham seus entrelaçamentos e desfechos, havia muitos mexericos (intrigas). Então dizia-se que acabavam em **candonguices** ou **candonga**. Êsses têrmos são do antigo linguajar africano e foram eles que absorveram o de **candombe**, e deram origem ao de **Candomblé**, que com o tempo foi se destacando e passou a designar apenas os festejos tradicionais e anuais dos cultos africanos.

Depois, muito depois, foi que passou a qualificar diretamente **quaisquer agrupamentos ritualísticos africanos**, generalizando-se, até hoje, com esse significado. Por isso se pergunta sempre assim: — "o Candomblé de fulano, que **nação** faz? Nagô? Kêto? Angola?"...

O termo **Terreiro** também tem uma história semelhante. As candongas ou os candombes dos negros se processavam em locais abertos, isto é, nos largos ou em espaços de

terra livres; então, tanto se dizia, — "vamos à **candonga** ou ao **candombe** da **mãe** ou do **pai** tal", ou "hoje tem batuque no terreiro de fulano" etc...

Assim ficou com o mesmo significado de **candomblé,** sendo que evoluiu mais ainda porque passou a designar, de um modo geral, tudo quanto fosse Candomblés, Centros, Tendas e Cabanas de Umbanda e quaisquer sistemas de ritos inferiores que os umbandistas dizem como **quimbanda** e o povo de **macumbas**.

O termo **Macumba** ultimamente generalizou-se também, passando a designar ritos fetichistas, "baixo espiritismo", — isto é, tomou um sentido pejorativo, pois a concepção popular o tem para indicar mesmo sessões de terreiro onde as práticas afro-indígenas são as mais inferiores. Agora, **macumba** era e é instrumento afro, tocado nos festejos do santo (Orixá) e **macumbeiro** — o seu tocador.

O termo **Macumbeiro** também modificou o qualificativo, ganhando um novo sentido: — aponta-se como macumbeiro, atualmente, toda pessoa que é assídua freqüentadora de "macumbas", isto é, que gosta e pratica nos terreiros de baixa categoria...

Termos, significados e outras denominações ainda usuais no linguajar dos Candomblés da mistura Gêge-Nagô-Angola e nos chamados Candomblés de Caboclo, em suas zonas atuais de maior influência: — antiga Guanabara, Bahia, Rio de Janeiro.

Abiã ..... diz-se de moça na pré-iniciação.

Abaô ..... diz-se ultimamente como o iniciando homem.

Abémé ..... diz-se ser o leque da divindade Oxum, se for de latão; e da divindade Yemanjá, se for pintado de branco. Ambos têm a forma circular...

Acará ..... diz-se como uma espécie de prova, sobre os indivíduos possuídos pelo orixá (mediunizados), com pedaços de algodão embebidos no óleo de dendê, nos quais botam fogo, a fim de que sejam engolidos. É uma forma de teste.

Adarrum ..... diz-se como um toque especial dos atabaques, em ritmo acelerado, para precipitar o transe mediúnico, atraindo rápido a incorporação dos orixás mas, em realidade, produz uma excitação anímica tremenda.

Adjá ..... pequenina campa de metal, que a mãe-de-santo agita sobre a cabeça das filhas-de-santo, a fim de precipitar também o transe mediúnico... e a chegada dos orixás.

Adê ..... espécie de capacete com que se paramenta as filhas-de-santo dedicadas a Oxum nos rituais de nação angola.

Agôgô ..... instrumento musical, que é percutido com uma vareta nos rituais, para provocar determinados sons.

Água de Oxalá ... diz-se assim da água que as filhas-de-santo vão buscar nas fontes, de madrugada, a fim de procederem a uma cerimônia de purificação... nos candomblés.

Aguê ..... diz-se de um líquido que soma de 3 a composto de uma cabaça, coberta de rendas de contas vegetais.

Água dos axés ... diz-se de um líquido que soma de 3 a 7 gotas de sangue de todos os animais sacrificados durante o ano nos ritos dos candomblés, para os orixás...

Aldeia ..... diz-se assim do barracão das sessões de candomblés de caboclo...

Anjo-de-guarda .. diz-se assim do espírito que protege assiduamente um filho-de-santo ou uma pessoa crente...

Ariaxé ..... diz-se assim dos banhos ritualísticos, de ervas especiais, durante o período de iniciação, a fim de amaciar determinados centros neuro-anímicos, a fim de facilitar a mediunidade...

Assentar o Santo . diz-se assim quando se prepara as condições neuro-anímicas da iniciandа, através de purificações diversas a fim de fixar definitivamente em sua mente o orixá a que se devotou...

Assento ..... diz-se como o santuário dos Orixás, dentro ou fora do barracão do candomblé...

Atarê ..... diz-se como a pimenta da Costa dos Escravos, de uso corrente nos candomblés, em comidas etc...

Atin ..... diz-se assim, como o conjunto das ervas particulares de cada orixá.

Axé ..... diz-se assim, a segurança mágica, que existe, importante e imprescindível nos candomblés...

Axêxê . ..... ou vumbi: candomblé funerário dos nagôs — espécie de cerimônia extraordinária, pela morte do-pai-de-santo ou da mãe.

Barco das iaôs ... diz-se assim, quando se tem várias iniciandas (iaôs) prontas para entrarem na camarinha, que é uma espécie de quarto sagrado, onde vão permanecer por um certo período, nos candomblés.

Barkiço ..... altar ou santuário nos candomblés de caboclo.

Barravento ..... diz-se assim, a um certo tipo de neuro animismo que precede a máxima exaltação psíquica de uma filha de santo, até que se julgue possuída pelo seu orixá...

Batucajé ..... diz-se assim, ao ruído produzido pelo conjunto de atabaques (tambores).

Barracão ..... local onde fazem as cerimônias públicas de um candomblé.

Beijar a pedra ... diz-se assim, aquela obrigação que os crentes ou as filhas-de-santo têm, de se ajoelhar e beijar o altar dos orixás.

Bôrí ..... diz-se assim a um certo tipo de penitência, que implica no sacrifício de um animal (de pena ou de pêlo) particularizado para determinada divindade (orixá) que protege ou que é o anjo-de-guarda de uma filha-de-santo ou de um crente. A esse rito especial denominam como "**dar de comer à cabeça**".

Botar a mão na cabeça ..... diz-se assim, nos candomblés, ao ato do pai ou da mãe-de-santo assumir responsabilidade sobre uma filha de santo (iaô), através de certos preparos, a fim de que alcance as condições neuro-mediúnicas de "receber o orixá".

Bozó ..... feitiço, feitiçaria...

Caboclo ..... nome genérico que se dá a qualquer espírito ancestral de índio brasileiro e que atua através dos médiuns, nos candomblés de acentuada influência ameríndia.

Calunga .....oceano.

Canzuá ..... a casa ou o barracão do candomblé.

Carrego ..... diz-se a certa obrigação religiosa que uma pessoa herdou de outra e da qual não pode se eximir.

Clandestino ..... diz-se assim, ao pretenso pai ou mãe-de-santo, que não foi feito, isto é, que, não tendo sido preparado rigorosamente por um babalaô ou yalorixá, está usurpando um direito tradicional ou hierárquico...

Compadre ..... com essa denominação, indicam uma espécie de Exu de 2ª categoria, que serve de empregado dos outros.

Ḍèká ..... significa as obrigações mágicas e religiosas que um chefe de candomblé transmite a outro...

Despacho ..... no **candomblé** significa certos tipos de oferendas, com sacrifício de a n i m a i s (galo, bode etc.), farofa, dendê, moedas, velas, boneca de pano, que levam ao pé da gameleira branca. Esse tipo de **despacho** sempre foi feito sem intenções negativas ou ofensivas, no que difere do outro conceito de **despacho** manipulado nas "macumbas", o qual é sempre encaminhado para as encruzilhadas (de ruas ou nos matos) e geralmente com **intenções de ataque ou defesa**...

Djina ..... diz-se como **dar a djina**, a uma das ultimas fases do processo de iniciação de uma iaô, quando ela pretende ter "recebido" o nome de seu Orixá.

EBÓ ..... oferenda especialmente dirigida a exu — um orixá menor, que implica no sacrifício de um animal, coberto de pipocas (milho branco, frito com azeite de dendê). Excepcionalmente fazem também para um Orixa qualquer.

Efun ..... diz-se assim, aquele tipo de ritual, onde se raspa a parte superior da cabeça da Yaô às vezes, e geralmente toda ela, a fim de que possa ser envolvida por sucos de ervas especiais, quando na **camarinha**.

Egun ..... contração da palavra nagô-egungun, que significa **esqueleto**, no sentido das almas dos mortos ou dos seus antepassados

Erês ..... designa-se assim a certa classe de Espíritos como Orixás mais inferiores que os outros, representados por crianças

Gã ..... outro instrumento musical, dos candomblés.

Gonzemo ..... santuário dos antigos candombles do grupo congo-angola.

Homem da rua .. diz-se também como "homem das encruzilhadas" para designar a Exu — espécie de intermediário entre os homens e as divindades...

Iká ..... certo tipo de saudação das pessoas que têm protetores masculinos, as quais se jogam de bruços no chão, diante do altar ou do pai ou mãe-de-santo, a qual difere das outras pessoas que têm santo feminino e se diz como **dobalé** que fazem, deitados no chão, ora virando o tronco para a esquerda, ora para a direita.

Karokê ..... licença especial para se falar às iniciandas quando estão reclusas na camarinha.

Kelê ..... certo tipo de colar, que as iniciandas ou filhas-de-santo trazem ao pescoço, como sinal de sujeição ao orixá a que se devotou...

Lé ..... é o menor dos atabaques (ilu designa qualquer tipo de tambor) e **rumbi** o atabaque médio; **rum** é o atabaque maior.

Malêmbe ..... um ponto cantado especial, onde se pede misericórdia ou perdão para algum êrro cometido.

Mandinga ..... ou **mandigueiro** — palavra usada para designar **feitiço**, magia-negra, etc.

Matança ..... Sacrifício de qualquer animal, de pêlo ou de pena, para os Orixás.

Mesa do Aiuká .. diz-se assim, como o fundo do mar (calunga), onde vão ter todas as coisas que nele caem, e que servem de **contemplação** à **mãe dágua**, quer seja Yára ou Yemanjá...

Obi ..... um fruto de origem africana, com o qual fazem infusões especiais, a fim de banhar a cabeça das filhas de santo. Outro fruto que se usa nas mesmas condições é o **orobô**.

Olubajé ..... rito acompanhado de enorme oferenda para o orixá Obaluayê... o mesmo que Omulu.

Ossé ..... certos alimentos particulares de cada Orixá, que as filhas-de-santo usam, para agradá-los, nos dias da semana dedicados a êles.

Padê ..... espécie de oferenda propiciatória para **exu**, imprescindível e que fazem antes de iniciar qualquer cerimônia nos candomblés, a fim de que ele não atrapalhe e tome conta do movimento astral e humano exterior.

Pao .....termo que traduz — bater palmas, quando a Yaô (filha-de-santo) está na camarinha e quer alguma coisa.

Roncó ..... ou camarinha: quarto sagrado, no interior do barracão de todo candomblé, onde são recolhidas as iniciandas (yaôs), durante o período da preparação, completamente vedado ao profano.

Vumbi ..... ou "mão de vumbi": cerimônia extraordinária, que procedem no candomblé, depois da morte de um "pai-de-santo". Às vezes dura de um a sete dias, e consta de limpar (desagregar) ou desligar os assentamentos, seguranças e firmezas diversas, de ordem mágica, do falecido; primeiro sobre seus otás ou pedras fetiches, e depois sobre os filhos ou filhas-de-santo que tenha deixado, para logo a seguir ser escolhido seu substituto legal.

Nomes das Divindades (Orixás e Voduns) oriundas do Grupo Sudanês que sobreviveram no Brasil, ultrapassando o ano de 1888 e que foram, substancialmente a dos **sub-grupos**

gêge-nagô. Notar que estamos assinalando com uma † os nomes que estão semi-esquecidos, e com duas †† os nomes que também já foram praticamente esquecidos.

Ôlorun †; Odudua †; Oxalá (ou Obatalá † ou Orixalá †); Ifá; Yemanjá; Xangô; Oxossi; Ogum; Yansã; Ibêji; Nanãboruquê; Agê-chalagá ††; Ajá ††; Ochabin ††; Yabahim ††; Obá; Ossãe; Obalauyê ou Omulu (ou Chaponam ††); Exu ou Legbá; Oxum ou Oxunmarê; Irôko ou lôko; Tempo ††:

a) essas **divindades** eram (e ainda são) denominadas de Orixás (nagô) e Voduns (gêge).

b) algumas divindades (voduns) dos gêges se plasmaram com as dos nagôs, foram absorvidas apagando-se seus valores, quer na tradição, quer nos cultos da atualidade.

c) vê-se portanto que, a **rigor**, desse grupo, só alcançaram sobrevivência garantida apenas **15.**

Nomes das Divindades (Inkices e Bacuros) oriundas do Grupo Bantu, que sobreviveram no Brasil, até 1888 e que foram essencialmente as do **sub-grupo Congo-Angola**. Notar que com duas †† assinalamos os nomes completamente esquecidos e com uma † os nomes ainda semi-conservados. Adicionaremos ainda, na citação de cada uma, o outro nome de divindade que foi absorvido, em seu valor mítico e teológico.

Zamby (absorveu praticamente o Ôlorun dos nagôs, alcançou a supremacia, sendo o Deus Supremo de todos os Terreiros); Zambyampumgu †; Sumbo ou Nkóce Mukumbe †† (foi absorvido pelo Ogum dos Nagôs); Kerê-Kerê †† (foi absorvido pela Nanã-buruquê dos gêge-nagôs); Barabu-rucema †† (foi absorvida pela Yansã dos gêge-nagôs); Tanamim-Matalumbô ou Congombira †† (foi absorvido pelo Oxossi dos nagôs) Burunguçu ou Kurquête †† (absorvido pelo Omulu dos gêge-nagôs); Zaze-Cambâraquam ou Kibuko †† (absorvido pelo Xangô dos nagôs); Katendê †† (absorvido pelo Lôko ou Irôko dos gêge-nagôs); Lembá ou Kassu-

beká † (absorvido pelo Oxalá dos gêge-nagôs); Angôrô †† (absorvido pela Oxum ou Oxunmarê dos gêge-nagôs); Aluvaiá ou Bonbonjira (absorvido pelo Exu dos gêge-nagôs, ficando apenas como apelidos dêsse).

a) Vê-se portanto que, a **rigor**, só sobrou mesmo o nome da deidade ZAMBY, o Deus Supremo, que acabou absorvendo o de Ôlorun, com todos os seus atributos, no próprio grupo gêge-nagô.

b) Também nem as denominações de Inkices e Bacuros conseguiram ter sobrevivência **atuante**. Apenas são citados teoricamente, porque, na prática dos Terreiros, não são usados esses termos.

Finalmente verifica-se que somente podemos somar aos nomes das 15 divindades do grupo gêge-nagô mais 1, perfazendo 16 o número de divindades que sobreviveram até os dias atuais (1970) e recebem observância religiosa, mítica e mágica, por dentro de tudo quanto possa se considerar como mistura de Candomblés e Candomblés de Caboclo.

Fica patente que essas Divindades que sobreviveram foram selecionadas, através de um longo tema psicológico de afinidades religiosas especiais, e ainda por assemelhações com certos Santos da Igreja Católica; por isso é que nasceu e firmou-se o chamado sincretismo afro-católico.

Convém repetirmos que esse sincretismo que prevaleceu e ainda prevalece **mais** nos terreiros de Candomblés e Macumbas teve sua origem no envolvimento catequista dos padres da época dos escravos, que procuraram impor os seus **santos**, através de um **sistema comparativo de atributos**, de par com a necessidade que os negros escravos tiveram de **aceitar para camuflar** os seus ritos e concepções. Daí em diante foi natural que criassem certas raízes místicas etc.

Assim, em conseqüência desses processos de aculturação dos africanos no Brasil, os seus **rituais de nação** que selecionaram-se, destacaram-se e fixaram-se definitivamente como os futuros CANDOMBLÉS, **não são iguais**, ou melhor, são muito diferentes dos que existiam e não existem mais em terras de África — como cultos aos Orixás, Voduns, Inkices e Bacuros...

Nem mesmo em Lagos (Nigéria), Dahomey e outras áreas, assim como nas atuais cidades de Catembe e Magude, — lá para as bandas de Moçambique, — consideradas como um espécie de Meca do curandeirismo africano e onde todos

vão se iniciar, existem ritos iguais em riqueza mítica, ritualística, através das roupagens, colares, jóias, prestígio religioso e folclórico, liberdade etc., aos dos Candomblés do Brasil... que assim aconteceram devido à supremacia da mulher que assumiu o comando direto deles, desde o princípio, construindo e selecionando um novo panteon aos seus deuses, na forja mística daquela sua gama vaidosa e emocional que a faz ser mãe, esposa e amante...

Os Nomes da Divindade Suprema e dos Deuses Maiores e Menores que têm cultuação viva, atuante, com seus atributos e características mágicas e ritualísticas nos CANDOMBLÉS da mistura gêge-nagô e congo-angola, frutos daquele processo de absorção, desgaste e sobrevivência autêntica, já apontado e selecionado.

ZAMBY: — É a a Suprema Divindade ou Deus nos cultos ou rituais de Nação Angola. Está também acima dos Inkices, Orixás, Voduns etc., isto é, dos deuses maiores e menores. Absorveu o Ôlorun dos nagôs (que também é o Deus Supremo, Senhor do Céu e de todos os Orixás), tomou o seu lugar, se impondo definitivamente na aceitação da mística gêge-nagô. Não tem sacerdotes, nem templos e nem ritos especiais. ZAMBY não "baixa", por isso não tem **toque** (de tambores) específicos; pode ser louvado em algum Candomblé criterioso, com um toque que ainda se conhece como Avania ou Ijika. É termo concepcional, atuante, por todos os TERREIROS de Candomblé, Macumbas e Umbanda.

OXALÁ: — Esse termo absorveu o de **Obatalá**, com todos os seus atributos: — um Orixá-maior, o "filho de Ôlorun-Zamby", o "rei dos orixás". E absorveu também, por um fenômeno místico comparativo ou transferencial, as homenagens e a veneração que deviam ser tributadas a Zamby-Ôlorun. Na mística corrente dos Candomblés, OXALÁ pode se revelar em duas personalidades: — ora pode ser **Oxalufã** — o velho (diz-se também Oxalá-alufan), que no **ritualismo** costuma ser apresentado como um velho curvado, cansado, que anda se apoiando no seu "**paxorô**", espécie de **cajado** que lhe serve de insígnia, (dá uma idéia assim como se fôsse o Jesus bíblico, de cajado na mão, na sua fase de pregação pelas beiras dos rios, já adulto); é a sua "**ferramenta**" sa-

grada, tipo bastão de estanho, que tem na extremidade superior (cabeça) uma bola, encimada por uma **pomba de asas abertas**, e, na parte intermediária superior (do bastão), tem umas astes, em cujas pontas estão pregados guizos brancos, pequenos (que deviam ser em número de 16).

Nesse aspecto personal — de Oxalá, o velho, — Ele pode ser denominado de **Orumilá**, quando representando seu domínio sobre IFÁ, o **oráculo dos orixás**, ou seja, daquele que traz a **palavra ou o segredo da Divindade Maior**, através da Pomba do seu cajado, que é assemelhada diretamente com esse Orixalá (Ifá, no sincretismo afro-católico, é o Divino Espírito Santo, isto é, Aquêle que anuncia as profecias e os dons). Oxalá é a Divindade Maior, a mais importante na corte de Zamby-Ôlorun, pois é o "dono de nossa humanidade". Nesse aspecto é representado ritualisticamente, com vestes brancas e prateadas (sempre na mulher). Além de seu "paxorô", usa braceletes brancos (ditos como abrajás) e capacete prateado. E como Oxaguinhã — o novo (chamado ainda de Oxalá-Guian, Yagunã ou simplesmente de Ôguiã) é representado, no rito, como um infante valoroso, guerreiro, vestido de branco, capacete prateado (ou branco), usando ou segurado na **mão direita o "enidô"** (espécie de mão de pilão de metal, dado a que lhe é vedado, nesse aspecto, o uso do cajado), e na **mão esquerda**, segura um escudo pequeno e uma espada, tudo de metal. OXALÁ foi confundido pelos primitivos escravos africanos com o Senhor do Bonfim, da Bahia. No sincretismo afro-católico, é **assemelhado** mesmo com o Jesus bíblico ou Cristo Planetário, em todos os Terreiros de Candomblés, Macumbas e Umbanda. Nos antigos Candomblés da Bahia, ainda recebia esses qualificativos carinhosos: — Orixá-babá, Babá-okê, Kassutè, Lemba etc.

Música especial: — Não tem **toque** específico, nos tambores. Pode ser louvado com os toques de Avania e Ijika. (Que são uma espécie de toque geral para todos os Orixás).

Comidas de santo: — Dentro do movimento mágico das oferendas, a **Iabá** (cozinheira dita como sagrada, porque, além desse ser o seu mister, não pode cozinhar para os Orixás estando **menstruada**, e nem mesmo doente; é sacrilégio, se assim proceder) prepara o **acaçá, de arroz** (na água, sem sal) o **munguzá** (dito como canjica, que é feito de milho branco e leite de coco); e ainda pode fazer **postas de clara de ovo** cozidas, tudo na água. Os únicos temperos permiti-

dos são o mel de abelha e o azeite doce. Qualquer uma dessas três comidas (podem ser juntas, também) devem ser postas em pratos de louça branca, sobre folha de bananeira verde.

Animais consagrados para o sacrifício a Oxalá: — Os animais de pena usados tradicionalmente para essa Divindade são o **pombo e a galinha**, ambos de cor rigorosamente branca (os verdadeiros **babalaôs do passado**, — os pais do segredo, — aqueles que podiam comandar os ritos da iniciação, **separavam**, para o aspecto do puramente místico, espiritual, mediúnico, o **sacrifício somente do animal de pena**; e para os outros tipos de sacrifício, que implicasse, em demandas, angústias, ou aflições diversas, com embaraços materiais e astrais etc., **indicava** o sacrifício do animal de pêlo). O animal de pêlo, usado tradicionalmente, era a **cabra** de cor branca, nova, sem ter cruzado ainda.

Bebidas consagradas: — A bebida tradicional é chamada de **aluá**, que não contém álcool e é a própria de todos os Orixás; mas, nos últimos tempos, generalizou-se o uso de outras bebidas de teor alcoólico, passando a se usar o vinho branco, de uvas, por efeito retroativo dos candomblés de caboclo.

O metal de Oxalá e a cor do colar: — O metal é o ouro, em forma de pulseiras. O colar (guia) que as **iaôs**, e as mães e os pais-de-santo usam, no pescoço, ou atravessado, do pescoço para o peito, são de contas de louça branca, leitosa.

O dia da semana consagrado a Oxalá, de um modo geral, nos candomblés, é o Domingo, porém, as obrigações (sacrifício de animais, comidas etc.), são feitas nas sextas-feiras. Árvore sagrada: não tem.

YEMANJÁ: — É um Orixá feminino, muito importante nos cultos afro-brasileiros. Aliás, é o mais festejado pelo povo (a massa dos crentes, simpatizantes etc.), especialmente no dia 31 de Dezembro (à noite), quando os Terreiros de todos os tipos arrastam milhares e milhares de adeptos às praias do Brasil, principalmente nas do Estado do Rio de Janeiro.

Yemanjá é o Orixá que domina o **MAR** ou as **águas salgadas**. É considerada como a "mãe da natureza", pois sim-

boliza a maternidade, por isso, dizem ser a "mãe de todos os orixás". No sincretismo afro-católico tem que se considerar os seguintes aspectos: rigorosamente, pela tradição dos candomblés da Bahia, essa divindade era maïs festejada nos dias 2 de Fevereiro (consagrado à Virgem da Candelária dos católicos) e 8 de Dezembro (dia da chamada Imaculada Conceição, também uma santa da Igreja Romana), nas **águas doces**, às margens do Rio Vermelho. Depois começaram também a festejá-la **mais**, no dia 31 de Dezembro mesmo, por **força da projeção e da propagação** dos festejos da Guanabara, Estado do Rio e São Paulo, que são os **mais fortes**.

Yemanjá é mais assemelhada com a Nossa Senhora da Glória dos Católicos, que representa uma fase da Yirgem Maria (dia 15 de Agosto); e o dia 8 de Dezembro foi sendo mais festejado (pela maioria dos terreiros, principalmente da Umbanda), com o Orixá feminino OXUM, nas águas doces, isto é, nos rios, cachoeiras etc.) e acabou se firmando assim.

Todavia muitos candomblés misturados **confundem**, porque, Imaculada Conceição, Virgem da Candelária, Nossa Senhora da Glória etc., não são mais do que **três representações místicas** de uma só personalidade ou Santa, que é a "santa Maria, mãe do Deus da Igreja Apostólica Romana", e portanto a mesma Maria de Nazaré. Eis porque outros candomblés festejam Yemanjá, no dia 8, no terreiro e no dia 31, na praia.

E ainda por dentro dos candomblés mais arraigados ao mito, Yemanjá é considerada como a "mãe de Ogum e Exu"...

Ela é representada, no ritualismo, com as cores branca, azul e rosa... a yaô ou a Yalôrixá, assim se paramenta para personificá-la : na **mão direita** segura sua insígnia, que é o "**abébé**", espécie de leque nc formato de peixe (símbolo do domínio sobre as águas); e na cabeça traz um tipo de coroa de cor rosada e ainda, nos braços, pulseiras de metal prateado (que deve ser 8 em cada braço).

Música especial: nos candomblés do Brasil não tem **toque** especial, nos tambores; no entanto costuma ser **louvada** com os toques ainda conhecidos como Avania e Ijika, bem como pode ser chamada ao **reino**, através de uma yaô ou da própria "mãe-do-terreirọ", com um outro tipo de **toque acelerado** nos tambores, dito como **adarrum**, o qual

— dizem — "chama o Orixá e ele vem de qualquer jeito" (isto é, deve provocar um aumento tensional religioso ou um frenesi anímico anormal, para que se dê a "caída no santo" ou a "possessão da divindade")... e nessas ocasiões costuma ser "recebida" com essa exclamação: **Odoya, Odoya**, que significa "a mãe das águas". Sua **itá** ou pedra-fetiche é de conchas do mar ou dos conhecidos como **seixos** marinhos.

Comida de Santo: — À Yabá compete preparar sua oferenda especial, que é feita com postas de peixe (preferencialmente a taínha), fritas ou passadas no azeite de **dendê**, bem como, milho verde, cozido sem sal e manjar de farinha de trigo e leite de coco. Tudo isso ainda pode ser acompanhado de mel de abelhas.

Animais consagrados para o sacrifício a Yemanjá: — Em relação ao bichos de pena (de 2 pés) usam a **pata** e a **galinha** de qualquer cor e para o sacrifício do bicho de 4 pés, (de pêlo), usam a cabra e a ovelha (vide observação sobre separação, no item relativo, para Oxalá).

Metal e a cor do colar: — O seu metal é a prata, e o seu colar ou "guia" para usar no pescoço é de contas de vidro transparente (assim como pedra d'água ou cristal), portanto, claras, **não leitosas**, em número de 78.

Bebida consagrada: Por influência retroativa do candomblé de caboclo, passaram a usar o vinho branco (tipo moscatel) e a champanha (uso moderno, não tradicional). Porém a bebida tradicional é chamada de **aluá**, em cujo preparo entra o gengibre, o milho verde e o caldo de cana.

Dia consagrado: — O sábado. **Árvore sagrada:** — Não tem.

XANGÔ: — É também muito importante porque é considerado um orixá maior, na crença dos candomblés. Quase todos os filho-de-santo que têm "cabeça feita" com esse orixá pretendem se colocar assim, com certa superioridade, em relação aos outros, cujos "donos" são orixás menores.

Dizem ser Xangô o Senhor do Trovão, do Raio e das Tempestades, isto é, do "fogo celeste", além de ser o orixá dos nobres, dos reis, dos leais e dos bons, pois é considerado "viril, galhardo, violento e justiceiro"... castigando os ladrões e mentirosos. Por dentro da lenda se diz que é "filho de Oxalá, tendo por mãe Yemanjá e que foi o rei Oyó do povo Nagô.

Esse orixá é ainda chamado de "Xangô d'zacutá" ou kebiôsô, por ser "o atirador de pedras" (do raio, do meteorito). Havia na tradição religiosa e mágica africana o costume de se procurar as "machadinhas de xangô", no local onde se presumia ter caído o raio. Se achassem alguma pedra, chamavam-na de "edum ara" e passava a ser tratada no pêji, como um seu "axé ou oxé" natural (que era uma espécie de representação de sua força eletro-magnética fixada nela), que antes tinham que ser banhadas de sangue, para conservar a vitalidade mágica.

Todavia seu itá ou pedra fetiche, conservado e usado dentro de tijela branca ou panela de barro, nos candomblés, era procurado e retirado das cachoeiras, e assim eram tratadas, pelo ritual do sangue.

No ritualismo dos terreiros, a yaô ou mãe (ou pai) de santo se paramenta para personificá-lo ou "recebê-lo" com vestes preferencialmente brancas e vermelhas. Na cabeça leva uma coroa com três faixas ligadas, no azul celeste, alaranjado e azul puro. Na mão direita segura a **dupla machadinha** de metal, que é a sua insígnia sagrada, de sua hierarquia, o mesmo que dizer, seu emblema; e na mão esquerda costuma também trazer uma espécie de **oxé** esculpido, representado por uma pequena estátua, de tanga, tendo na cabeça uma dupla machadinha colada, parecendo um livro aberto.

Além disso tudo, costuma usar, a mais, braceletes de tiras de couro, com coroas de cobre pregadas nêles.

No sincretismo afro-católico, Xangô é assemelhado com o São Jerônimo da Igreja Apostólica Romana e por isso é festejado no dia 30 de Setembro, em todos os terreiros e especialmente com grandes romarias às cachoeiras.

Comida de Santo: — Para o orixá Xangô a Yabá pode preparar muitas comidas de nomes africanos, assim como: bobó, abará, aberém, odó, olupó etc. Porém a mais usual é o **amalá** que é feito de caruru (uma hortaliça parecida com a bertalha) com arroz junto com pirão de mandioca.

Bebida consagrada: — Por influência retroativa dos candomblés de caboclo, passaram mais a usar a cerveja preta, porém a tradicional é o **aluá**.

Os animais consagrados para o sacrifício: — Bicho de dois pés, de pena, é o galo; e bicho de quatro pés, de pêlo, é o carneiro.

Metal e cor do colar: — O metal é o chumbo e o colar ou a "guia" para usar no pescoço são de contas de louça,

A "filha-de-santo" numa oferenda bem sublimada para Oxum.

nas cores encarnadas e brancas, em número de 78. O dia da semana consagrado a Xangô é a quarta-feira.

OXUM: — É um orixá feminino, considerado como a divindade que domina os rios e as águas doces. No Brasil de um modo geral foi confundida com o orixá Oxunmarê dos Gêges, que passou a ser uma representação sua, quando manifestando o "arco-iris". Na lenda, dizem, foi uma das esposas de Xangô, por isso é tida como "a rainha dos orixás".

É cultuada no dia 8 de Dezembro, à noite, nos terreiros, e de dia, intensamente, nos rios e cachoeiras (vide foto), porque foi mais sincretizada com a Imaculada Conceição dos católicos.

As oferendas para Oxum levam muitos perfumes, pó de arroz, espelhos, pentes e outros elementos do uso feminino, porque **ela** é muito vaidosa, coquete etc., por isso, acreditam, promove os noivados e os casamentos.

No ritualismo ela é representada com a vestimenta nas cores dourado, azul e rosa. A mãe-de-santo ou a Yaô completa a personificação do orixá Oxum, trazendo as suas insígnias nas mãos, que são uma espada na mão esquerda e um leque de metal amarelo, de forma arredondada, na mão direita, que se diz como "abébé", também; na cabeça traz uma espécie de coroa com bordados dourados, fechando com um laço espalmado que vai assentar sobre os ombros, e ainda pode usar, pendurada no pescoço, uma rodela de prata circundando um signo de salomão.

Esse Orixá não tem música especial, mas costuma ser louvada com o toque do "adarrun". Seu **itá**, ou pedra-fetiche, é de seixos rolados, isto é, de pequenas pedras colhidas nos rios.

Comida de Santo: — A oferenda de alimentos mais usada consta de postas de peixe de água doce, fritos ou passados no azeite de dendê, sem sal, acompanhados do arroz de aussá, cozido na água pura e misturado com leite de coco e ainda do **xin-xin** africano. Tudó isso pode ser coberto com rodelas de cebola e camarões cozidos somente na água.

Animais consagrados para o sacrifício a Oxum: — O bicho de pena (2 pés) é a galinha e o bicho de pêlo (4 pés) é a cabra.

Metal e cor do colar: — O seu metal é a prata, na cor amarelada, e o seu colar ou "guia" para usar no pescoço é de contas de louça ou vidro, nas cores azul e branca, mas costumam usar também somente na cor amarela, tudo em número de 78.

Bebida consagrada: — No ritualismo tradicional sempre foi o "aluá", mas, por efeito retroativo dos candomblés de caboclo e dos terreiros de Umbanda popular, passaram a usar mais o vinho doce branco e até a champanha.

Árvore sagrada não tem e o seu dia na semana é o sábado.

Umbanda popular: "filha de fé" de um Terreiro, no ato de se entregar espiritualmente ao Orixá dito como "Mamãe-Oxum", numa cachoeira...

Umbanda popular: filha-de-terreiro faz oferenda para Xangô, na cachoeira.

OXOSSI: — É cultuado como o Orixá que preside a caça, as matas ou florestas e, por extensão, todos os vegetais.

É muito festejado a 20 de Janeiro, dia do São Sebastião dos católicos, pois no sincretismo foi assimilado a ele, exceção apenas do Estado da Bahia, pois, lá, Oxossi é sincretizado com o São Jorge e festejado na data daquele santo (23 de abril).

A mãe ou o pai e mesmo a Yaô, quando se paramentam para personificá-lo, nos terreiros, especialmente no dia que lhe é consagrado, trajam vestes onde predomina a cor verde. Na cabeça usam um capacete de palha incrustada de búzios. Nas mãos trazem arco e flecha de metal (ferro fundido ou estanho) em miniatura, que são suas insígnias nobres, e ainda podem trazer, a tiracolo, uma aljava, além de uma cauda de boi segura pela mão direita, jogando para trás das costas.

Todavia esses paramentos tradicionais costumam ser substituídos (influenciação do candomblé de caboclo) por um saiote de penas e penachos ou cocar indígena colorido.

Oxossi não tem toque especial e pode ser chamado ou louvado com o "adarrun". Seu fetiche tanto pode ser uma espingarda ou uma flecha, como uma frigideira de ferro. tudo em miniatura.

Comida de Santo: — Milho vermelho, amendoim, polpas de coco, tudo passado no dendê e que devem ser ofertados em vasilhas de barro ou louça branca, forradas com fôlhas de bananeira verdes e ainda acompanhadas ou cobertas de rodelas de cebola e camarões fritos no dendê.

Animais consagrados para o sacrifício a Oxossi: — Bicho de pena (2 pés) usam o galo e bicho de pêlo (4 pés) usam o porco.

Metal e cor do colar: — Seu metal é o estanho e o colar ou a "guia" para usar no pescoço é composto com 78 contas de louça ou vidro, nas cores branca e verde.

Bebida consagrada: — Sempre foi o aluá, mas, por influência dos outros tipos de terreiros já citados, passaram a usar mais o vinho branco com mel de abelhas.

O seu dia na semana é a quinta-feira e sua árvore sagrada, no Brasil, ficou sendo a Jurema.

OGUM: — É tradicionalmente o Orixá que protege os ferreiros, os agricultores, enfim, todos que, no trabalho

do campo, usam ferramentas de ferro; mas no Brasil esses seus atributos não foram levados muito em conta.

Em realidade é considerado, sobretudo, uma **divinda·le guerreira**, sendo portanto um deus das lutas, das guerras e das demandas diversas.

Ogum é intensamente festejado no dia 23 de Abril, porque foi sincretizado como o São Jorge dos católicos, exceto no Estado da Bahia, onde foi assimilado com o Santo Antônio (porque Oxossi é que foi sincretizado com o mesmo São Jorge).

No ritualismo, a mãe ou a filha-de-santo, quando espera ser "possuída" pelo Orixá Ogum, tem que personificá-lo da seguinte forma: — suas vestes levam as cores vermelho, verde e branco, quer na saia (ou tanga), quer nas faixas cruzadas da cintura para os ombros; na cabeça traz um capacete de pano vermelho com bordados quadriculados. Todavia, nos candomblés de Pernambuco, que se diz vulgarmente por lá como "Xangôs do Nordeste", usam tudo em vermelho, e na Bahia, tudo em azul-marinho.

Além disso ainda traz na mão esquerda uma espada, mas pode usar também uma lança, que são suas insígnias nobres; agora, seus fetiches incluem escudo, pá, foice, faca e enxada, que dizem ser as "ferramentas de Ogum". Nos braços pode usar ainda pulseiras de ferro.

O toque do "adarrun" pode ser feito para louvá-lo, porque não tem música especial.

Comida de Santo: — A yabá ou cozinheira sagrada prepara o feijão fradinho (cozinhado na água pura) misturado com azeite de dendê, posto em prato de barro ou louça branca, forrado de folha de bananeira verde, pois é a regra de origem.

Animais consagrados para o sacrifício: — Bicho de pena (2 pés) é o galo vermelho, e bicho de pêlo (4 pés) é o bode.

Bebida consagrada: — É o aluá, porém, por influência dos outros tipos de terreiro, passaram a usar a cerveja branca.

Metal e côr do colar: — O seu metal é o ferro e a guia ou colar para usar no pescoço pode ser de duas qualidades; uma é de contas de louça (78), ditas como miçangas, nas cores verde e encarnada e a outra vem na forma de uma corrente de bronze, cobre ou latão.

Ogum não tem árvore sagrada e o seu dia na semana é a terça-feira.

YANSÃ: — É a divindade dos ventos, raios e tempestades, estreitamente ligada ao Orixá Xangô, porque, — reza a lenda, — foi também mulher dele. Essa deusa é considerada de temperamento ardente e apaixonado. Ela é a "senhora das almas" porque, acreditam, é a única que pode dominar os **eguns** (espíritos dos mortos, dos antepassados) e afrontar o poder dos outros orixás.

No Brasil, de um modo geral, foi sincretizada com a Santa Bárbara (que está incluída no rol dos "santos" cassados pelo Papa) dos católicos, e por isso é muito festejada no dia 4 de Dezembro (vide foto).

Quem costuma mais se devotar a essa divindade são os **filhos-de-santo** que, para personificá-la, usam vestes de pano bem coloridos e até berrantes, e na cabeça trazem uma coroa bordada, com franjas de pérolas, que caem sobre os olhos até o nariz, assim como que para "velar o seu pudor ou a sua dignidade" (nota especial: esse é o Orixá feminino preferido pelos **homossexuais**, no Brasil, que de há muito invadiram os candomblés e se fizeram de **filhos** ou de **pais-de-santo**, muitos até bastante procurados e prestigiados).

Na mão direita deve trazer sua insígnia nobre, que tanto pode ser espada ou sabre, pois Yansã é também uma "divindade guerreira". Sua música ou toque especial se diz como **aguerê**, que batem numa cadência lenta, para que ela possa dançar assim "como quem está espantando as almas penadas". Seu **itá** ou pedra fetiche é o meteorito ou mesmo a pedra rolada nata dos rios os das cachoeiras.

Comida de Santo: — Seus alimentos sagrados todos têm nomes afros e são: o acarajé, ipéte, abará, xinxin etc., tudo condimentado com cebolinha branca, azeite de dendê e camarão.

Animais consagrados para o sacrifício são: — De pena (2 pés) é a galinha na cor amarelada, e de pêlo (4 pés), é a cabra, **não** de cor preta.

Bebida consagrada a Yansã: — É o **aluá**, mas, por influência dos terreiros de Umbanda popular, passaram a usar o vinho doce, branco.

Metal e cor do colar: — Seu metal pode ser o cobre e o seu colar ou guia, do pescoço, em muitos candomblés usam de contas de louça vermelho-grená e em outros preferem nas cores mais tradicionais, que são o amarelo e o verde.

Esse Orixá feminino não tem árvore sagrada e o seu dia na semana é a quinta-feira...

Vivência umbandista popular, no dia 8 de dezembro (dia do Orixá Oxum) na cachoeira, festejando.

Mesma "filha-de-santo" na seqüência de seus ritos.

OMULU (ou Obaluayê): — É uma divindade que cultuam com temor, porque, dizem, domina e promove as doenças, principalmente a lepra e a bexiga, por isso é tido, nos cultos africanos, como "o deus da medicina".

Ser devotado a Omulu, — murmuram nos candomblés, — "é uma honra perigosa"; com ele não se pode facilitar, porque Obaluayê é o "rei do mundo"; não castiga, nem perdoa, **executa**.

Esse Orixá foi sincretizado no Brasil, de um modo geral, com o São Lázaro dos católicos, exceção do Estado da Bahia, onde foi assimilado mais com os São Roque e São Bento.

Sua personificação no ritualismo dos terreiros de candomblés é feita na seguinte apresentação: — nas vestes sagradas da mãe ou da yaô deve predominar as cores preta e amarela ou o vermelho e preto; na cabeça deve constar um capuz de nome **azé**, do qual descem fibras de palha, que, tapando o rosto e parte do tórax, vão até os joelhos; na mística, "essa divindade tem a vista afetada pela lepra"...

Na mão esquerda traz um **xaxará** (sua insígnia ou emblema) que é uma vara de madeira coberta de fibras de palmas enfeitadas de coquinhos do dendê ou mais usualmente de búzios. Na mão direita costuma trazer também uma espécie de lança de metal, pequena, e nos pulsos, braceletes de palha, incrustados de búzios ou senão pulseiras de chumbo.

A Yaô, quando "possuída" pelo Orixá Omulu, dança curvada, faz gestos convulsos de dores e sofrimentos febris. Nessa ocasião os ogans batem nos tambores a sua música especial, que vem com o toque dito como **"opanijé"** e significa, no linguajar nagô, "mata e come qualquer um"... Seu fetiche consta de um molho de palha da costa envolvido por búzios pequenos, machos, em número de 16.

Comida de santo que lhe é consagrada: — O seu alimento tradicional nas oferendas consta de pipocas feitas com milho branco no azeite de dendê e farinha de milho (fubá).

Bebida consagrada: — É o **aluá**, mas Omulu "bebe" também suco de laranja lima.

Animais consagrados: — Para as ofertas sacrificiais, o bicho de pena (2 pés) é o galo carijó e o de pêlo (4 pés), tanto pode ser o bode como a cabra.

Metal e natureza do colar: — Seu metal é o chumbo e a guia ou colar que a filha-de-santo traz no pescoço, se seguir a tradição correta, deve ser o **Laguidibá**, feito de contas pretas de chifre de boi; porém quando Omulu vem como Obaluaiê, que é a sua vibração jovem, o colar é composto de contas de louça ou vidro nas cores vermelho e preta ou brancas e pretas ou então todas em vermelho sangue, tudo em número de 78. Não tem árvore sagrada e o seu dia na semana é a quinta-feira.

NANÃ-BURUQUÊ — Este é um Orixá feminino que, segundo a crença dos candomblés, é a **mãe de todos os Orixás.** É curiosa a concepção sobre seus poderes: — Nanã e a rainha da lama e dos elementos pantanosos, dizem...

A yaô, quando se paramenta para louvar o Orixá Nanã, deve se vestir com roupas brancas, de panos da Costa, nas cores laranja, azulada e branca; traz a cabeça envolta numa faixa e na mão esquerda uma espécie de insígnia de cobre, com uma cauda que se enrola, e toda cheia de búzios, além de pulseiras de cobre, incrustadas de búzios, em quantidade, e enormes colares no pescoço, sempre de búzios.

Nanã é festejada no dia 26 de Julho, consagrado a Nossa Senhora Santana dos Católicos, com quem foi sincretizada, no Brasil...

Comida de santo: — Nanã aceita, na oferenda, peixe em moquecas, camarão, cebolas, tudo no azeite de dendê, com farinha de milho, e acompanhados de sua bebida, que é o **aluá.**

Animais consagrados: — Bicho de pena (e pés) é a galinha e bicho de pêlo (4 pés) é a cabra.

Metal e cor do colar: — Seu metal é o cobre e a guia ou colar consagrado é de miçangas nas cores roxo-claro e branco, em número de 78. Seu fetiche é sempre preparado com búzios, e seu dia na semana é a quarta-feira (em outros candomblés dizem terça-feira). Não tem árvore sagrada.

EXU: — Esse Orixá é considerado menor, porque serve de mensageiro para os outros Orixás, principalmente para Ifá. Exu dito como Elegbará porque é o guardião dos Terreiros, das casas, das pessoas etc. Mas, ele, — dizem, — é

de caráter irascível, gosta de provocar discórdias, acidentes etc.

Exu foi "sincretizado" no Brasil com o "diabo" dos católicos (vide adiante explicações das transformações de Exu em outros terreiros). Seu emblema fetiche é um tridente de ferro.

No candomblé africano tradicional Exu não tem direito de possuir **filha-de-santo,** por isso não é chamado ou evocado **dentro** do barracão, quando nas sessões. Ele **é bem tratado,** mas **fora,** com suas oferendas especiais.

Comida de santo: — Exu recebe acaçá de fubá, bifes passados no dendê, além de ter direito aos 3 primeiros acarajés de Inhassã.

Animais consagrados: — De pena (2 pés) é o galo ou o frango rigorosamente preto, e o de pelo (4 pés) é o bode ou o cabrito prêto. A bebida consagrada a Exu ficou sendo a cachaça mesmo.

A mesma médium da capa, na seqüência de seus rituais.

"Filha-de-santo", na cachoeira, evocando o seu "Orixá de cabeça"...

Metal e cor do colar: — Seu metal é o chumbo e a guia para usar no pescoço, consagrada a ele, é de contas vermelhas e pretas, em número de 78.

Seu dia na semana é a sexta-feira, porém em outros candomblés querem que seja a segunda-feira.

IBÊJIS: Essas divindades são consideradas como os Orixás meninos, também chamados de Erês, dentro do conceito de que são gêmeos e de que promovem o parto-duplo. E, quando são louvados, as filhas-de-santo devem se vestir principalmente de verde e vermelho. Os Ibêjis não têm pedra-fetiche mas seu emblema fetiche costuma ser um brinquedo qualquer.

Os Ibêjis, esses orixás meninos, foram sincretizados no Brasil com os Cosme e Damião da Igreja Católica, e por isso são intensamente festejados no dia 27 de Setembro.

Comida de santo: Os Ibêjis recebem oferendas que levam doces e guloseimas diversas, porém a tradicional é o **caruru**, com mel de abelha. Sua bebida devia ser o aluá, mas o uso que se vulgarizou foi o do guaraná.

Animais consagrados: Somente são sacrificados para os Ibêjis os bichos de pena (2 pés), que podem ser o frango ou a franga, preferencialmente de cor branca.

Metal consagrado: não tem e o colar para usar no pescoço das Iaôs é de miçangas, azul e rosa (78). Seu dia na semana é o domingo.

OBÁ: Êsse Orixá é divindade feminina, guerreira, por isso, — crêem, — numa luta perdeu a orelha esquerda, que sacrificou por amor a Xangô.

A samba ou a iaô quando vai personificá-la usa saia azul rodada, uma blusa que vem até o joelho, de côr laranja, e na cabeça bota um pano azulado; numa mão traz espada e na outra um escudo de cobre, pequenos, pois essas são suas ferramentas ou emblemas fetiches. Não foi sincretizada com nenhum santo.

Comida de santo: Suas oferendas são compostas com frutas variadas; também não tem animais consagrados. Não tem árvore sagrada nem toque especial.

O seu dia na semana é a 5ª-feira. A guia ou colar é de miçangas na côr encarnada coral e o seu metal é o aço.

IFÁ: É considerado um Orixá — oráculo. Não tem cultuação dentro dos terreiros. Não tem dia, na semana, dedicado a êle. O seu colar, que a iaô devia usar, se diz como "rosário de Ifá", de côcos de dendê, pois sua **árvore sagrada é o dendezeiro**. Ifá foi sincretizado com o Divino Espírito Santo da Igreja Católica. Ifá é invocado especialmente no "jôgo dos búzios" (na adivinhação), pois o consideram como o oráculo dos Orixás, especialmente de Orumilá, que vem a ser o mesmo Oxalá (Jesus).

OSSÃE: É um Orixá feminino, também pouco cultuado, mas que dizem ser a **dona das fôlhas**. Não foi sincretizada. Todavia, quando é cultuada, a filha-de-santo veste roupas de côres berrantes, principalmente o rosa e o verde, além de trazer na cabeça um capacete de pano vermelho e muitos colares de contas vegetais; é indispensável trazer na mão **três galhos** de uma planta com fôlhas largas. Fetiches especiais não tem. **Comida de santo** não tem, porém o animal consagrado para o sacrifício é de pêlo (4 pés), e só pode ser o porco.

Seu metal é o estanho e o colar consagrado a ela leva 78 contas verdes. Seu dia na semana é a 5ª-feira.

LÔKÔ: É um Orixá masculino pouco cultuado nos terreiros, se bem que o seja mais na sua árvore sagrada, que é a **gameleira** (fitolatria), onda recebe oferendas e pedidos. Não tem paramentos especiais e nem fetiches. Todavia a guia ou

colar consagrado a ele é de contas (78) verdes, grossas. O seu metal é o estanho e o seu dia na semana é a 5ª-feira.

Não tem **comida de santo** especial, porém o bicho de pena (2 pés) consagrado para o sacrifício é o galo. E as bebidas usuais na oferenda são: vinho branco e cerveja, tudo acompanhado de fumo de rolo (porém a tradicional seria o **aluá**).

Gritos e Saudações especiais das "Divindades" (Orixás) dos Candomblés tradicionais, extensivos, quer aos misturados com a Corrente Indígena, — que tomaram a subdenominação de "candomblés de caboclo", quer ainda às subpráticas mediúnicas existentes nas chamadas de "Macumbas cariocas".

Vamos nos fazer entender nesse ponto: nas práticas dos bons Terreiros da Umbanda, se tem como vértice ou razão de ser, diretamente, o incremento da mediunidade. Faz-se questão, é ponto fechado. Fazem testes de várias formas, nesse sentido.

Nos Candomblés da mistura pura gêge-nagô-angola, nos que podem ser considerados como os melhores guardiães do tradicionalismo africano no Brasil e ainda no que pode ser apontado de melhor, como "candomblé de caboclo", a inicianda deles, chamada de **yaô** (ou mesmo o homem filho-de-santo), desde cedo é **conduzida** e progressivamente **condicionada**, por dentro de uma intrincada rede de sugestões religiosas, míticas e fetichistas...

Ela vai criando e plasmando em seu campo mental, de acordo com suas inclinações, um certo tipo de tendência ou afinidades particulares por tal ou qual Orixá. É quase certo que a sua mãe-de-santo **observa** e tudo dirige para **combinar** quando chega a hora de identificar o seu **orixá-protetor**, aquele a quem ela vai se devotar por toda vida e que fatalmente terá de "receber" ou de ser "possuída" por ele, ou ela (se for uma divindade feminina, dita como **yabá**).

Essa definição ou identificação é iniciada através do "jôgo dos búzios" ou "fala dos deloguns", o qual deve indicar o seu Orixá dito como **anjo-de-guarda**, para depois se definir por completo — já, através da filha-de-santo mediunizada, quando **solta a sua djina**, que é o seu nome particular e pelo qual quer ser conhecido entre os mortais.

Nessas condições ela vai indo e refreando os seus impulsos anímicos, até quando, em certa altura, não pode se con-

ter e faz "explodir" aquela corrente neuro-psíquica sugestiva que vinha **condicionada** e **alimentada**; de sua esfera mental **transborda** a imagem do Orixá que ela pretende "receber" mediùnicamente; então é quando pode acontecer a "manifestação" tão ardentemente desejada. É, não resta dúvida, semelhante àquêle mesmo **animismo-fetichista**, já tão bem observado pelo Prof. Dr. Nina Rodrigues (há mais de 80 anos e que em linhas essenciais assim é mantido), isto é, passou a exteriorizar por gestos e alterações fisionômicas, a **caída no estado de santo**, pela posse de seu orixá.

Então é quando realmente ela faz "**explodir**", de dentro para fora, através de sua garganta, **triunfalmente**, uma espécie de **grito** que caracteriza tradicionalmente a presença do orixá no ambiente humano do terreiro.

Dêsse modo êsse estado de exaltação anímica, fetichista, religiosa, varia de acôrdo com os diferentes deuses ou deusas a quem uma ou outra dessas **yaôs** se devotou. Além dêsses **gritos** ainda há outras saudações especiais, com as quais são recebidas.

Eis os **gritos** e as **saudações**: quando uma filha-de-santo está "possuída" pelo orixá-maior OXALÁ, ela exterioriza um **brado** anímico, que acontece na forma vocalizada de um gemido trêmulo, assim como quem faz **aê-ê-ê-ê**... baixo, sussurrante e longo. Nessa hora a divindade pode ser saudada (na pessoa da yaô), pela mãe, ou pelo ogã ou por uma yaô (inicianda) com uma exclamação especial que tanto pode ser dita como **êxê-ê-babá** ou **êp-êp-babá** ou ainda **eh-bá-bá-bá**... e pode ser que essa mesma saudação seja acompanhada do **IKÁ**, que é a atitude física que toma uma pessoa, quando quer reverenciar o orixá, se jogando de bruços, no chão, com a cabeça perto dos pés da yaô mediunizada ou **possuída** pela divindade.

Quando a "posse" **acontecia** com o orixá XANGÔ, a filha de santo "possuída" por êle exteriorizava o seu grito anímico sibilando um **êi-i-i**, um tanto ou quanto prolongado, estridente. O Iká que se faz a essa divindade pode ser acompanhado dessa saudação falada... **caô-cabê-cilhe**; porém, êsse grito tradicional foi pràticamente suplantado pela influência anímica retroativa dos "candomblés de caboclo", cujo **brado** veio na forma vocalizada de um surdo trovejar ou numa espécie de ruído de cachoeira, onde se nota pronunciar-se um **cá-ô-ô-ô** prolongado.

Quando a posse acontecia com o orixá OXOSSI, êsse grito típico costumava vir quando a filha-de-santo atingia um

ponto tal de exaltação anímica, que saía vocalizado na forma de um **latido de cachorro**, o qual foi pràticamente abandonado, devido à influência do "candomblé de caboclo", no qual o grito era e ainda é o de um **ki-ê-ê-ê** prolongado, vibrado. O iká que se faz a essa divindade pode ser acompanhado da saudação falada, assim expressada... **ô-ki-banb-ôcline**...

E quando a posse se dá com o orixá OMULU (ou Obaluayê) o seu grito vem vocalizando com um **hã-hã-hã**... gemido, cavernoso etc. O **iká** (que é o conjunto de gestos ou a atitude física de saudação às divindades masculinas) pode ser acompanhado de uma saudação falada que pronunciam assim: **atôtô**...

Se a posse se desse com o orixá OGUM, a filha-de-santo exteriorizava êsse grito, em duas vocalizações roucas, assim pronunciadas... **guará-minfô**. Êsse grito tradicional foi suplantado por outra espécie de **brado**, que firmou-se assim... **rô-ô-gum**. O iká que se faz a essa divindade pode ser acompanhado com essa saudação falada... **ogum-nhê**.

E quando essa "possessão" acontece com o orixá YEMANJÁ, a yaô pode exteriorizar a sua exaltação anímica soltando êsse **grito** estridente de **hin-hi-ye-min**; todavia êsse grito é pouco usado; foi suplantado com outro que veio com uma forma de **gemido prolongado, sussurrante, soprado**. A saudação física com que se recebe qualquer **orixá feminino** diz-se como **Dobalé** (ou adobá), que consta da pessoa se jogar no chão, com a cabeça perto dos pés da outra mediunizada, virando o tronco, ora para a esquerda, ora para a direita, seguindo a cabeça êsse movimento, durante o qual pode ser dita essa saudação falada... **ô-dô-feiabá**.

E a posse acontecendo ser pelo orixá YANSÃ (feminino), êsse grito pode vir na forma, **também**, de um **êi-i-i**, suave, comprido. O **Dobalé** pode ser acompanhado com essa exclamação... **êparrêi**.

E quando a posse vem com o orixá OXUM (ou Oxunmarê), o grito vem ansiado e pode ser entendido na forma de um **hin-hin-hin** modulado, espécie de gemido prolongado. O **dobalé** pode vir acompanhado dessa saudação falada... **ai-êi-êi-ô-minho**; porém a mais usual passou a ser dita assim: **ai-êi-iêu Oxum**...

E na possessão do orixá NANÃ-BURUQUÊ (feminino), a filha de santo vocalizava seu grito, na forma de um **bu-bu-bu-bu** que pode sair meio soprado e meio rouco. O seu dobalé pode ser acompanhado da saudação falada, dita... **salubá**.

E para os orixás-menores **Ibêjis** (ou **êrês**, que são do astral), quando acontece vir a posse, costumam — já por influência do candomblé de caboclo — recebê-los com essa saudação... **ô-ni-beijada**.

Lôcô ou IRÔKÔ: quando a filha ou iaô se sentia "possuída" por essa divindade, exteriorizava êsse estado, com um **assobio** baixo, repetido. A saudação física é o dobalé. Não tem saudação falada.

1ª.OBS.: quanto aos outros orixás femininos — Ossãe, Obá etc, — sòmente nos citados candomblés de caboclo passaram a receber as mesmas saudações faladas e reverenciadas, feitas a Oxum, e conseqüentemente as filhas-de-santo "possuídas" por elas soltam o mesmo **grito** tradicional de Oxum...

2ª.OBS.: quanto ao Orixá EXU, nos candomblés tradicionais da mistura pura gêge-nagô-angola (que foi tudo que sobreviveu), **exu** não tinha direito a "possuir" uma filha-de-santo, nem a mãe e nem ao pai-de-santo. Êle era **tratado**, isto é, recebe oferendas na parte externa do terreiro, em local adequado, para não atrapalhar o ritual. Mas, nos candomblés de caboclo, êle passou a "baixar", o mesmo que dizer, se manifestar através das filhas-de-santo e depois invadiu aquêle outro tipo de candomblé. Assim sendo, passou a ser **recebido** com essa saudação falada: **exu-ri-á**... a qual pode ser acompanhada com o **gesto** de se tocar com a mão direita no **chão três vêzes**. **Vejamos agora o seu conceito de hierarquia espiritual sôbre a Deidade e os Orixás — divindades:**

No **1º plano** vem o Zamby-Ôlôrum: que concebem como o Deus Supremo mesmo.

No **2º plano** vem os 15 Orixás que cultuam: são tidos mesmo como **divindades** que habitam uma espécie de céu e que, além de comandar fôrças cósmicas, ainda se dignam a **baixar** entre os mortais, desde que êles sejam crentes ou freqüentadores de seus candomblés. Exceção apenas para o **Orixá-Exu**, que "deve estar sempre por fora", servindo os outros Orixás e "guardando os caminhos"...

Obs.: como está evidenciado, tais concepções podem ser qualificadas assim como do tipo de uma abstração mística espiritual muito **maravilhosa**... e muito infantil, também.

Como fazem uma pessoa ser filho-de-santo ou Yaô, que quer dizer inicianda, até a chamada de feitura de cabeça? Digamos o processo da maneira mais simples possível:

a) Uma pessoa sente alterações psicológicas e sensoriais sutis e diversas, mas é afim ao **santo do candomblé**, isto é, tem crença nas suas divindades ou mesmo porque já caiu num **estado de santo qualquer** e anda altamente excitada, anímica etc., e resolve se aconselhar com um pai-de-santo indicado, e assim faz.

b) o pai-de-santo, diante das queixas e das solicitações e pelas sondagens que faz na pessoa, resolve por sua vez **jogar os búzios**, para saber qual o "orixá" que está mexendo com ela, que é para identificá-lo como o seu **anjo-de-guarda** ou chefe-de-cabeça. Isso feito — de acôrdo com a sua interpretação pessoal — a pessoa é informada logo da sua divindade afim: se é Xangô, Ogum, Oxossi etc.

c) o consultado estando de acôrdo e podendo (porque uma feitura de cabeça no ritual do candomblé fica caríssima; com a feitura e as despesas correlatas, atualmente vai de 2 a 4 milhões de cruzeiros velhos) começa a se preparar para a **iniciação**, vindo residir numa dependência do candomblé, por um certo tempo. Daí inicia a compra das vestimentas, emblemas ou insígnias do seu orixá, ao mesmo tempo que o babalôrixá começa a fazer outros tipos de despesas, por conta, é claro, da noviça.

d) a par com tudo isso o pai-de-santo tem que ir providenciando o **fetiche** ou o **otá** do Orixá do iniciando. Logo a seguir a noviça recebe um banho de ervas especiais, dito como **ariaxé**, geralmente às três horas da manhã (se a pessoa fôr homem o babalorixá assiste, e se fôr mulher a mãe-pequena o faz e vice-versa). Depois muda logo a primeira roupa do preceito.

e) nessas alturas a noviça já está pronta para entrar para o **roncó** ou **camarinha** (que é o quarto sagrado), mas antes o pai-de-santo tem que mandar despachar um **ebó para exu**, a fim de afastar qualquer embaraço astral que possa existir na vida da inicianda.

f) e, no dia acertado, fazem uma sessão ou reunião especial; a inicianda senta em frente ao **Pêji** (altar) porque vai assistir à matança dos animais consagrados ao seu **orixá de cabeça**; durante essa fase sua **cabeça é raspada**; leva um corte em cruz, no alto; recebe um banho de sangue nela; tocam os tambores insistentemente até que

sua exaltação neuro-anímica atinja o auge, que é para poder **cair no estado de santo**... e logo o babalorixá considera que o seu **orixá baixou** e a pessoa assim "possuída" pelo orixá começa a dançar (um pouco desajeitada) antes de ser recolhida ao **roncó** (onde ficará recebendo uma série de preparações, por 15, 30 ou mais dias) pois vai ainda ser submetida a um nôvo banho, que se diz como das "águas do axé", que são águas guardadas em moringas, no **pipelê** (outro tipo de quarto sagrado, onde estão as roupagens dos orixás e onde botam oferendas para êles) e mesmo no dito como **ronco**, para ser enxaguada e depois pintada.

g) durante sua permanência no roncó ou camarinha não pode falar nem receber visitas; só do pai-de-santo, da mãe-de-santo ou de outra pessoa Yaô, encarregada de servir a comida e outras coisas, nesse período. Tudo que a pessoa recolhida desejar tem que pedir pelo **paó** (que significa bater palmas três vêzes) e fazendo a mímica expressiva do desejo.

h) findo o prazo, há festas (geralmente escolhem um dia de um santo da Igreja católica) para que a nova yaô ou filha-de-santo seja conhecida entre seus pares, mesmo porque o seu orixá terá que dar o nome particular pelo qual quer ser conhecido e recebido, e a isso se diz como **dar a djina**. Por exemplo: a divindade é Xangô, mais a sua djina ou nome próprio é Lairá ou Aganju etc...

i) e depois disso tudo, já **yaô de cabeça feita** e considerada, vai levar um período de 7 anos para aprender tudo que se relacionar com os ritos dos Orixás, assim como: cantar e dançar para os orixás; conhecer os toques particulares das divindades; conhecer as saudações faladas e as reverências em gestos (fazer o iká e o dobalé); pode ainda se especializar como "mão de faca", que é o ofício de sacrificar os animais consagrados ao rito, separando as partes (dos animais) que podem ser usadas na oferenda das que ficam para comer, que é justamente o que êles chamam de **quizilia**, pois tôdas as yaôs têm que saber essa questão; pode se especializar como "mão de ofá", que é o conhecimento que adquire das ervas para os banhos diversos; e ainda pode ser uma **yabá**, que é a cozinheira especializada no preparo das "comidas" dos orixás; depois dêsse conhecimento todo e após os 7 anos,

passa a ser considerada uma **ebami**, e pode assim ocupar os cargos importantes do candomblé. Nessa categoria tôdas as **Yaôs** são obrigadas a tomar-lhes a bênção e a tratá-la com o respeito que o título confere. E assim vai indo até se fazer de Yalorixá (ou de Babalorixá, no caso de ser homem) dentro dêsse mesmo sistema de preparações.

Eis aí, em linhas essenciais, o processo de iniciação e **feitura de cabeça,** nesse tipo de candomblé africano, no Brasil.

Finalmente: **qual o sistema normal ou usual de uma sessão nos Candomblés africanos tradicionais?** É êsse:

a) para começar a função o barracão ou o terreiro é iluminado, ou com luz elétrica ou com lampiões; os ogãs de atabaque logo são chamados a ocupar seus postos junto ao Pêji (espécie de altar com emblemas dos Orixás ou com **otás**, que são assentamentos mágicos, porque não têm estátuas de santos e nem deve ser iluminado com velas); a seguir os ogãs dão um primeiro toque para homenagear o Orixá-menor que é Exu, porque sua casa vai ser iluminada, receber cachaça, farofa e velas (**casa** é um quarto que fica na parte externa do salão e onde nos candomblés mais rígidos não consta estátua dêle, sòmente os seus assentamentos mágicos, que são de pedra, carvão ou mesmo um tôco de pau queimado ou ainda de tabatinga, espécie de barro branco e que são constantemente **purificados e vitalizados** com sangue de animais a êle consagrado).

b) assim, começa tudo a se movimentar; há defumações; as yaôs e sambas batem palmas, dançam e cantam **pontos** aos orixás, para início das homenagens... e os tambores não param (obs.: nessa altura se o pai-de-santo prevê muito movimento de estranhos ou visitas extraordinárias, chama o **cambono de ebó** e manda fazer certo tipo de oferenda (despacho), para êle, o qual consta do **mi-amiami** (uma farofa amarela especial), de um **quicó** (um galo abatido) e de sua **menga** (o sangue do dito galo), tudo acompanhado do **parati** (cachaça), velas e charutos. Êsse **ebó** vai ser depositado numa encruzilhada "para fechar com mais fôrça os caminhos dos possíveis maus elementos", e em certas horas, quando a excitação anímica já é incontrolável, as **filhas-de-santo** começam a **cair com o santo** ou a serem "possuídas" pelos

orixás ou pelas suas **divindades afins**, que, "baixando", continuam dançando e até podem soltar seu **grito** ou **brado de presença** (ver o que já explicamos sôbre gritos e saudações) e serem reverenciadas com seu **ikâ** ou seu **dobalé**, que costuma ser obedecido com todo rigor se o manifestado fôr o **pai** ou a **mãe** do terreiro.

c) nessa cadência (batendo palmas, dançando e cantando) vão altas horas da madrugada, mesmo porque, nesses candomblés, não há uma norma disciplinar pela qual pautem suas sessões; há liberdade das filhas-de-santo saírem do salão, descansarem, conversarem, comer e até beber qualquer bebida alcoólica, voltando sempre para cantar, dançar e, eventualmente, **receber** mais divindades...

d) **O que não há é o seguinte:** a "divindade manifestada" só faz dançar; não canta, não fuma, não dá consultas; só **ouve** os pedidos, porque não fala, não assenta no chão, nem em banquinhos; só senta num "trono" que é uma poltrona especial, no caso de ser o pai-de-santo a receber o Orixá. Não "bebe" porque o **aluá** é a bebida tradicional, mas como oferenda, e nem usa velas e muito menos usa pemba (giz) para qualquer tipo de cabalismo (comuns nos terreiros de Umbanda) dos sinais-riscados, fatôres que desconhecem.

E é isso que relatamos uma sessão de candomblé tradicional, africano. Notar as profundas diferenciações para as de Candomblé de Caboclo e de Umbanda popular.

E como o leigo poderá identificar terreiros dêsse tipo de candomblé, só no olhar?... Apenas observando simplesmente êsses três aspectos:

a) nêles verá a predominância do elemento feminino. Quase tôdas as "médiuns" são mulheres, ditas sambas e yaós, as quais estarão usando, **normalmente**, vestimentas vistosas, em côres; as saias são **compridas, rodadas, armadas**, além de vestirem calças compridas, por baixo, ou tôda rendada, ou com bordados na bainhas. Êsse é o tipo de roupagem **dita como de baiana** (vide foto nº 10). E nos dias do **santo** (festejos especiais), as vestimentas, embora obedecendo ao modêlo descrito, são mais ricas, vistosas etc.; são os trajes de **gala dos Orixás**. Enfim, há uma exibição ostensiva da vaidade feminina.

b) nêles, no transcorrer da função, não há consultas, nem nenhum tipo de trabalho.

c) nêles, via-de-regra, há **movimento** ou freqüência **ostensiva** de **homossexuais**, quase todos **filhos-de-santo** ou **crentes**, ditos como "afofôs" ou "adefantôs" (que significa homens afeminados); observar também os **pais-de-santo** que, em grande parcela dêsse tipo de terreiros, também são **afeminados**, e, se não o forem, toleram os **ditos cujos**...

As mães-de-santo também costumam tolerá-los...

Conceito de hierarquia espiritual sôbre a Deidade, os Orixás e os outros tipos de Espíritos, no Candomblé de Caboclo.

No 1º plano vem Zamby: a mesma concepção do outro (O Deus Supremo criador de tudo);

No 2º plano vêm os 14 Orixás que cultuam: tem-nos como as mesmas divindades do outro tipo de candomblé, mas que não **baixam sôbre médiuns;**

No 3º plano vêm os Caboclos: como Espíritos da corrente ancestral indígena que podem **baixar** representando os Orixás, pois são Entidades de muita luz e fôrça, dizem...;

No 4.º plano vêm os "Prêtos-Velhos": como os africanos da corrente astral, denominados de **linha das almas**, que podem **baixar**, pois são espíritos de luz, de muitos conhecimentos: mandigueiros, rezadores, curandeiros etc, porém não **representam** os Orixás;

No 5º plano vêm as Crianças: que são os Espíritos de Crianças, que formam uma grande Falange no astral e que **baixam** nos terreiros através das filhas-de-santo e filhos, mas que não são os mesmos Erês, e nem os mesmos Ibejis ditos como orixás menores ou orixás meninos do candomblé africano; podem representá-los, assim como representam também a falange dos "Cosme-Damião" dos católicos;

No 6º plano vem os Exus: que nesse tipo de candomblé consideram como espíritos poderosos, no sentido de f ô r ç a maléfica, trevosos, que tanto fazem o bem como o mal e para isso são os donos das **falanges das trevas**, dizem convictamente...

Notar, portanto, a diferença, pois não consideram Exu como um orixá intermediário, conforme naquele...

No 7º plano vem os QUIUMBAS: que são considerados como Espíritos atrasados e trapalhões. Enfim, todo espírito mistificador é um quiumba.

E qual o sistema de iniciação nesse tipo de candomblé? Atenção:

No **Candomblé de Caboclo** seguem as mesmas **linhas mestras** dessa iniciação, com a diferença de que, **nesse**, a yaô (sambas ou **filhas-de-santo**) não **espera** ser "possuída" por aquêle tipo de **orixá-divindade**, do candomblé africano. A possessão ou o transe virá com o **orixá representante**, que vem a ser um espírito de **caboclo**, o qual baixa e se identifica com tal ou qual **djina** (no caso, o nome de guerra que adotou e pelo qual quer ser conhecido entre os humanos), da seguinte forma: êle é de **Oxossi**, por isso se diz como **caboclo sete flechas**; êle pode ser de **Xangô**, por isso pode se dizer como **caboclo pedra-prêta** ou **caboclo cachoeira** etc...

Por isso as matanças e as oferendas consagradas, são **mais intencionalmente** ligadas a êsses tipos de espíritos, que são realmente os que **baixam**, e que entram em ação e reação direta na esfera mediúnica...

E qual o sistema normal do ritualismo numa Sessão de Candomblé de Caboclo?

a) o terreiro ou o salão é iluminado, mas o **Peji** ou o altar (que nesse tipo de candomblé ostenta imagens ou estátuas de **santos** diversos) já pode ser iluminado com velas;

b) o **pai-de-santo ou mãe** bate palmas ou manda os ogãs dar um toque nos tambores em sinal de início da função; as filhas e os filhos-de-santo tomam posição em redor do salão de frente para o altar; logo os ogãs mudam o toque e batem para **Exu**, em louvação, para que o cambono vá em sua **casa** (um quarto separado na parte externa do salão) levar as velas, a cachaça e a farofa dêle, para que tome conta da **gira** (todo movimento astral e humano do terreiro) e não venha atrapalhar. Geralmente êsse tipo de candomblé costuma ter na **casa de seu exu** particular uma enorme estátua dêle, um **trono** (poltrona) e outros apetrechos mágicos, simbolizando suas fôrças ou armas (vide foto nº ...).

Esse rito é típico do "Candomblé de Caboclo". "Mãe-de-santo" cruza *uma* Yaô *(filha-de-santo) para Orixá Xangô, numa* pedra *traçada com sinais cabalísticos.*

"Babá-de-terreiro", festejando Oxossi, na mata.

"Babá-de-terreiro", recebe *o seu "caboclo", ao som dos atabaques, em louvor do Orixá Oxossi, em plena mata.*

Magnífico grupo de componentes do Terreiro do Pai Gerson em Madureira.

Trono de Yançã. Note-se a riqueza dêle, no "Candomblé Africano".

Tenda Estréla do Mar: Nessa foto se vê o autor (de óculos escuros) junto ao Presidente da Casa, o cap. Lauro. Essa é uma organização que exemplifica o bom nome da Umbanda, na Doutrina e na Prática. Está situada na rua Barão do Serro Largo n.º 11, em Irajá. Sessões às segundas e quartas-feiras.

Candomblé africano: Yaô (filha-de-santo) no rito dito como de "purificação" nas águas do Orixá Oxum. No ato, está recebendo um banho de perfume, sobre a cabeça, de sua "mãe-de-terreiro"...

Macumba: "mãe-de-santo", "manifestada" com "Maria Padilha", faz um trabalho especial de Magia-Negra.

Intensa movimentação popular dos Terreiros, na cachoeira de Muriqui (Estado do Rio de Janeiro), em louvação ao Orixá Oxum.

Candomblé de Caboclo: esse Terreiro se deixou fotografar, no dia 8-12-69 (dia de Oxum), na cachoeira de Coroa-Grande.

Oferenda especial para o "homem da encruzilhada" — Exu. Notem o bode preto, sem cabeça e sem as patas... e o alguidar para receber o sangue.

Yaôs de um Candomblé, dançando na areia da praia de Copacabana, em louvor de Yemanjá, no dia 31-12-69.

"Casa do Exu Gelu", no Candomblé do Pai Gerson, em Madureira.

Candomblé de Caboclo: nesse grupo se vê os dignos representantes da Tenda dos Humildes, na rua Rita Vieira n.º 40, em Madureiru. No centro está o "babalorixá Gerson Gentil de Azevedo (o pai Gerson), cercado pelas suas mães-pequenas e "filhas-de-santo". Esse Terreiro tem como Guia-espiritual o "Caboclo Lírio Branco" e é muito bem organizado, limpo, decente.

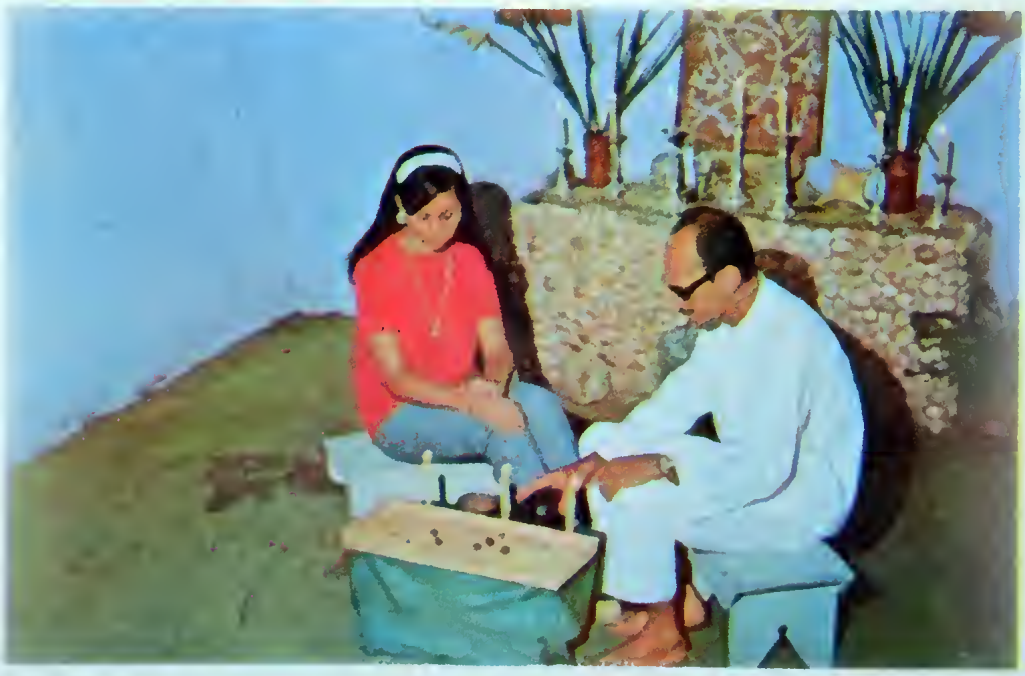
Candomblé de Caboclo: "babá" paramentada para louvar seu "Guia-chefe", que é Caboclo, na praia de Copacabana, por ocasião dos festejos de Yemanjá, no dia 31 de Dezembro.

Intensa movimentação dos Terreiros de Umbanda popular, na cachoeira de Coroa-Grande, a fim de louvar o Orixá Oxum, no dia 8 de Dezembro.

"A mesma babá, dando seqüência a uma afirmação com o Orixá Xangô, em "filha-de-Santo"

Linda filha de Oxum, num rito especial de purificação, feito nas águas da cachoeira.

Candomble-de-caboclo". Mesma "mãe-de-santo", no rito dito como "sangueana", que é o ato de purificar *com sangue de galo-preto, uma filha-de-santo, da influência negativa de Exu.*



O autor, manipulando o verdadeiro *"Jogo do Opelê de Ifá", para sua afilhada, em seu grupamento, em Itacuruçá.*

Candomble africano. terminado o rito, ela oferece 2 velas ao Orixá Oxum.

A mesma "babá" na seqüência de seus ritos

c) logo a seguir a **casa das almas** (outro quarto isolado) também é **alimentada** (ato de iluminar com velas, e botar bebida em **coités**, que são recipientes feitos do casco sêco do côco ou senão de um fruto que se diz como **cabaça**; a bebida tanto pode ser cachaça como vinho tinto), porque pertence aos "prêtos-velhos" africanos ancestrais, que dizem como "linha das almas", e por isso tem estátuas dêles, lá dentro.

d) depois há **defumação** (ato de queimar, no carvão em brasa, incensos e ervas cheirosas, espargindo sôbre as pessoas médiuns e nos quatro cantos do salão) logo os ogãs dão novos toques nos atabaques para os Orixás; as yaôs ou sambas continuam dançando, cantando e batendo palmas, em louvações, sendo que, nesse caso, elas (ou êles) quando manifestadas (mediunizadas), não são **pelo mesmo tipo de orixá-divindade daquele outro sistema de candomblé**; são pelos espíritos da corrente indígena ancestral que os representam, por isso é que são qualificados como candomblés de caboclo (ritualismo africano, de mistura com a mística e supremacia mediúnica da nossa corrente ameríndia).

e) êsses espíritos de caboclos, **baixando**, dão consultas, fumam charutos, bebem cerveja preta e branca, e fazem trabalhos diversos em benefício dos crentes ou de eventuais necessitados que os solicitarem;

f) depois de certo tempo os **caboclos sobem** (desincorporam); há um certo descanso ou afrouxamento de corrente; esperam a **hora grande** (meia-noite); os tambores soam intensamente, chamando para a **gira de exu**; as yaôs e os filhos-de-santo se agitam e se contorcem violentamente, e começam a **cair** com o **homem da encruzilhada** (estão incorporados com exu); chegando no reino (chão do terreiro), **exu** bebe marafa, fuma charuto, dá gargalhadas, chama nomes, xinga, dá consulta e promete fazer tudo que vão pedindo...

g) e assim levam normalmente, dançando, cantando, batendo palmas, baixando os caboclos, os exus e até os espíritos de crianças, a noite inteira. Acresce que, nesse tipo de candomblé de caboclo, ainda tem um dia especial na semana, para fazer a sessão da **linha das almas**, que são,

como já dissemos, os **prêtos-velhos**, que fazem tudo o que caboclo faz, sendo que bebem vinho tinto e fumam cachimbos.

Obs.: nessas sessões já existe um **ensaio** ao cabalismo dos **sinais riscados** (muito comuns nos terreiros de Umbanda popular), com as pembas (giz de côres), por causa da corrente africana e indígena, o qual consta, geralmente, de alguns sinais **simbólicos**, tipo **brasões**, que admitem ser de tal ou qual **linha, entidade, guia ou protetor**.

Entrada da "Cachoeira de Coroa Grande", onde vão 70% dos "Terreiros" da Guanabara.

E como o leigo poderá identificar um terreiro de Candomblé de Caboclo, simplesmente olhando? Apenas observando êsses três aspectos:

a) nêles as vestimentas das **filhas-de-santo** (yaôs e sambas) seguem os mesmos padrões do outro, porém, se bem que quase sempre estejam em maioria, **há muitos filhos-de-santo** (já como médiuns), isto é, há **homens de fato**, participando no movimento hierárquico e administrativo do terreiro;

Curiosidade: êsse negro velho tem mais de 100 anos; vem da escravidão e mora perto da Cachoeira de Coroa Grande. Assiste, há dezenas de anos, o movimento umbandista, por ali. Êle se chama Amâncio.

b) nêles, no transcorrer da sessão, geralmente depois da **meia-noite**, há consultas, há trabalhos, porque fatalmente vem a **gira de caboclos** e logo a seguir a de **exu**, portanto, fumam, bebem e acendem velas...

c) nêles não há movimento de homossexuais com freqüência ostensiva (se houver de um ou de outro é muito velada) e muito menos como **filhos-de-santo** do terreiro. E excepcionalmente um ou outro **pai-de-santo** de Candomblé de Caboclo pode ser **um afeminado**, porém, notar, que, nesse caso, quase **não existe médiuns homens nêle.** E quando êsse tipo de candomblé é dirigido por **mãe-de-santo**, geralmente elas não toleram ter **filhos-de-santo** homossexuais (há exceções em tudo, é claro).

2ª PARTE

MACUMBAS (catimbó, magia-negra, "baixo-espiritismo", pagelança, babassuê etc.) ou QUIMBANDA.

Ora, como acabamos de ressaltar as variadas injunções e condições relacionadas com o que definimos como as do Ciclo Africano no Brasil, ou tudo que foi e é próprio dos CANDOMBLÉS, é importante que, nessa altura, o leitor já tenha entendido que esse ciclo foi realmente aquele extenso período de sua influência, que se **aguentou** somente até a abolição da escravatura.

Até esse evento, os cultos africanos tiveram a sua vivência pautada, mais, muito mais mesmo, pela linha das ligações internas (entre si); depois misturaram mais ainda os seus rituais de nação; uns absorveram outros; e outros mais desapareceram ou se apagaram triturados naquela engrenagem mística que "matou e selecionou".

Se bem que houvesse contatos com os ritos indígenas, esses se processaram esparsos, confusos e sem se **amalgamarem definitivamente** com imposições de valores e adaptações concepcionais e míticas, entre as partes afro e brasileira.

Pois o que imperava mesmo nessa longa fase era a vivência e a influência direta da corrente africana com a supremacia de seu fetichismo, de sua mitologia e de seus rituais que, assim mesmo, vinham bastante bitolados, além de fiscalizados pela polícia e combatidos pelos religiosos do poder, pois não tinham a liberdade desejada, e que só melhorou após a Lei Áurea, quando começaram a se expor e expandir com maior número de terreiros.

No entanto, logo após esse importante acontecimento para os grupamentos negros, escravos, terminou praticamente o vigor da influência direta dos rituais de nação africana

(dos candomblés como mistura pura entre si), porque eclodiu a **fase** ou a **vivência** do Ciclo Ameríndio (do Brasil) com a **consolidação das junções** ou **fusões** com os ritos e as concepções de nossos índios — ditos já como pagelança, surgindo disso os não menos célebres **candomblés de caboclo**.

Contaremos agora como e porque surgiu êsse **ciclo** e quais suas conseqüências, de vez que levantaram novos sistemas e novas interpretações, os quais acabaram liderando o movimento anímico ou psicológico de imensa parcela do povo, por dentro dos chamados de cultos afro-brasileiros.

Realmente, quem também iniciou a **fase áurea dos candomblés de caboclo** foram as **mulheres**, e segundo nossos estudos, pesquisas e confrontos com outros autores (inclusive E. Carneiro, já citado), essa fase aconteceu da seguinte forma: — certas "mães-de-santo" de alguns **candomblés tradicionais**, vivas, astuciosas, penetrantes... o que implica em dizer, mais inteligentes do que outras, verificando que as **necessidades relacionadas com as solicitações** dos **crentes** ou dos consulentes habituais ou eventuais de seus terreiros eram mais de natureza objetiva, mais "terra-a-terra" possíveis e que, assim sendo, **quase não tinham seqüência** por não encontrar um apoio mais concreto, no sistema tradicional de seus rituais de nação, dado a que nêles, a linha seguida era mais a da **crença religiosa**, mítica e mística, dirigida mais para uma constante homenagem às divindades (orixás, voduns etc.), além de que, os movimentos de consultas, ações e reações por via de algumas práticas de ordem mágica não se pautavam nos valôres e nos fatôres diretos da mediunidade, e **verificando mais que isso tudo estava acontecendo naquelas sessões onde** haviam juntado rituais **bantus** com os rituais **caboclos** (de nossos indígenas) já chamados de **pagelança**, resolveram se transferir para êles com "armas e bagagens"...

Tomaram essa deliberação e acabaram consolidando mais ainda e decisivamente essas **sessões**, produto da **fusão** dêsses dois sistemas, criando, natural e conseqüentemente, **um outro**, — que veio a ser denominado de "CANDOMBLÉ DE CABOCLO".

Essas sessões de Candomblé de Caboclo não adquiriram as formas bitoladas dos cultos africanos; nelas o "campo psicológico oü anímico" das evocações surgiu mais amplo, liberto das injunções e das limitações existentes naqueles, mòrmente no que dizia respeito às **manifestações espiríticas**,

pois aconteceu — devido às atrações afins — que êsse dito campo mediúnico foi **invadido** pelos espíritos ancestrais indígenas (os caboclos), os quais se prestavam mais em ajudar aquêles tipos de necessidades e solicitações de que já falamos, e que, via de regra, eram acompanhadas de uma série de mazelas, agonias e aflições diversas, **que no puro candomblé africano não achariam guarida ou impulsionamento...**

Tudo indica que as principais iniciadoras do brilhantismo dêsses Candomblés de Caboclo foram as mães-de-santo (Yalorixás) Naninha, que modificou seu candomblé no Moinho do Gantois (Salvador-Bahia); Silvana (mãe do candomblé do Viva-Deus, em Peri-Peri, Bahia); e Sabina, que passou a ter seu candomblé de caboclo nas Quintas da Barra, Bahia, que nessa modalidade receberam mais o qualificativo de **madrinha**.

Essas **babás** se assim procederam foi porque já vinham observando essa mudança nos pais-de-santo do ritual congo-angola — e que já eram chamados de **padrinhos** — sendo que êsses não tinham conseguido dar o brilho vaidoso e a consolidação que **elas** imprimiram posteriormente aos Candomblés de Caboclo.

Êsses Candomblés de Caboclo adquiriram prestígio e grande expansão, porque, também, penetraram mais na mística e na aceitação do brasileiro, devido a ter levantado motivos anímicos ou psicológicos ancestrais, relacionados com a corrente indígena (ameríndia), os quais começaram a firmar uma espécie de nacionalismo, tomando a dianteira no conceito popular.

Um dos que mais se destacaram no passado foi o do temido e famoso "pai-de-santo" Jubiabá, por onde desfilaram famosas personalidades políticas. Informes secretos contam que o dito "pai-de-santo" foi disciplinado, isto é, desencarnado pelo seu protetor astral, o caboclo Jubiabá, devido a um êrro ou desobediência relativa a um trato sôbre o casamento de uma viúva.

Nesses Candomblés de Caboclo aconteceram fenômenos deveras interessantes e extraordinários. Para se começar a compreendê-los é preciso se levar, desde já, na devida conta, de que o Brasil é o país onde mais se pratica a mediunidade, sob tôdas as suas formas e dons, além de ser o povo que mais acredita na reencarnação e nas coisas do sobrenatural.

Uma observação para melhor compreensão: — a vivência da corrente mental nos candomblés afros puros não incidia ou percutia numa objetivação espirítica mais real; **diva-**

gava em busca do plano dos deuses; ia pelos fatôres anímicos já descritos na questão dos **gritos, percutir e se diluir** na própria imagem mental que plasmavam sôbre a **personalidade** de seus Orixás, que seriam divindades, e portanto estariam numa espécie de esfera astral elevadíssima... assim, muito distantes da crosta terrestre, fora daquelas atrações afins diretas e mediúnicas provocadoras do transe ou incorporação, que **é a forma usual das yaôs, mães e pais-de-santo,** se apresentarem como "possuídas" pelos Orixás entre os humanos freqüentadores de seus candomblés, até hoje em dia...

Nos primórdios daquela **fusão** que gerou êsses citados candomblés de caboclo, as evocações e as exaltações neuroanímicas foram **calcadas e acompanhadas** de um certo tipo de mística reprodutiva dos **orixás** e dos **inkices**, que se metamorfosearam nos espíritos dos **encantados** indígenas, criando e alimentando assim uma ideação persistente, incisiva, que acabou se transformando numa tremenda corrente mental de **atrações poderosas** que, repercutindo no plano astral, provocou os fenômenos mediúnicos correlacionados e tão ardentemente desejados... porque os espíritos dos **caboclos** existiam (e existem); estavam por ali mesmo, no plano astral ligado diretamente à crosta terráquea...

No princípio e durante muito tempo — como dissemos — foi tudo muito confuso; porém, depois, com o transcorrer dos tempos e da incidência na prática das sessões de caboclo (misturadas) que trouxeram inovações firmadas nos ritos espiríticos e mágicos de nossos índios, já denominados há séculos como o "Adjunto da Jurema", pelos brancos portuguêses, as manifestações espiríticas mediúnicas verdadeiras começaram de fato a acontecer, dando margem a que, depois, surgissem os espíritos de nossos ancestrais indígenas (os caboclos) — os pajés (magos, sacerdotes do passado), morubixabas, tuchabas e caciques da primitiva corrente, que se impuseram e assumiram o comando vibratório sôbre os médiuns, que também foram surgindo, nascendo de tudo uma nova ordem de idéias místicas, míticas, religiosas e doutrinárias, que se firmou e propagou até a **eclosão** da Umbanda.

Êsses CANDOMBLÉS DE CABOCLO deram margem a acontecimentos extraordinários que criaram e consolidaram dois campos vibratórios opostos, os quais se integraram na

psicologia do povo, suscitando nos últimos anos, os motivos mais atuantes do folclore brasileiro.

Um dêsses acontecimentos podemos traduzir da seguinte forma: — dessa **fusão** entre os rituais **bantus** e a nossa **pagelança** (palavra que significa derivação ou degeneração dos antigos ritos dos pagés), que já dissemos ter gerado os candomblés de caboclo, uma parte dessa corrente espirítica, mágica e fenomênica, **desviou-se e degenerou-se mais ainda**, nascendo disso um aspecto mais difuso e contundente, eivado de práticas de baixo teor vibratório, onde passou a predominar o fanatismo e a ignorância, que veio a ser conhecido inicialmente como CATIMBÓ (que significa, — cá-a-timbó, (13) — defumações venenosas ou maléficas) e posteriormente como "magia-negra", baixo-espiritismo ou MACUMBA... e que ainda na UMBANDA, tècnicamente, se diz como QUIMBANDA ou **banda negra** (o têrmo vem de ki-mbanda, da língua ou dialeto **quibundo** e significa **curandeiro**, no sentido direto daquele que fazia **feitiço** ou magia-negra, pela evocação dos espíritos inferiores e que era o **ki-mbanda-kia-kusaka angolano**).

Êsse CATIMBÓ, — conforme acabamos de dizer, — foi produto de uma degeneração maior e teve sua origem lá no Norte e Nordeste do Brasil (Bahia, Pernambuco, Alagoas etc.).

Nêle, no princípio, houve uma certa hierarquia, assim mais ou menos formada: — tinha o **mestre** (chefe do grupamento), a **rainha** (espécie de 2º chefe), o secretário e a secretária do mestre e da rainha, além dos discípulos homens e mulheres (ditos como cassuêtos ou médiuns).

As evocações eram (e ainda são) para os denominados de "mestres de linha" do astral, daí veio a origem histórica, popular, **não** oculta, **esotérica**, das 7 Linhas ou Vibrações Originais da Umbanda, adaptadas sôbre **alguns** dos Orixás tradicionais, que diziam como os "encantados", que tanto podiam ser "caboclos" (índios desencarnados há muito tempo), apelidados de Caboclo Boiadeiro, Caboclo Ventania, Caboclo Marinheiro, Caboclo Serra Negra, Caboclo Pedra Preta, Caboclo Bem-Te-Vi, Caboclo Flecheiro, Caboclo Cauã,

---

(13) Literalmente: *cá-a* (surra, pancadaria) *e timbó* (cipó venenoso; — o mesmo que ainda é usado para embriagar os peixes, em certo tipo de pescaria). Então teremos: — "surra ou pancadaria venenosa".

Caboclo Serafim, Caboclo Maribondo, Caboclo Mineiro, Caboclo dos Montes, Caboclo das Matas, Caboclo Juarez, Caboclo Juçanã etc., e outros quaisquer tipo de espíritos, assim como as Maria-Padilha, Maria-Mulambo, Maria-Balaio, Zéfinha, Chiquinha, o Zé-Pelintra, além dos "mestres" Luís, Ajucá, Tertuliano, Carlos Violeiro, Carlos Velho, e as "mestras" Vicência, Cecília, Bevenuta e ainda o Feiticeiro de Luanda e outros e outros mais...

O ponto forte de seus mistérios de iniciação era denominado (e ainda é) de **"juremação"**, ato pelo qual o crente se iniciava ou se preparava, sendo, a grosso modo, um "batismo de fogo", durante o qual êle era submetido a um transe hipnótico, espécie de desdobramento do corpo-astral (aliás bem perigoso), produzido pela infusão de uma beberagem feita com semente da planta conhecida como Jurema (a mesma Yurema de nossos primitivos pagés), que adquiriria as propriedades de uma meia **maconha**, para que também pudesse receber em certa parte de seu corpo a introdução de um amuleto, geralmente um pedacinho de certos cristais da rocha ou pedrinhas do mar, pelo qual ficava **protegido, ligado e marcado**. A incisão da introdução, era cauterizada, tampada, de maneira a que durante a cicatrização o tal amuleto não saísse.

Em suas sessões a via de regra era (e ainda é) a prática da bruxaria, dos feitiços, envolvendo raízes, ervas, nozes, frutos, tudo com defumações fortes e muito uso de fumo nos cachimbos, a par com as bebidas alcoólicas, aliadas às matanças de bichos para os chamados **despachos**.

Em suas sessões se dança e se canta muito, com evocações extensivas a tudo quanto seja espíritos de feiticeiros indígenas desencarnados a mandingueiros africanos, do passado também, e que foram famosos, ao som de campainhas ou sinos.

Porém a prática principal e perigosa de magia-negra no Catimbó tem como base o **envultamento**, que é o uso (não de origem européia; todos os povos primitivos usavam largamente êsse processo) incisivo sôbre objetos, quer do uso da vítima, ou, quando não, com bruxas de pano, alfinêtes, dedais, agulhas e linhas de côres etc.

Com êsse processo pretendiam matar as vítimas, lentamente, secando, paralisando etc.

Também dão segurança ou defesa, que se chama de "contra-feitiço", na forma de amuletos especiais, quase todos com-

postos de certas nozes, ou favas vegetais, e de caudas de certos bichos, acompanhados de orações, que dizem serem "fortes".

Também preparam uma auto-defesa específica, através de uma chave virgem, que serve para "fechar o corpo", tendo que levar um banho de sangue de bicho de pena preta. Tôdas as sessões do puro Catimbó começam por "abrir a mesa", que consta de acender velas em cima de uma mesa, coberta de toalha branca e cheia de materiais diversos.

Êsse processo, dito como Catimbó, **passou** a se **integrar** no **movimento interno** das próprias MACUMBAS (ou QUIMBANDA), sendo que, **nessas**, a supremacia é dos outros espíritos denominados de EXUS (os de categoria inferior, ditos como pagãos e outros mais). O Catimbó puro não absorveu nenhuma influência, quer do chamado Espiritismo, quer do Catolicismo.

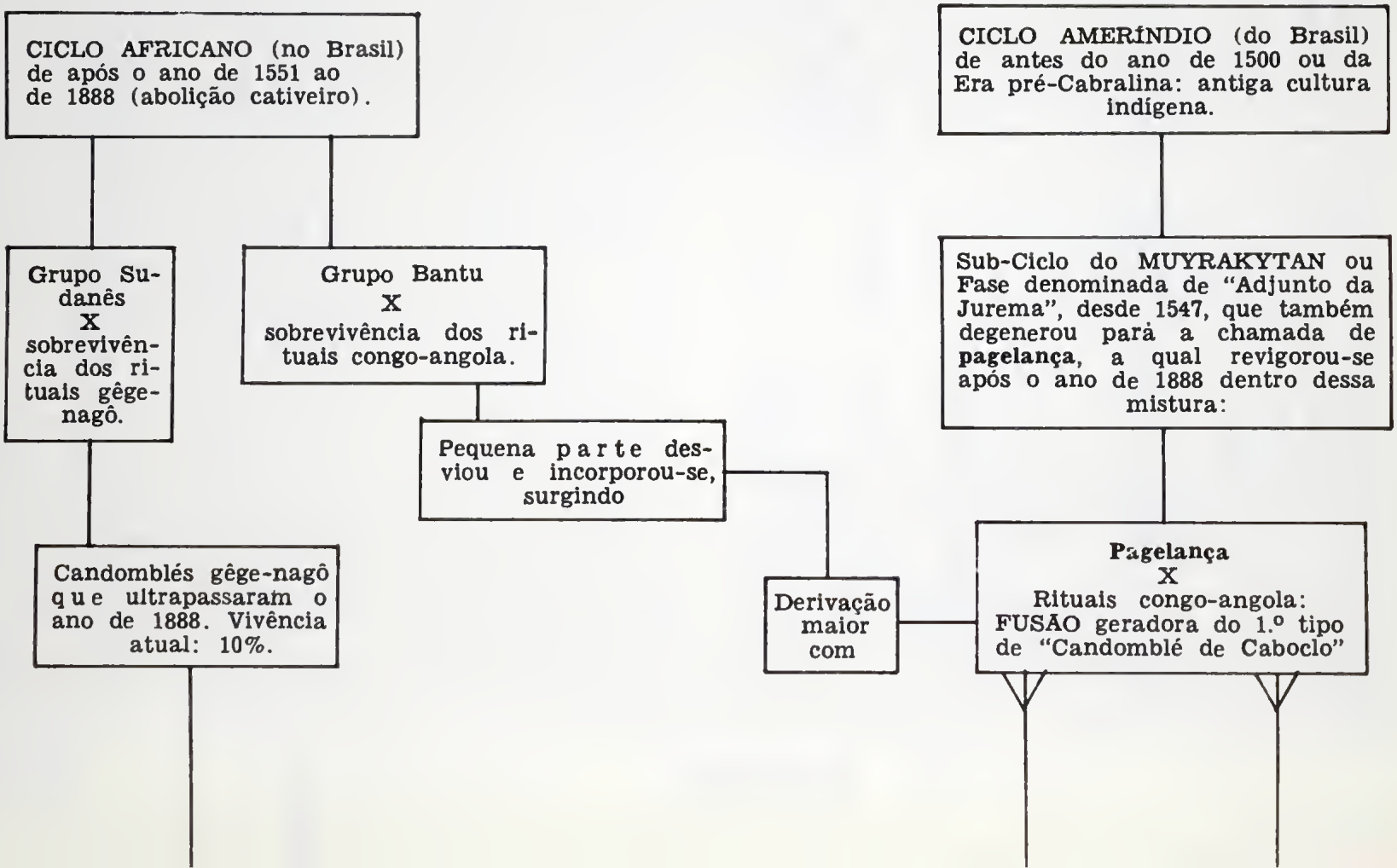
E a outra parte que também se destacou (por razões ocultas que não cabe aqui doutrinar) seguiu uma **linha diferente** e oposta, selecionando-se e purificando seus valôres, com novas aquisições, consolidando uma nova corrente, através de um movimento espirítico inédito, porque não usual e até repelido nos cultos ou nos rituais de nação africána.

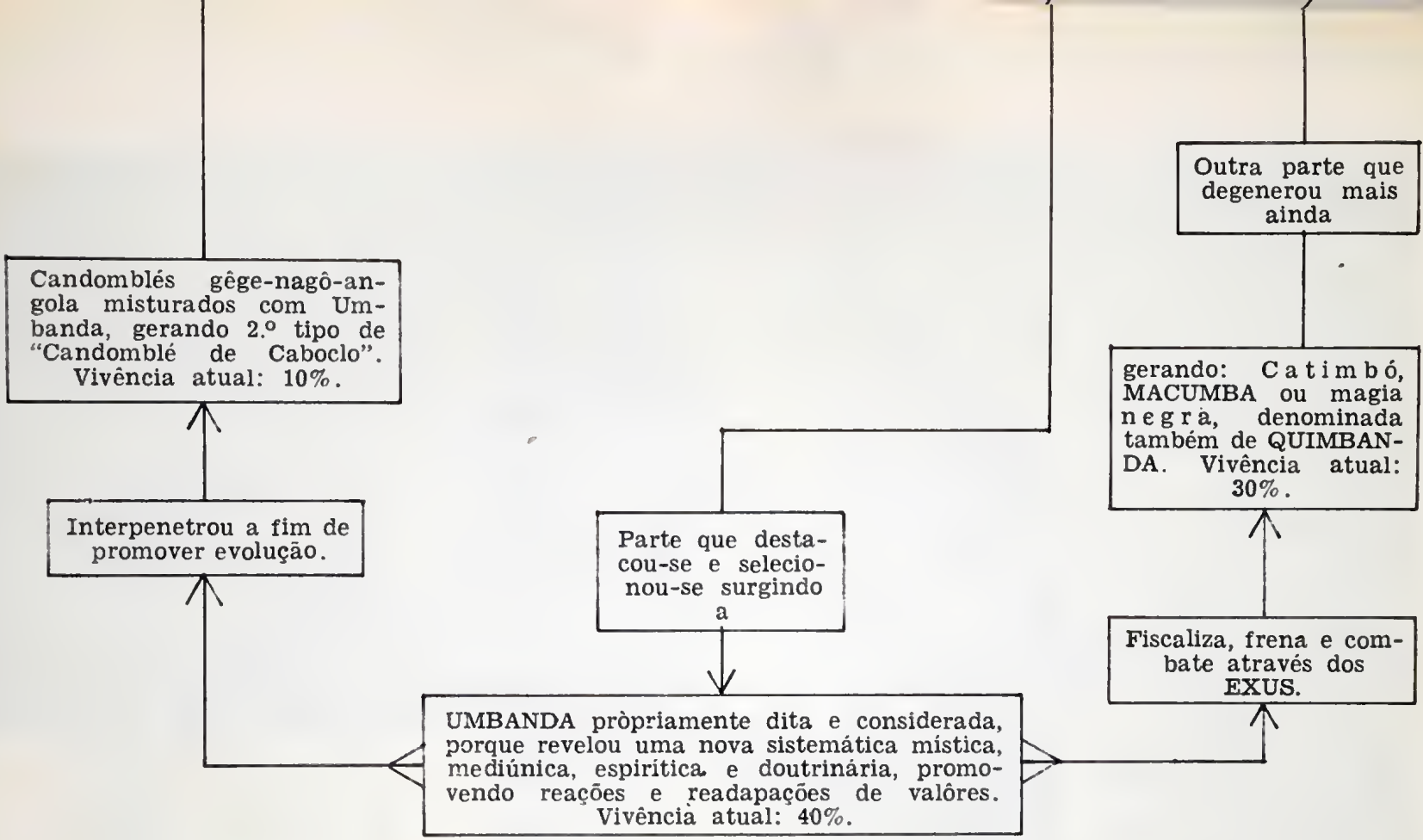
Essas novas aquisições dizem respeito diretamente à introdução no meio fenomênico mediúnico, **exclusivamente** da Umbanda, **dos espíritos dos ancestrais prêtos-velhos, radicados no campo astral do Brasil**... Note-se: — êsse movimento de tolerância espirítica, essa **não** discriminação astral mediúnica, foi uma implantação surgida com êsse movimento de Umbanda, e **não** anteriormente. Depois, alastrou-se por dentro de tudo quanto foi **terreiro de Candomblé de caboclo e macumba**.

Agora convidamos o caríssimo leitor a estudar o organograma ou esquema anexo que lhe dará uma visão panorâmica dêsse corolário de amalgamações, fusões, derivações e entrelaçamentos, desde suas origens e injunções históricas... para que vá entendendo bem êsse nosso estudo, que é um **autêntico registro** da vivência daqueles três aspectos anímicos que atuam por dentro das massas populares do Brasil.

E ainda: — notará o leitor que só demos a **vivência de 5%** relativa ao número dos Candomblés da mistura pura gêge-angola-nagô, e 15% para os já misturados também com Um-

MAPA EXPLICATIVO DA HISTÓRIA, — ORIGENS, DERIVAÇÕES E AMALGAMAÇÕES, — DOS ATUAIS CULTOS AFRO-BRASILEIROS: vivência 100%.





Obs. — Analisando-se êsse esquema, fica logo subentendido e patente que, a UMBANDA que se formou no Brasil, foi algo diferente quer Candomblés tradicionais, quer das chamadas como MACUMBAS...

banda. Porque, em realidade, todo ritual de nação africana ou Candomblé que **aceitou** as entidades ameríndias ou indígenas nossas, passou a ser, inegavelmente, um "candomblé de caboclo"...

A QUIMBANDA PROPRIAMENTE DITA É CONSIDERADA COMO MACUMBA: — Do profundo desse aspecto, pouco teremos que dizer, ou melhor, a registrar, de vez que, para definirmos esse campo psicológico, fenomênico e vibratório, como ele realmente é, teríamos que entrar num ângulo essencialmente técnico, que foge bastante ao âmbito desse livro.

O autor no seu "Grupamento de Umbanda esotérica".

No entanto podemos indicar ao leitor interessado as nossas obras sobre Umbanda (já citadas nominalmente), onde encontrará explicações completas e variadas.

Mas, mesmo assim, tentaremos dar uma idéia do que seja essa vivência nesses grupamentos que formam o que nós chamamos de **quimbanda** ou planos opostos e o povo aponta como **macumbas**.

Esses grupamentos atingem também uma média, em freqüência e quantidade, de 30%. Se formaram das subdegenerações dos ritos africanos e indígenas — já o dissemos.

O autor, em seu Grupamento de Umbanda esotérica, lá em Itacuruçá... Esse cabalismo que se vê riscado, ao fundo, notem, é diferente *Significa ou traduz, "Ordens e direitos de trabalho"...*

Yaô *do Terreiro do Pai Gerson, de Madureira, dançando para seu Orixá.*

Por lá, misturam e praticam de tudo — de um lado e de outro — sendo que a diferença básica reside no que, em matéria de baixa magia e de atuações dos fenômenos inferiores, mediúnicos, há um conhecimento mais positivo e mais objetivo, se bem que negativo.

Nesse campo vibratório a mediunidade **disturbada**, assim mesmo, é alimentada, tem apoio, tem seqüência, porque **visam usá-la** para fins de interesses pessoais, pautados na linha dos humanos egoísmos e ambições várias.

Assim é que tem objetivações práticas, as mais "terra-a-terra" possíveis, que são aliadas às oferendas grosseiras, com a incidência da corrente mental guiada pela cooperação de entidades espirituais do citado astral inferior (os exus de baixa categoria e os quiumbas — considerados como os marginais do dito astral).

Mas, para que o leitor tenha assim uma idéia mais profunda dos mistérios desse metier espirítico que o vulgo chama de Macumba e na Umbanda se conhece por Quimbanda (dizem assim: — "aquele terreiro é uma quimbanda braba"...), vamos recorrer a um diálogo que consta em nossa obra mediúnica, mantido entre o espírito de um "preto-velho" (semelhante àquele "negro-velho" do livro "A Cabana do Pai Tomás", da literatura norte-americana) manifestado no médium autor dessa obra, e um médico, que é o "filho-de-fé" que pergunta, o qual é tratado, pelo dito espírito, de **zi-cerô**... analisem:

Cícero: — Sim, meu bom "preto-velho", em relação com as lições que acabas de dar sobre Umbanda, confesso que estou satisfeito... Agora, espero que situes, também, alguma coisa sobre essa tão decantada **Quimbanda**, pois, segundo as observações que fiz em face das práticas que vi, atribuídas a ela, é a **coisa** que está mandando, imperando, quase por toda parte, nos chamados terreiros — rotulada de Umbanda...

Preto-velho: — É, "zi-cerô", a Quimbanda é uma questão fina, difícil de explicar para os entendimentos comuns. Porque fácil é se dizer muitas **coisas** e atribui-las aos Exus e com isso criar um conceito enganador que ilude e faz com que os fracos de espírito, ignorantes, e mesmo os ingênuos, as sigam...

Assim, seguem caminhos escusos e tortuosos. Mas a quem caberá, portanto, a responsabilidade disso? É claro que só poderá recair, com mais força, sobre os que a firmaram, escrevendo e portanto propagando uma doutrina perniciosa.

Como vês, a questão é fácil, daquela forma enganadora, porém difícil e complexa pelo lado correto, simples, em face justamente dos conceitos e das superstições já tão arraigadas...

Todavia, vou abordar alguns aspectos essenciais que, na certa, irão surpreender. Creio, dessa forma, prestar um bom serviço aos **verdadeiros Exus** e aos incontáveis **filhos de terreiro** que pensam estar tendo contactos com eles, mas que, em realidade, **estão é nas garras dos velhos e matreiros quiumbas — esses marginais do astral...**

A QUIMBANDA, "zi-cerô", é composta de LEGIÕES de espíritos, na face de ELEMENTARES, isto é, dos espíritos em evolução, dentro de certas funções cármicas e das condições que lhes são próprias. (O carma, filho, tem reajuste e cobrança. Quem faz reajustar? Quem faz ou procede às cobranças? Quem opera, **diretamente**, para o equilíbrio dessa Lei?). Essas Legiões se entrosam em PLANOS e Sub-planos com seus agrupamentos e Subagrupamentos. Tudo isso opera, trabalha nos serviços mais "terra-a-terra", dentro da **justa relação imposta pelo Carma coletivo grupal e individual.** E os espíritos que coordenam todo esse movimento de Planos e Sub-planos, grupos e sub-grupos da Quimbanda, como "cabeças de legião", são realmente qualificados como Exus, em realidade uma espécie de "polícia de choque" para o baixo astral.

Esses Exus não são espíritos irresponsáveis, maus, trevosos, etc. Os verdadeiros trevosos, maus, etc., são **aqueles** a quem eles arrebanham, controlam e frenam.

Com isso não quero dizer que esses Exus sejam bons, que só façam o **bem**, etc. Para eles os conceitos do Bem e do Mal são variações necessárias ao seu aprendizado: — são aspectos que eles enfrentam, quer para um lado, quer para o outro, desde que isso entre na órbita de suas funções cármicas, pois que nunca fazem nada por conta própria. São sempre mandados intervir ou operar em certos reajustes, em certas cobranças. Porque é preciso que se compreenda que nada se processa de **cima para baixo** por acaso, como se um reajuste,

uma cobrança, ou melhor, uma ação de equilíbrio cármico, fôsse uma **coisa** espontânea, gerada de motu próprio, sem direção, sem contrôle, sem leis reguladoras. Ora, e se há Leis e sub-leis **para tudo**, como não haveria de existir os veículos apropriados, nas suas variações de equilíbrio?

Dentro dessas condições é que êles operam, prestam-se aos trabalhos de ordem inferior, porém necessários, porque **tudo** tem seus paralelos e seus executores.

Essa classe de espíritos que assim operam são os Exus intermediários, chamados na Umbanda como "batizados" na linguagem dos "terreiros"... São êles na fase de elementares, no 3º Ciclo — o da libertação ou isenção dessa função cármica.

Fora dêsse 3º, há os do 2º e 1º Ciclos, mais inferiores ainda e **controlados** por aquêles já ditos como intermediários ou "batisados", que são os seus "cabeças de legião"...

De sorte que vou levantar alguns segredos da Quimbanda para surprêsa dos que pensam ser os Exus uns bichos-papões, compadres maus, etc.

Os Exus intermediários, do 3º, e os sub-intermediários, do 2º e 1º Ciclos, se dividem em 4 classes: — há os do Fogo, do Ar, da Água e da Terra. Por que assim? Porque êles operam por afinidade astral, dentro das variações eletromagnéticas dêsses elementos — criando, também, seus **elementais**, tema já definido atrás, e de como e por que são confundidos pela interpretação dada de "espíritos da natureza". Convém lembrar mais uma vez que êsses "espíritos da natureza", ditos **elementais** de outras Escolas, não são espíritos de verdade, com inteligência, faculdade, etc., iguais às nossas de Espíritos encarnados e desencarnados e aos Exus também, é claro. Em realidade, a confusão é da literatura ocultista ou dos magistas.

Êsses Exus de 1º, 2º e 3º Ciclos, na face de elementares, são os que podiam, ser, positivamente, denominados de Salamandras, Ondinas, Silfos e Gnomos.

Porque são êles os Exus que manipulam, também, dentro do aspecto inferior **mais terra à terra**, os elementos ígneos, térreos, aquosos e aéreos, nos seus campos ou correntes vibratórias próprias, criando nêles **formas diversas**, que alimentam e mantêm, pelo próprio poder vibratório de seus pensamentos

e de suas auras, surgindo, assim, o aspecto de **elemental inferior** que é tão sòmente uma espécie de larva, de um clichê astral que êles, Exus, **animam**, para uso diverso.

No entanto, êsses espíritos são obedientes às Entidades Superiores — nossos denominadores Orixás (liguei os têrmos Entidades e Superior para designar um Espírito ou Ser Espiritual elevadíssimo, como dono ou senhor dos citados elementos da natureza, que dão formação aos **elementais ou a um elemental**).

Os Exus são arregimentados pelos Orixás ou por seus enviados (caboclos, pretos-velhos, etc.) e formam em obediência a seus escudos fluídicos ou triângulos de fôrça.

De sorte que êsses Exus intermediários ao verem um escudo fluídico ser riscado, dentro das evocações correspondentes, por uma Entidade, sabem logo qual a **classe** que está sendo chamada para operar, de acôrdo com a qualidade dêsse escudo ou triângulo, que por sua vez determina o ponto cardeal e a corrente cósmica que vai ser manipulada.

Logo, ao ser riscado um triângulo de Orixá, êles aguardam, apenas, uma **certa variação nêle**, para saberem, dentro da Linha de Fôrça, qual o **cabeça-de-legião** intermediária chamado.

Essas variações, é claro, são de 7 nos 4 triângulos básicos dos Orixás ou das Linhas, porque, em realidade, êsses Exus quase nunca operam por conta própria e nem praticam ações maléficas, contundentes, ditas do mal, pelo simples prazer de fazer êsse mesmo mal.

Há que se definir para se compreender melhor isso. Porque — parecerá incrível o que êsse "prêto-velho" vai dizer...

Quem "come" ou quem sente fortíssimos desejos de "alimentar-se" das emanações do sangue, do álcool, do dendê, farofa, carne, pipoca, etc., não são os Exus conhecidos na Umbanda como "os batizados" e sim os espíritos dos subplanos e subagrupamentos da Quimbanda... êsses que compõem a "cauda de suas legiões".

São os velhos Quiumbas — espíritos atrasadíssimos de tôdas as classes, muitas dessas até compostas pelos que ainda não encarnaram uma só vez. Êsses formam o duplo aspecto da Quimbanda — **o do reino da Quimbanda**...

Êsses Quiumbas são chamados também de "rábos de encruza". São perigosos quando mistificam os caboclos, os prêtos-velhos, etc., e mesmo os próprios Exus.

Os Quiumbas são os **marginais do astral** e os Exus são a "polícia de choque" que os vigia e coordena, porque, se não fôsse assim, a **coisa seria muito pior**...

De seu "reino" — **a Quimbanda**, êles saem como enxames e se acercam da faixa dos "terreiros", dos Centros de Kardec, também, atentos, famintos e sedentos, prontos para invadir o ambiente, por qualquer uma **brecha** que encontrem. É por isso que se usa, em sentido comum, "trancar a gira" com uma casinhola, etc., para o Exu tal-e-tal. Isso significa a guarda de um Exu — "cabeça de legião", para que tome conta dêles — os Quimbas.

Quais são portanto êsse Exus — intermediários, positivos trabalhadores, ordenados da Umbanda para a Quimbanda e daí até o **reino** da Quimbanda?

São 7 os principais CABEÇAS DE LEGIÃO:

1º — EXU SETE ENCRUZILHADAS para a LINHA OU VIBRAÇÃO DE OXALÁ (essa Linha opera com entidades de caboclos)...

2º — EXU POMBA-GIRA para a LINHA OU VIBRAÇÃO DE YEMANJÁ (essa Linha opera com entidades de caboclas)...

3º — EXU TIRIRI para a LINHA OU VIBRAÇÃO DE YORI (essa Linha opera através das entidades ou espíritos de crianças)...

4º — EXU GIRA-MUNDO para a LINHA OU VIBRAÇÃO DE XANGÔ (essa Linha opera com entidades de caboclos)...

5º — EXU TRANCA-RUAS para a LINHA OU VIBRAÇÃO DE OGUM (essa Linha opera através de entidades de caboclos)...

6º — EXU MARABÔ para a LINHA OU VIBRAÇÃO DE OXOSI (essa Linha opera com as entidades de caboclos e caboclas)...

7º — EXU PINGA-FOGO para a LINHA OU VIBRAÇÃO DE YORIMÁ (essa Linha opera através das entidades de prêtos e pretas velhas)... (14)

---

(14) Notar aqui que, "prêto-velho" está relacionando os 7 Exus correspondentes às 7 Linhas da Umbanda Iniciática ou Cabalistica, no seu conceito real, e não místico ou concepcional dos terreiros da Umbanda popular.

Cícero: — é surpreendente, meu "velho", o que acabas de elucidar sôbre a Quimbanda... Não te interrompi uma só vez, dado o excepcional interêsse com que te ouvia, nessas discriminações. Além de ter notado que as oferendas diferem bastante das usuais ou dos "despachos ou ebós" tão falados, tenho ainda a perguntar por que, nas características de cada exu-guardião, frizas que êle não recebe essas oferendas ou qualquer outra, **nas encruzilhadas de rua**?

Prêto-velho: — Êsse "prêto-véio" vai responder: — essas encruzilhadas de ruas, além de serem impróprias para qualquer **operação positiva**, dado que a maioria das pessoas que as encontram olham para **essas coisas** com vibrações negativas de tôda sorte, assim como desprêzo, deboches, mêdo, aversões, etc., e muitas mesmo as pisam, outras tiram materiais, etc. Com isso, estão, naturalmente, quebrando o encanto mágico que porventura pudesse existir nelas.

Por outro lado, não podem servir para as operações necessárias e positivas com os exus, porque essas encruzilhadas de rua são mais "moradia" ou "habitat" dos espíritos classificados ou conhecidos como os "rabos de encruza" e de tôda sorte de espíritos vadios, almas penadas ou aflitas de tôda espécie e que vivem indo sempre na **lábia** dêsses quiumbas velhacos e trapalhões, que os procuram envolver de tôdas as maneiras e para todos os fins...

De forma que um dêsses tais "despachos ou ebós" ali postos se torna um perigo, **mais para os que os botam**, porque, via de regra, não obedecem à direção de um Exu e muito menos de um caboclo ou prêto-velho, etc. Êsses filhos que despacham nas encruzilhadas de ruas não sabem que estão alimentando essas classes de espírito, que imediatamente os cercam, envolvem, etc., para não perderem mais o **fornecimento** das **coisas** de que êles gostam. Em realidade, êles passam mais a **atuar** nos que botam os "despachos", do que **naquêles** para quem, **eventualmente**, são dirigidos. Então, pobres dêsses filhos que vivem alimentando as "encruzas" de rua...

Porque, oh! "zi-cerô", é preciso que se diga: — êsses quiumbas — espíritos viciados, não largam suas prêsas fàcilmente. Não querem perder a **fonte** de seus gozos, prazeres ou

sensações várias. Como entender isso diretamente? Vou darte um exemplo: — um indivíduo é viciado num entorpecente qualquer e um outro — aquêle que fornece, é sua **fonte**, em tôrno da qual êle gira constantemente, atrás de satisfazer o seu vício. No dia em que essa fonte não fornecer, êle se desespera e se torna capaz de **tudo**... até de matar. Isso está em relação com o caso dos aparelhos dominados por êsses quiumbas... e com os que botam "despachos" nas encruzilhadas de rua.

"Zi-cerô"... quem gosta mesmo de pipoca, farofa, dendê, fita preta e amarela, sangue, carnes diversas e outras coisas mais, não é pròpriamente o exu-guardião... Quem "come" ou quem faz tudo para se saciar nas emanações dêsses "despachos" são os espíritos do **reino da quiumbanda**".

"Zi-cerô... quem "baixa" dando gargalhadas histéricas, grosseiras, fazendo contorsões tremendas, jogando o aparelho de joelhos, com o tórax para trás, cheio de esgares e mãos tortas de forma espetacular, dizendo nomes feios ou imorais, etc., não são os Exus de lei — os batizados, os cabeças de legião! São os velhacos **quiumbas**, que, nessa altura, já envolveram o infeliz médium que, por certo, criou condições para que êles entrassem na sua faixa neuro-psíquica-mediúnica. Já estão "amarrados" nas garras dêles... Como vai ser difícil a libertação...

Cícero: — Ainda mais uma última pergunta, relacionada com a questão dos triângulos fluídicos dos Exus. Podem servir, também, para a segurança de um terreiro, levando-se em conta que quase todos as têm, como "tronqueira" etc?

Prêto-velho: — Podem. Apenas terão que ser riscados e postos de acôrdo com os pontos cardeais correspondentes, dentro das características dadas para cada um dêsses "cabeças de legião"... riscados, é claro, na côr de pemba dada e numa tábua...

Resta ainda a êste prêto-velho lembrar que: sendo 7 os exus intermediários das Linhas, é claro que êles também operam nas faixas dos 4 Elementos da natureza, citados ou correspondentes.

Assim, Zi-cerô, creio que está bastante elucidado. Ainda me falta dizer que, sendo êsses Exus intermediários a "polícia de choque" do baixo astral, isto é, do "reino da quimbanda", não lhe cause surprêsa eu revelar que êles empregam até a "fôrça" bruta, quando necessitam de frenar ou de exercer uma ação repressiva.

Há lutas tremendas no baixo mundo astral... Acontecem os "corpo-a-corpo", pancadarias, etc. Existem também "armas astrais" de ação contundente. Assim como você "zi-cerô" pode, como encarnado que está, bater em outro corpo humano, com uma vara, uma espada, uma borracha, etc., no astral também êsses objetos podem existir, confeccionados de "matéria-astral", mais "rijos" do que os grosseiros da terra. Servem para fustigar corpos astrais, também grosseiros, como são os dos espíritos atrasados, quiumbas e outros mais... quando necessário.

Cícero: — Meu velho! Estou meio "assombrado"! Com isso tudo que acaba de dizer, foi se fazendo uma grande claridade na minha penetração espiritual. Portanto, pergunto: — se existem "polícia e marginais no astral", também devem existir prisões, não é?

Prêto-velho: — Sem a menor dúvida, filho. Não se prenda à vaga interpretação de que "os espíritos vagam na erraticidade"... como se com isso êles "andassem" por aí, pelo astral, pelo espaço, ao léu...

Nenhum ser, no astral, vive assim, como que vagando "aèreamente"... todos estão fazendo alguma coisa, de certo ou errado... todos estão empenhados ou ocupados em tôrno de **algo**... todos **giram** na razão e na relação de suas afinidades, isto é, de seus desejos, impulsos, atrações, etc., uns conscientemente e outros, ainda, dentro de suas incompreensões ou perturbações várias. E é em razão e em relação com essas afinidades que os espíritos ou os sêres desencarnados são **atraídos** às **zonas cósmicas** (que também se chamam planos) apropriadas.

De acôrdo ainda com essas zonas próprias é que êles "descem" ou se misturam nas camadas ou nos agrupamentos inferiores. Daí, de dentro dêsse ambiente astral espiritual grosseiro, é que saem os **quiumbas e outros**, a fim de darem expansão às suas tendências, desejos etc...

São como salteadores, dentro da "noite astral". Infiltram-se por tôda parte, visando mais o ambiente dos encarnados, dadas as emanações materiais que êles tanto desejam, enquanto não encarnam... Uns saem em busca de satisfazer seus vícios, vendo e sugando do vício dos encarnados suas satisfações; outros saem a fim de satisfazer a revolta ou a vingança sôbre os que deixaram ou estão na condição humana; e mais outros ainda, perigosíssimos, como "gênios do mal", comandam as incursões daqueles...

Todavia, todos êles estão sob vigilância. Há verdadeiras batalhas, corridas, fugas, etc., quando são pilhados diretamente em suas artes ou ações nefastas. Sim, porque êles também são sabidos, organizam-se. Muitos, quando assim pilhados, vão para as Escolas Correcionais ou para as prisões do astral. Sim, porque é certo, "zi-cerô", elas existem. Assim como existem os Hospitais, as Escolas Superiores e Especializadas.

Você sabe, filho, há um castigo tremendo, no astral, para êsses empedernidos... Êles vivem dominados por um desejo voraz: — querem encarnar a todo custo. Então são refreados nisso... adiam essa oportunidade. Êles choram, imploram, etc. Prometem tudo. Dão-lhes prazos a fim de provarem isso... mas logo se deixam arrastar pelas sensações baixas e pronto... nada feito. E é em relação com tudo isso que os Exus trabalham (numa função cármica) e como trabalham, pois que, para tudo ou para todos os serviços ou operações, existem os veículos apropriados...

É claro que um ser elevado, um espírito de luz, "zi-cerô", não "desce" a êsse mister... êle tem ocupações diversas e superiores, inerentes à sua condição espiritual... Compreendeu, filho?

Que tudo isso, que êsse "prêto-véio" falou, possa ser assimilado pelos mais vivos de idéia... E que êles possam elucidar, por sua vez, os que não alcançaram ou não entenderam ainda essas **verdades** simples e utilíssimas para todos cujo carma os situa na faixa ou na Corrente astral de Umbanda...

Conceito de hierarquia espiritual nos terreiros de Macumba...

a) Os seus crentes acreditam em Zamby, que chamam de Oxalá maior — o mesmo Deus Supremo e Criador.

b) acreditam em Orixás, porém, estreitamente ligados, representados ou confundidos diretamente com santos da Igreja Católica. Não têm conceito firmado sôbre **linhas;** apenas entendem difusamente que os caboclos, os prêtos-velhos e as crianças são da linha de um santo: Exemplo: se a um espírito de caboclo consideram como de Oxossi, é porque é da linha de um santo, nesse caso do São Sebastião da dita Igreja; se é de Xangô, consideram da linha do São Jerônimo e assim por diante.

c) acreditam nos espíritos dos "prêtos-velhos" e acham que são **mandingueiros** (que significa feiticeiro, rezador, curador etc.) e que dizem mais ser da linha de São Cipriano, ou de São Benedito (santo negro da Igreja), se bem que em muitos terreiros de Macumba dizem que os prêtos-vêlhos são da linha das **almas santas benditas**.

d) acreditam e cultuam os caboclos com muito vigor, através de paramentos indígenas (assim como cocares, saiotes e pulseiras de penas coloridas, sendo que as mulheres usam mais saias e blusas de cetim com cocares) mas não sabem definir suas origens e nem a razão de ser mística dêles, nos seus terreiros. Porém todos querem ter **seu caboclo,** como guia ou protetor, pela motivação essencial de que é forte, poderoso etc.

e) acreditam nos espíritos de **crianças**, que dizem ser da linha ou da Falange dos Santos Cosme e Damião e Crispim e Crispiniano da dita Igreja Católica.

f) acreditam nos espíritos dos Exus, que chamam e cultuam com mais ardor. É o **ponto forte** de seus terreiros. Para êles usam paramentos especiais: blusas, saias, calças e sobretudo capas vistosas, nas côres vermelho e preta.

h) a par com isso, acreditam, porque evocam, em tôda classe de espíritos, quer seja os clássicos do Catimbó (já citados) e outros mais, desde que sejam tidos como mestres na magia. Só não gostam, também, dos espíritos ditos como **quiumbas**.

O que fazem nos terreiros de Macumba a título de iniciação, que chamam de preparo?

a) difícil equacionar a seqüência dos atos mágicos com que costumam **preparar** um médium (dito como cavalo, por lá).

b) primeiro usam certas formas de **batizar** ou de **lavagem de cabeça**, nos seus médiuns, quer nas cachoeiras, quer nos seus próprios terreiros, que sempre acontece botando cachaça na cabeça dêles, ou sangue e outras qualidades de bebidas, às vêzes tudo junto com sumo de certas ervas (aí êles chamam também de **amacys**). A par com isso fazem constantes **despachos para exu**, com matanças e entregas de certos bichos de pena (galo ou frango prêto), acompanhados de charutos, velas, farofas, agulhas, fitas de côres, bruxas de pano, e sempre em alguidares de barro.

Como fazem suas sessões, normalmente? Assim:

a) em qualquer terreiro de Macumba, a seqüência de uma sessão segue o mesmo padrão.

b) em frente ao Congá (altar com muitas estátuas de santos caboclos, de prêtos-velhos, de sereias do mar etc.), todo iluminado a velas, tocam os tambores, cantam os pontos, fazem defumações, não sem antes o chefe do terreiro ter mandado dar **marafa** e vela acesa ao **homem da encruzilhada** (exu) na **tronqueira** (uma casinhola) ou então na sua **casa** (quarto grande onde tem várias estátuas simbolizando vários exus)...

c) assim, primeiro **baixam** os caboclos, depois os prêtos-velhos ou vice-versa, para aconselhar os filhos-de-fé; há fumo em profusão, de charutos e cachimbos, e vinho, cachaça e cervejas; tudo vai indo nessa pisada, **meio mole**, na expectativa da **hora grande** (meia-noite); chega a hora, todo o mundo se prepara; "os cavalos" (médiuns) ficam indóceis, pois vão chamar o povo da encruza" (exus). Toques dos tambores em frenesi; pontos cantados com evocações pesadas, falando em **satanás**, bicho de duas cabeças etc., de repente os médiuns começam a se contorcer... há esgares, tremores, uivos, gritos e lá vêm os **compadres** (denominação que dão no trato direto com exu) com a possessão mediúnica... que é identificada quando os médiuns começam a dizer palavrões, dar gargalhadas histéricas (no caso de ser mulher); fumando charutos e bebendo marafa, exu está na terra e logo se forma entre os crentes consulentes um ambiente de respeitoso temor; mas todos estão ávidos para falar com os "homens da encruzilhada"...

E assim vão até altas horas da madrugada, com tôda sorte de conselhos, consultas e trabalhos de baixa magia, acompanhados de **despachos negativos**, para tal ou qual fim. Não é difícil terminar em bebedeira, confusão e brigas (nota: se uma pessoa leiga perguntar num dêsses ambientes o que estão praticando, dizem logo: Umbanda...).

Conceito de hierarquia sacerdotal:

Primeiro vem o **pai-de-santo** ou chefe-de-terreiro (raramente usam os qualificativos de Babalaô, Babalorixá, babá, pai-pequeno e mãe pequena); em segundo vem os ogãs de atabaque e em terceiro os cambonos, e é só.

Têrmos, significados e outras denominações de uso corrente na faixa das Macumbas, em suas zonas atuais de maior influência: Estados da Guanabara, Rio de Janeiro, Bahia, Pernambuco, São Paulo, Minas Gerais etc.

Agô ..... Têrmo africano significando **licença**.

Amalá ..... Comida de santo que se faz em oferenda, especialmente a Xangô.

Agô-lê ..... Do africano, significando **dai-me licença.**

Aparelho ..... Têrmo usado pelos espíritos de "prêtos-velhos" e quer dizer médium.

Babá ..... Chefe de terreiro mulher...

Burro ..... Nome usado pelos espíritos de Exu, para designar um **médium**.

Bango ..... Significa dinheiro.

Caruruto ..... Charuto.

Cavalo ..... Significa **médium**, também.

Curiá ..... Beber qualquer bebida alcoólica.

Curimá ..... Cantar **pontos** (ponto significa cântico religioso, místico; mas se disser **riscar-ponto**, já toma o sentido de cabalismo ou sinal-riscado).

Curimba ..... Dançar ao som dos tambores e dos pontos-cantados.

Canjururu ..... Mulher casada.

Candengo ..... Criança.

Curumin ..... Criança.

Camunguerê ..... Criança.

Camutuê ..... Cabeça, no sentido de ter **cabeca feita no santo**.

Canzó ..... Casa.

Canzuá ..... Casa.

Cocicã ..... Estar bem.

Calunga ..... O Cemitério.

Calunga Grande . O Mar, no sentido de cemitério dos afogados.

Cacurucaia ..... Têrmo africano significando "negra-velha".

Cambono ..... Pessoa que serve aos espíritos, quando manifestados.

Compadre ..... Denominação que dão aos Exus.

Cangerê ..... Oferenda, no sentido de feitiço.

Dumba ..... Mulher.

Despacho ..... Oferenda para Exu, na encruzilhada.

Encruza ..... Local (as encruzilhadas) onde Exu habita.

Fumega ..... Charuto ou cigarro.

Fundanga ..... Pólvora.

Gongá ..... Santuário.

Ganga ..... Exu muito forte, pesado, trevoso, comparado com o "diabo".

Matruco ..... Homem.

Macaia ..... Mata (como o local onde fazem trabalhos ou ritos).

Marafa ..... Parati ou cachaça.

Má-leme ..... Tenha pena.

Muganga ..... Apetrechos mágicos.

Mironga ..... Segrêdo, encanto, mistério.

Pemba ..... Giz grosso (várias côres) para **riscar** pontos na magia.

Pito ..... Cachimbo de "prêto-velho".

Patuá ..... Espécie de talismã

Ponteiro ..... Punhal de uso na magia.

Piau ..... Frango prêto, para usar na magia-negra.

Preceito ..... Qualquer tipo de afirmação mágica, que leve oferenda, aos Orixás.

Tronqueira ..... Local fora do terreiro onde dão vela e cachaça para Exu.

Vavá ..... Falar.

UMA VISITA AS "COVAS" DO BAIXO-ASTRAL OU AO "O REINO DO BRUXEDO"... CATIMBÓ... O CRENTE JUREMADO E A "FARRA" NO ASTRAL...

APROVEITAMOS ESSA OPORTUNIDADE para ilustrar mais ainda o leitor, relatando uma visita astral que nos foi facultado fazer, a essas "covas do baixo-astral", por uma entidade que até hoje não conseguimos identificar.

Certa noite em que estávamos em nossa casa, sòzinhos, deitamo-nos e, durante horas, não conseguimos conciliar o sono.

Passava da meia-noite quando, naquele estado de semi-inconsciência que precede o sono pròpriamente dito, sentimos aproximar-se uma entidade.

Pudemos vê-la quase que nìtidamente; apenas se apoderou de nós uma espécie de tolhimento psíquico e físico com sua presença.

Então, ouvimo-la assim dizer: "Irmão Yapacani, estou aqui para levá-lo a visitar uma "zona astral" perigosa; mas, não tema, pois isso lhe será de grande utilidade."

Mentalmente, respondemos-lhe que iríamos, porém, se "prêto-velho" também fôsse, de vez que temia ser êsse convite uma cilada do baixo astral (ao mesmo tempo que assim dizíamos, pelo pensamento fomos invocando logo nossos amigos do astral, pela fôrça de certa oração cabalística, forte, própria para ocasiões de perigo).

No transcorrer dessa situação, vimos logo chegar "prêto-velho" (15), que nos serenou, dizendo que fôssemos, pois êle estaria atento, e que essa entidade era um guardião de **zonas condenadas**, podendo acompanhá-lo sem susto.

---

(15) Como "prêto-velho" o leitor deve entender ser êle um poderoso amigo que temos no astral, que nos protege desde o berço, e que assim humildemente quis se apresentar, quer na forma, quer no nome.

Assim, logo que chegamos ao limiar de uma região penumbrosa, parecendo-nos estar cercada de nuvens negras, paramos... Imediatamente, essa entidade tirou de alguma parte, que não identificamos bem, duas túnicas. Passou logo a vestir uma, ao mesmo tempo que mandava fizéssemos o mesmo com a outra.

Essas túnicas tinham certas placas, semelhantes a metal, pregadas pela frente e por trás, que luziam em tonalidades estranhas e emitiam também um som sutil, tal qual o ciciar de uma cigarra.

Após essa preparação, dirigimo-nos a uma entrada onde se nos deparou uma escada, parecendo-nos talhada em pedra.

Começamos a descê-la, com a impressão de que estávamos descendo para uma caverna. Sentíamos que o caminho era escuro, mas a luz vibratória das placas clareava tudo e ao mesmo tempo os seus sons ciciantes faziam com que ondas de morcegos e animais parecidos esvoaçassem e fugissem à nossa passagem.

Então, essa entidade, **guardiã das zonas condenadas**, começou a explicar que estávamos descendo às "**covas do mais baixo-astral**", ou melhor, acrescentou com certo sorriso, ao "reino do bruxedo".

Nessa altura, parou defronte de uma imensa porta, tôda trançada de algo assim como raízes, com certas fendas onde se encontravam nichos cheios dos mais estranhos bichos: larvas, vermes, cobras etc.

Bateu à porta, que se abriu lentamente, até que pudemos divisar um fantástico panorama.

Numa espécie de trono de pedra, uma mulher gordíssima, com uma cabeleira como se feita de piassava, tôda coberta de farrapos, com as mãos sujas, acariciava um gatarrão prêto, de pêlo duro, comprido, nauseabundo...

Em seu redor, estranhos apetrechos e materiais que intuitivamente qualificamos como de uso da magia-negra, assim como uma panela, onde fervia um líquido vermelho, oleoso (parecendo sangue), de onde pulava e caía dentro do líquido uma boa quantidade de baratas e insetos que jamais vimos na Terra.

O quadro era tétrico. Em outro ângulo dessa "cova", identificamos uns caixões de pedra, cheios de esqueletos inteiros, que se assemelhavam a ossadas humanas. De par com isso, a megera, vez por outra, manuseava um baralho grande, todo sulcado de sinais e fantásticas figuras.

Repentinamente, a bruxa (sim! era uma megera tal e qual o conceito fantástico das histórias infantis) levantou os olhos e... céus! — que pavor!

Aquilo queimava, irradiava tamanhas vibrações maléficas, causando-nos tal repugnância psíquica, que apelamos para nossas reservas de energia espiritual

À proporção que analisávamos o ambiente, tivemos a impressão de que **aquilo** era mesmo a última **estaca**, no que podia haver de mais **sujo**, de mais nefando no baixo-astral.

Estávamos fundamente nauseados, quando nosso guardião encetou uma série de perguntas a essa bruxa, assim: "Então, Cibiagô — muitas visitas? Muito trabalho?" Ao que a megera foi respondendo mais ou menos nesses têrmos: — "Cibiagô muito ocupada; Cibiagô muito procurada; tudo agora anda muito bom lá por baixo, mas **êles** não sabem resolver tudo, sem procurar Cibiagô...

"Pena Cibiagô não poder sair daqui... Você sabe, não é?"

Mal terminara essas respostas, a megera levou umas das mãos ao ouvido e a outra à bôca e fêz sair um grito, um guincho estridente...parecendo ouvir ou perceber a aproximação de algo.

Nosso guardião imediatamente cruzou as mãos e colocou-as sôbre uma das placas, mandando que fizéssemos o mesmo. Depois, fêz um gesto para que o acompanhássemos a um canto. Ouvimos então um vozerio tremendo, à chegada de sêres incríveis, de dificílima descrição, para nossa pena.

Uns eram peludos, tinham esgares, contrações horríveis, nos rostos. Outros, gordíssimos, parecendo porcos ou hipopótamos, outros mais, esquálidos, olhos encovados. Todos, porém, traziam uma espécie de sacola (claro que só podia ser de matéria astral) ao pescoço.

A megera recebeu-os cheia de excitação e contentamento e passou a ouvir cada um dêles. Não nos podemos lembrar nem detalhar todo o ocorrido nessa "cova" do baixo-astral, mas compreendemos perfeitamente que aquêles sêres hediondos que ali haviam chegado se queixavam de fracassos e contavam sucessos ao mesmo tempo, tudo relativo ao gênero de atividade que exerciam sôbre o astral inerente à crosta terrestre.

E estavam ali, pedindo mais fôrças e podêres à megera, para prosseguir em suas atividades nefandas, aos quais ela ia dando através de pòzinhos (nessa altura, lembramo-nos de

que nunca as "casas especializadas" venderam tantos pós em latinhas como ùltimamente: "para casar, para matar, para se apoderar disso e daquilo etc."), líquidos e uma série de estranhos materiais que ia apanhando em seus respectivos lugares. Essas entidades negras recebiam com gritos de prazer e os iam colocando em suas sacolas.

Um detalhe que achamos extraordinário foi que, ao se retirarem, todos, de um a um, beijavam a mão da megera e bebiam um pouco daquele líquido avermelhado que pulava, fervendo, naquela panela.

Para nós desnecessária foi a explicação que nos deu o guardião, de que aquelas horríveis entidades manipulavam a mais baixa-magia negra, nos ambientes chamados por nós humanos de "catimbó". São os "anjos protetores" dos catimbozeiros.

Depois que se afastaram, o guardião, retirando as mãos da placa e mandando que fizéssemos o mesmo, aproximou-se da megera, que exultava.

Sòmente a lembrança que se nos fixou na retina astral pôde nos ajudar a descrever isso mais ou menos, visto que as náuseas psíquicas nos impediram de registrar todos os detalhes.

Dali nos retiramos, e o guardião nos disse então que iríamos descer mais ainda. Descemos. E vimos não uma porta, mas uma espécie de bôca de túnel, por onde penetramos e fomos dar num recinto que nos causou maior impressão do que o primeiro citado.

Descrevê-lo exatamente é-nos impossível, mas vimos desta feita a figura de um homem que nos pareceu ter apenas pele e pêlo recobrindo o esqueleto.

Por todo aquêle pêlo que o revestia trafegavam centenas e centenas de estranhas larvas, as quais entravam e saíam repetidamente por sua bôca, nariz, ouvidos etc...

Pelos cantos dêsse recinto, lodoso, úmido, pudemos ver ossadas, caveiras, em profusão. Êsse tipo astral, ao nos ver, tomou uma atitude de arrogância, de maldade, ao mesmo tempo em que perguntava ao guardião: "Que quer dessa vez?" Ao que o guardião respondeu: "Viva, oh! **Atafo**! Queremos esperar aqui a chegada de teus visitantes, que não devem tardar".

Êsse estranho tipo astral refletia tamanha repugnância espiritual, tais vibrações de difícil definição, que sòmente

uma poderosa guarda e proteção era o que nos fazia suportar tudo aquilo serenamente.

Dentro de indescritíveis pensamentos, ao mesmo tempo que analisávamos tudo o que por ali víamos, fazíamos nossas conjecturas.

Súbito, esquisitos assovios interromperam nossos pensamentos, ferindo nossa audição, e apressadamente nosso guardião nos levou a um local à parte, procedendo à mesma operação de colocar as mãos cruzadas sôbre as placas da túnica.

Prestamos atenção, e dentro em breve vimos chegar, silenciosamente, um grupo de sêres de pequeno porte, anões.

Descrever os horríveis defeitos que apresentava o corpo astral dêsses sêres seria quase que causar ao leitor traumas emocionais. Mas todos eram mais ou menos peludos, tinham exageradas corcundas e um detalhe, excepcional, era comum a todos: apenas um grande ôlho tinham no centro da testa e eram obrigados a assoviar constantemente, de vez que assim nos pareceu ser uma maneira de conter a enxurrada de vermes que saíam das aberturas que chamamos de bôca, à falta de outro têrmo.

Na presença dêsse monstro astral, êsses monstrinhos quase não falavam, gesticulavam muito e se entendiam muito bem.

Não compreendemos de imediato qual o papel dêsses sêres no baixo-astral, mas o nosso guardião nos explicou que eram "vampiros das esferas negras", querendo dizer com isso que formavam uma classe de sêres muito baixa na escala espiritual, porquanto era usada pelos magos negros do astral para provocar misteriosas doenças nos encarnados, através de certas operações de magia-negra.

Dentro de nossa experiência de vinte e tantos anos, compreendemos automàticamente por que as descargas, defumações e rezas especiais conseguiam tanto êxito em casos nos quais a medicina terrena já havia esgotado todos os recursos.

Nessa altura, perguntamos mentalmente ao guardião por que êsse tal de **Atafo** assim era e assim vivia.

Deu-nos uma explicação profunda, da qual resumimos o seguinte: Atafo, êsse monstro astral, era um espírito de tamanho endurecimento, tão sobrecarregado pelos males que há milênios e milênios vinha praticando, que foi banido para

essa região "condenada" e por ali criara sua própria "cova", porque ali era realmente "o reino do bruxedo", onde as hostes satanizadas, bestializadas, iam buscar elementos destruidores, porquanto seus habitantes haviam-se especializado na prática do mal.

Pedimos ao guardião para sairmos dali, pois já não agüentávamos, e fomos imediatamente atendidos.

Do lado de fora, o guardião nos perguntou se ainda estávamos com coragem para visitar a terceira "cova", o que aceitamos, porém não queremos contar mais nada a êsse respeito, porque ultrapassa até ao fantástico o que lá existia.

Com a descrição feita quisemos deixar bem nítida na mente do leitor a idéia de que a bruxaria, o malefício, a magia-negra, o atraso, o endurecimento e a ignorância de muitas almas que aqui, pelo plano de terra, ainda praticam essas coisas, têm suas correspondências, suas ligações e a cobertura afim de um lado para outro...

Portanto, é fatal que, em todo desencarne de um "quimbandeiro ou catimbòzeiro", o seu espírito seja imediatamente arrebatado para êsses planos infernais, para essa "zona condenada."

Talvez seja por isso que a Bíblia nos fala do inferno, que afinal de contas existe mesmo, de um certo modo.

Em analogia com o exposto, devemos ressaltar também o que nos foi dado presenciar numa sessão de **catimbó**, por ocasião do rito que iam processar sôbre um crente, a fim de que ficasse "juremado"...

Não vamos entrar nos detalhes dêsse rito, porque demos a palavra de que não o faríamos em nossas obras, porém o que aconteceu nessa ocasião serve perfeitamente para que o leitor faça um confronto e tire suas deduções.

Bem, no momento em que êsse ritual devia atingir o seu ponto máximo, ou seja, quando tinha que se dar a "juremação" no crente, faltou a presença de uma tal entidade de nome "baiano de tal", que seria o responsável direto pelo "iniciando", em face dos "segredos do catimbó".

Foi quando outra entidade, manifestada num médium de côr branca, disse que ia mandar buscar o fulano, porque sem êle nada feito.

Assim procedeu, cantando e firmando velas com punhais, ao mesmo tempo que bebia cachaça e derramava em volta.

Repentinamente, vimos que outro "médium" estremecia e logo passava a despejar uma saraivada de impropérios, de nomes feios.

Com isso, os presentes e a outra entidade manifestada deram por reconhecida a presença do tal "mestre de linha", responsável pelo ritual do crente.

Mas o que vamos agora transcrever foi o que disse êsse tal espírito, num tom aborrecido, queixoso: "Ora, logo agora, que a "farra" estava ficando tão boa é que vocês acharam de me chamar? A Chiquinha não quis vir. Eu vou fazer o que tenho que fazer, mas estou muito zangado. Imaginem que encontrei a Chiquinha atracada com F... **de esfregação**... a safada estava me traindo... Tive que brigar com aquêle sujeito...êle correu e nós **vortamo** prá "farra", quando me chamaro aqui..."

Após êsse palavreado, (do qual pedimos desculpas ao leitor, mas nosso propósito, aqui, não é fazer **literatura**, mas registrar fatos) o tal "baiano" participou diretamente no ato de "juremar" o crente e a sessão prosseguiu naqueles moldes, que lhes são próprios...

Depois, indagamos de pessoa mais entendida naquilo, o que o "mestre de linha" quis dizer com "ter deixado o forró, que estava tão bom... e que Chiquinha tinha ficado?"...

E nos foi esclarecido que "forró" era uma farra onde o tal "baiano" estava... e que êle tinha vindo aborrecido, porque sua **companheira lá de cima** o estava traindo, etc...

Com tudo isso, ficou-nos provado o que já sabíamos, isto é, "lá por cima, no reino do astral inferior", é como aqui por baixo, existe **farra**, baderna, gafieira, rancores, falsidades, ciúmes etc.

Existe sexo, luxúria, mancebia e outras coisas mais... e isso não é "bicho de sete cabeças", porque, dada a inferioridade moral e conseqüente embrutecimento, êsses espíritos são muito materializados e, dentro de seus meios afins, procuram dar expansão a seus desejos, e a um mundo de sensações baixas, de tôdas as maneiras.

Quando dizemos que também há sexo, não se interprete isso no rigor do têrmo, no aspecto puramente físico ou carnal. Não! Mas que há junções e sensações tais produzidas de **órgão astral para órgão astral**, isso há...e a literatura que tem versado sôbre tal questão foge de aprofundá-la, de vez que é assunto escabroso e um tanto ou quanto perigoso para a mentalidade comum.

3ª PARTE

ORIGEM HISTÓRICA DA UMBANDA DO BRASIL — O QUE É O SEU MOVIMENTO OU A SUA VIVÊNCIA POPULAR, RELATIVA ÀS PARTES MÍSTICAS, MEDIÚNICA, MÁGICA E FILOSÓFICA. SOBREVIVÊNCIA E ACEITAÇÃO DE ORIXÁS. DISTINÇÕES. VIVÊNCIA ESOTÉRICA OU INICIÁTICA.

Para que o leitor tenha uma idéia correta sôbre a Umbanda, faz-se necessário apresentar a sua **vivência** em **duas faces:** — a **popular** (que é maioria) e a interna ou esotérica. Comecemos a nos fazer entender nessa divisão, mostrando a face popular, no que ali se faz e se considera como Umbanda.

Històricamente, ou, como conseqüência de uma evolução das crenças populares relativas aos cultos afro-brasileiros, a Umbanda foi surgindo e se **destacando** de uma parte do que já situamos como "Candomblés de Caboclo", que se selecionou e se purificou, trazendo dêles, a grosso modo, a origem das linhas de caboclo, apresentando nesse processo de **separação** um **nôvo feitio místico, ritualístico e concepcional**, a par com adaptações, ao mesmo tempo que foi se escoimando, naturalmente, de uma série de ritos fetichistas, do uso e dos costumes tradicionais dos cultos de nação africana (no Brasil).

Na maioria dos Terreiros da Umbanda, mesmo nos populares, os crentes não cultuam todos os Orixás que foram conservados e ainda são venerados nos **Candomblés gêge-nagô-angola** e **candomblé de caboclo;** e êsses **orixás que aceitaram** não são cultuados conforme fazem no ritualismo daqueles.

A diferença entre êsses dois tipos de candomblé está em que, no dito como de **caboclo**, além de concederem e praticarem **quase tudo** que tem vivência prática e mística no

outro, aceitam também os **eguns**, isto é, os espíritos da **corrente indígena ou ameríndia** (nossa), ditos como caboclos (ancestrais) e ainda os dos "prêtos-velhos" africanos ancestrais (que por lá dizem como sendo da **linha das almas**), bem como os espíritos de "crianças" e os dos **exus, quer no ritualismo**, quer na parte mediúnica, **notando-se** que êsses valôres ou êsses espíritos, no **candomblé africano** tradicional, não teriam aceitação, ou melhor, seriam forçosamente repelidos. Vejamos essa série de distinções que elucidarão definitivamente o leitor:

a) nos terreiros da Umbanda, mesmo nos de nível concepcional mais baixo, não acreditam em Orixá como aquela divindade superior que desce e "baixa", que vem à terra através de um médium...

b) acreditam assim: — que os Orixás que aceitaram e cultuam podem se ligar ao médium, porém através dos espíritos enviados dêles e que só podem ser os **caboclos**, que conseguiram êsse privilégio, essa cobertura, porque já tinham os direitos adquiridos como os verdadeiros donos do campo astral do Brasil.

c) tanto isso foi mística corrente que prevaleceu, que, há mais de cinqüenta anos, já era observado nos terreiros (quer de Macumbas, quer de Umbanda), sistemàticamente, a pessoa mediunizada se dizer **caboclo tal**, da fôrça de Xangô, ou caboclo fulano, da fôrça de Ogum, Oxossi etc.

d) e em cima disso tudo vem o conceito insofismável de que consideram e cultuam nas cachoeiras e nas pedreiras os **caboclos da linha de Xangô**, que ainda dizem mais como "povo" da cachoeira; nesse paralelo, nas **matas**, vão oferendar e cultuar os caboclos de Oxossi; e no **mar** vão fazer preceitos para o "povo do mar", que para os crentes umbandistas são **caboclos e caboclas** a quem Yemanjá confere podêres a fim de dominar e habitar êsse **campo** vibratório do elemento água. Da mesma forma vão cultuar Oxum, nas águas doces, assim como rios, regatos etc. Como **linhas** admitem serem formadas pelos espíritos protetores que são afins a determinada divindade ou orixá, por isso da faixa dêle.

e) que os terreiros de Umbanda foram os primeiros no aceitar os espíritos dos "prêtos-velhos" africanos ancestrais, como guias e protetores evoluídos, que chamam de "vovô, vovó, tio, tia ou ainda de pai João, pai Congo etc., etc.", com as características de serem da "corrente

africana", aos quais tratam com muito carinho... a par com os de "crianças".

f) que concebem e aceitam os espíritos denominados de EXUS, em suas práticas **mediúnicas internas** (diretamente nas sessões) de forma diferente da usual e tradicional dos **candomblés** que era e ainda é a seguinte: — exu é considerado nêles como um **orixá-menor**, espécie de elemento de ligação entre os orixás-maiores e os outros menores, além de ser o "môço de recados" do orixá Ifá, mas sòmente através do "jôgo dos búzios". Nesses candomblés, exu, mesmo sendo orixá, **não baixa**, ou seja, não tem o direito de "possuir" nem ao menos uma yaô (filha de santo); e, nos terreiros de Umbanda, **exu** baixa e, de certa forma, domina nos interêsses dos crentes, pois êle é o "homem da encruzilhada" ou da "rua", que (acreditam) tudo pode fazer no âmbito material ou passional. Por isso êle tem cultuação efetiva, de várias formas, sendo indispensável aquela em que êle é **tratado** com oferendas (cachaça, velas, charutos etc.), numa **casinhola**, denominada de tronqueira (que fica na parte exterior do terreiro ou salão, onde uns conservam uma **estátua** dêle (vide foto) e outros não, justamente para que tome **conta de tudo**. Enfim, exu, nos terreiros de Umbanda, não é o satanás dos católicos, nem tampouco o mesmo demônio dos protestantes: funciona como **empregado** das entidades espirituais maiores, usado para os trabalhos que interpenetrarem o campo da magia negra ou do que denominam com mais propriedade de QUIMBANDA (vide o que já foi dito sôbre tal assunto na 2ª parte).

g) que na maioria (há exceções, é claro) dos terreiros de Umbanda não fazem sacrifício de animais, nem de pena nem de pêlo, nos moldes das profusas matanças obrigatórias nos **candomblés** (que assim procedem na crença de que estão alimentando ou mantendo um intercâmbio simpático com os Orixás dêles, a fim também de obterem favores etc.), e nem fazem sacrifício de animais como oferendas sanguíneas, visando objetivos escusos, ditos também como **despachos**, conforme é de praxe nas MACUMBAS.

h) que não usam paramentos iguais aos tradicionais dos candomblés: vestes ricas, coloridas, excessivamente vistosas, e colares brilhantes, nem tampouco aquêles tipos de insígnias próprias de cada orixá de candomblé.

i) nem usam camarinhas, nem **roncós** (espécie de quarto sagrado dos candomblés, onde a inicianda fica isolada, a fim de fazer certos preparos, semi-despida e de cabeça raspada) e nem **botam sangue na cabeça** de seus médiuns, de acôrdo com a regra máxima nos candomblés puros e de caboclo.

j) que é fácil de se diferençar entre candomblés e terreiros de Umbanda popular porque, em quase todos, os médiuns ou iniciandos usam **vestimentas brancas,** simples, quer as mulheres, quer os homens.

k) e que mesmo se, em grande parte dos terreiros de Umbanda popular batem tambores (candomblé de caboclo bate tambores e palmas também) e palmas, não o fazem para **louvar ou homenagear sistemàticamente Orixás,** para que essas divindades **desçam** sôbre seus médiuns; batem palmas e tambores no intuito de promoverem uma corrente simpática neuro-mediúnica tal, que possa precipitar os **transes** ou as **incorporações** dos médiuns, porém, com isso, só esperam **baixar** os espíritos de **caboclos, prêtos-velhos e crianças** e por extensão os **exus,** na parte dedicada a êles, e nunca os **deuses** ou as **deusas** do Candomblé.

l) que em qualquer terreiro da Umbanda popular, mesmo os de mais baixa cultura, há uma certa disciplina ou sistema de processarem uma sessão; tem hora de começar, fazem orações, dizem evocações, cantam hinos de abertura (chamam pontos cantados), a par com os defumadores de purificação dos médiuns e do ambiente, para depois processarem as manifestações mediúnicas etc., bem como em muitos terreiros, além disso tudo, ainda iniciam com prédicas, conselhos ou uma doutrina especial sôbre tal ou qual norma moral e mediúnica.

m) que na Umbanda popular existe também o uso das oferendas, que envolvem flôres, velas, perfumes, bebidas, frutas, doces e outros ingredientes, as quais são sempre encaminhadas às matas, cachoeiras, praias, rios, pedreiras etc., e quando se vê êsses materiais acompanhados de animais abatidos ou com sangue, ossos, bonecas de pano, alfinêtes, fitas de côres etc., é porque são **despachos** oriundos das **macumbas,** ou senão de algum **candomblé de caboclo** de nível bem inferior. No candomblé africano, o sistema de oferendas tem finalidades e encaminhamento diferente.

No Candomblé do "Pai Gerson", em Madureira, pudemos fotografar essa saída de uma "filha-de-santo", da camarinha, com o Orixá Omulu... de palha na cabeça.

Movimentação dos Terreiros de Umbanda popular, na mata, para louvor o Orixá Oxossi, no dia 20 de janeiro.

n) e que a chamada **feitura de cabeça**, nos **dois tipos de candomblés**, é um processo condicionado a uma série de obrigações de tal ordem financeira que a pessoa iniciando tem que gastar somas elevadas. Fazer o "santo", nesses dois sistemas, não fica barato. A vaidade impera e é estimulada no elemento feminino (que é maioria), mòrmente nos festejos do santo, onde acontece um verdadeiro desfile de "fantasias religiosas"... Mesmo nos terreiros da Umbanda popular não se observa nada disso.

o) nos terreiros da Umbanda, tôda sessão segue normas e objetivos completamente diversos dos da sessão de candomblé. Nesse começam a qualquer hora, sem a menor preparação psicológica, sempre tocando os tambores, dançando e cantando. Nessa cadência levam a noite inteira e acabam assim.

p) nas sessões de Umbanda, seja em terreiros de **nível alto ou baixo**, há consultas ou **conselhos** à vontade com os **guias e protetores espirituais** (caboclos prêtos-velhos

Umbanda popular: na cachoeira do Tinguçu (Coroa Grande), "filha-de-santo" prepara uma "mesa" para o Orixá Oxum, que consiste em oferendas de elementos materiais, assim como flôres, velas, vinho, etc.

etc.), que **chamam** nos médiuns para tal finalidade, a par com as descargas fluídicas sôbre pacientes, ou passes especiais e purificações ou atendimentos diversos. Nas sessões do **candomblé africano** não acontece nada disso. Nelas a única forma de se saber a **vontade** do orixá é através do "jôgo dos búzios" que o **pai-de-santo** faz e daí é que surge a **consulta ao orixá**, porque essa "divindade" mesmo quando "incorporada" **não fala**.

A "babá" dêsse Candomblé, junto com mais 3 filhas, posam, notando-se a oferenda que vão entregar para Oxum.

q) que, em quase todos os **terreiros de candomblé** africano tradicional, existe uma certa **subvivência** por dentro dêles, que **costuma** ser **tolerada** e até **alimentada**, qual seja a dos **homossexuais**; por lá se acostumaram com êsse tipo de subvivência e constatamos que a consideram até com naturalidade ou até mesmo como fazendo parte da "tradição" dêles, pois nesses ambientes são qualificados, sem repúdio, com os têrmos afros de **"afôfô ou defantô"**, que significam "homem fresco, viado", no sen-

tido de o ser no **passivo.** Daí é que podemos **registrar** não ser pequeno o número dos "pais-de-santo" homossexuais, chefiando terreiros de candomblés, que, — conforme já explicamos, — são os dos rituais gêge-nagô-angola que sobreviveram no Brasil. E nos terreiros de Umbanda, de um modo geral, **êsse movimento dos homossexuais é repelido, criticado e ridicularizado,** ou melhor: — notamos e registramos como sendo **abominado.** Nota — no conceito geral do povo brasileiro, o homossexual não tem vez; é patente o desprêzo que a mentalidade popular tem por essas criaturas anormais ou disturbadas em sua psíco-fisiologia; assim, por extensão, ressaltamos que o conceito de moral-sexual do brasileiro é possessivo, exclusivista, porque é muito arraigado a certas normas de conduta; geralmente êle não dá valor afetivo, emocional, à **mulher batida,** isto é, que tenha experimentado o sexo com um ou com outro... por isso quando pretende casar escolhe sempre mulher tida como virgem (pelo menos que o comprove fisicamente e excepcionalmente êle aceita para o casamento môça **não virgem).**

Observação sôbre Terreiro popular de Umbanda: uma das principais características das médiuns é o uso de vistosos colares. Essas três senhoras médiuns são do "Caminheiros da Verdade"...

Outra casa que fornece artigos para o ritual da Umbanda, dos Candomblés etc. Está situada perto da Praça Tiradentes.

"Casa Abre Caminho", situada na Rua Pedro I, na Praça Tiradentes, do Spagola. Ali, vende todos os materiais para uso no ritualismo da Umbanda, dos Candomblés etc.

Vivência popular umbandista, com suas "filhas-de-santo" na cachoeira para louvar Oxum.

Umbanda popular: filha-de-santo, manifestada, "consulta" outra médium...

"Filha-de-santo" da T. E. "Caminheiros da Verdade" com roupa de festa, manifestada, atende ao agradecimento de um crente, que lhe dá flôres...

Vivência da Umbanda popular, com seus Terreiros no dia 8-12-1969 (dia do Orixá Oxum), que chegam de ônibus, automóveis, etc., na cachoeira de Coroa Grande. Notem a enorme fila. Contamos, nesse dia, 143 unidades.

No Candomblé do Escritor, J. Ribeiro, êsse menino dança, "manifestado" com um Êrê (espírito de criança).

Macumba: êsses materiais diversos que se notam nesse local, se diz como "a tronqueira maior de seu Exu" e está localizada na entrada da cachoeira de Coroa Grande.

Outro aspecto, de dois "Yaôs" no mesmo Candomblé, ao sairem da "camarinha".

No Terreiro de Inhaçã, Egun-Nitá (Candomblé do Escritor J. Ribeiro, situado na Rua Eugênia, em Jacarepaguá), êsses dois "Yaôs", com as mãos cruzadas, estão "possuídos" por seus "Orixás"... Mais ao fundo com o rasto coberto de palha, está outro Yaô, com o "Orixá" Obaluayê"...

Candomblé africano: êsse homem pintado é um Yaô *(filho-de-santo) que saiu da "camarinha" (quarto sagrado) já "manifestado" com seu "Orixá"... em dia de festa, no Terreiro.*

Estamos descrevendo sucintamente a vivência nos terreiros populares da Umbanda do Brasil, isto é, daqueles grupamentos que, mesmo sendo maioria, se diferenciam largamente, quer dos **candomblés, quer das macumbas.**

Agora, quais as divindades ou os Orixás que, nêles, foram aceitos e são cultuados? Daquela sobrevivência que demonstramos ainda existir nos rituais de nação africana (candomblés) que os limitou essencialmente em 16, nos terreiros da Umbanda popular ainda sofreram nova seleção de

valôres e ficaram sòmente 10. Vejamos em síntese como concebem e como fazem o sincretismo dêles com os santos da Igreja Católica.

ZAMBY ..... é o mesmo Deus Supremo de tôdas as religiões. Chamam também de Oxalá-maior, no sentido de que domina e dirige **tudo**.

OXALÁ ..... no sentido místico é o mesmo Jesus que denominam de Oxalá-menor, porque (acreditam) é o dono da nossa humanidade. Concebem que pode mandar enviados especiais e que êsses, na Umbanda, só podem ser os **caboclos**, como guias e protetores elevados, a fim de atuarem nos terreiros, através dos médiuns, mas atenção a essa explicação: — o crente umbandista, de um modo geral, **entende** que os caboclos que chamam e cultuam não são absolutamente os dos espíritos dos atuais indígenas do Brasil, mesmo se desencarnados, assim como os dos **kalapalos, bororós, xavantes, ticunas, atroaris** e outros, que ainda vivem em grande estado de barbarie ou primitivismo nas selvas (haja vista os ditos como **atroaris**, que, no mês de novembro de 1968, chegaram a trucidar 8 pessoas que foram numa expedição de contato catequista, comandadas por um padre, tão sòmente por que êste fêz ameaças com arma de fogo, chegando a disparar tiros a título de intimidação). Não! Os **caboclos** que concebem e fazem questão de ter como **guias** e **protetores** pessoais são os do astral, aquêles que pertenceram ao antigo tronco ancestral tupi-guarani e tupi-nambá, que entendem através dos ensinamentos dêles próprios, quando mediunizados, terem possuído uma elevada cultura mágica, ritualística e concepcional, naquele passado, muito aquém da era pré-Cabralina, subentendendo assim que os componentes

dessas raças foram os verdadeiros donos do Brasil e que, portanto, ainda o são do seu campo-astral. E concebem mais que êsses **atuais índios** são produtos de subraças indígenas que degeneraram. Isso que acabamos de expor não é sòmente da **doutrina esotérica** da Umbanda; é da maioria do entendimento nos seus terreiros populares. Todavia, para simbolizá-lo ou representá-lo (ou por vaidade ou uma espécie de mística nacionalista) costumam usar penachos ou insígnias relacionadas com os paramentos indígenas. É por isso que o **leigo** confunde, pensando que assim procedem porque estão mediunizados com espíritos de índios atrasados, em analogia com êsses milhões que ainda existem nas selvas brasileiras, semi-virgens ou completamente virgens.

YEMANJÁ ..... é considerada de um modo geral como "a mãe das águas". Crêem que essa divindade ou Orixá é a "mãe do universo" e que ela domina as águas do mar e pode se fazer representar pelas caboclas assim como a **cabocla Yara**, a "mãe d'água" da teogonia indígena. No sincretismo é assimilada com a Nossa Senhora da Glória dos Católicos ou com a chamada de Virgem Maria, mãe de Jesus. O seu culto na Umbanda é intenso e o seu ponto máximo vem com o dia 31 de Dezembro, à noite, nas praias (vide fotos).

XANGÔ ..... é o Orixá que acreditam "comandar a lei". Acham mais que Xangô domina o raio, as cachoeiras e as pedreiras. E que êle também se faz representar através dos **caboclos** (por isso existem as denominações, tais como caboclo 7 cachoeiras, caboclo 7 pedreiras, caboclo da pedra-preta, pedra-branca e outros) e para

isso dizem: linha do "povo da cachoeira". No sincretismo é assimilado com o São Jerônimo da Igreja Católica.

OXOSSI ..... é o Orixá que acreditam dominar a faixa dos **vegetais ou das matas** e que se faz representar por intermédio dos **caboclos** e das **caboclas** (por isso existem as denominações de **oxossi da mata virgem,** oxossi pena-branca, pena-dourada, cabocla Jurema etc., tudo como sendo da linha de Oxossi). No sincretismo é assimilado com o São Sebastião da Igreja Católica e é festejado no dia 20 de Janeiro, em todos os terreiros, quer de Umbanda, quer das macumbas, quer nos dois tipos de candomblés.

OGUM ..... é o Orixá que acreditam dominar as lutas, as guerras e as demandas diversas. Todavia, dizem, se êle se faz representar por **caboclos,** êsses tanto podem ser do **mar,** como das matas também (por isso vêm as denominações identificadoras, assim: ogum Yara, ogum Beira-mar, (da faixa da mata) e, ainda, caboclo Serra-Negra, que é **ogum,** isto é, funciona como enviado do Orixá. Por isso tudo, dizem que determinado caboclo é da linha de Ogum. No sincretismo é festejado intensamente no dia 23 de Abril, por causa do dia do São Jorge dos católicos, pois que é assimilado com êle.

OXUM .....é tida como o Orixá feminino que comanda as **águas doces** (dos rios, das cachoeiras etc.), e por extensão domina o "arco-íris. Faz-se representar, também, por **caboclas,** que **baixam,** gemendo muito, rodopiando etc. Oxum, em todo os terreiros da Umbanda, e das Macumbas, é muito festejada, no dia 8 de Dezembro, nas cachoeiras e nas praias também, porque é mais assimilada com a Nossa Senhora da Conceição dos Católicos.

YANSÃ ..... é considerada o Orixá feminino muito ligada a Xangô, porque essa divindade (dizem) domina as **tempestades**. Yansã recebe oferendas, quer nas águas doces, quer nas salgadas. No sincretismo é assimilada com a Santa Bárbara dos Católicos, e muito festejada no dia 4 de Dezembro, em todos os terreiros, quer de Umbanda, quer nos das Macumbas.

NANÃ-BURUQUÊ . é um Orixá feminino, não muito festejado nos terreiros de Umbanda, se bem que aceito. No sincretismo é assimilada com Nossa Senhora de Santana dos Católicos, e louvada no dia 26 de Julho.

IBÊJIS ..... são considerados como Orixás menores, porque são representados pela falange de "crianças", que dizem mais como "falanges dos Cosme-Damião", porque, no sincretismo, são assimilados com êsses **santos meninos** da Igreja Católica. São altamente festejados, quase que por igual com Yemanjá, em todos os terreiros de Umbanda e das Macumbas cariocas, no dia 27 de Setembro, com **comes e bebes**, e farta distribuição de doces e brinquedos. São aos milhares, as pessoas ou as famílias brasileiras que têm como praxe "pagar ou manter promessa" com as **crianças** e para isso todo ano distribuem doces nas portas (promessa por 7 anos ou mais até).

EXU ..... se bem que nos candomblés seja considerado como um Orixá-menor (ver o item F), nos terreiros de Umbanda e Quimbanda (Macumbas), perde êsse conceito, para ser invocado de forma e para serviços diferentes, assim: — Exu, sendo considerado como "empregado das entidades", é chamado para êsses tipos de trabalhos grosseiros, no âmbito da magia-negra, ou para **limpezas** pesadas, ou ainda para descargas violentas, além de ser um **consultador** intensamente pro-

curado, pois é êle que trata dos interêsses mais "terra-a-terra". Pois se é o "homem da encruzilhada", tanto pode ser **bom** como **mau**, depende do pedido e dos presentes que receber... Êsse é o conceito popular nos terreiros de Umbanda, e mais ainda nos de Macumbas. Muitos terreiros de Umbanda popular costumam ter um quarto bem grande inteiramente reservado ao culto de **Exu**, onde êle é representado por uma estátua (que varia de tamanho), feia, tipo diabólico, com tridente na mão etc. Em quase todos os Candomblés de Caboclo, nas Macumbas, êsse **tipo de cultuação é regra** (vide foto que exemplifica bem o que estamos dizendo). Todavia, na maior parte dêles, o **culto exterior, usual, é** feito na **tronqueira**, que consta de uma pequena **casinhola**, onde tem cachaça, velas e punhais, a título de fixações mágicas...

Eis aí, de maneira singela, como os terreiros de Umbanda cultuam os Orixás que concebem e conservaram, notando-se, mais uma vez, que todos êles são invariàvelmente representados por CABOCLOS E CABOCLAS, porque, quanto aos PRÊTOS-VELHOS (os tios, as tias, os vovôs e as vovós), não consideram que representem Orixás. Dizem e tratam como representando a CORRENTE AFRICANA, assim como do povo de Congo, de Angola, de Moçambique, de Benguela, dos Minas etc.", por isso denominam vulgarmente como "linha dos africanos", no sentido direto daqueles negros-velhos", do passado, que se sublimaram, muitos tendo sido até sacerdotes (babalaôs, babalôrixás, tatas etc.), e que não mais precisam de encarnar, de vez que ficaram "habitando" o campo astral do Brasil... Êsses **prêtos-velhos** são festejados e comemorados em todos os terreiros, quer de Umbanda, quer nos de Macumbas, no dia 13 de Maio, data que ficou consagrada como da Abolição do Cativeiro. Vê-se portanto, a evidente diferença entre UMBANDA, Macumba e Candomblé do Brasil.

Qualquer terreiro popular mantém uma hierarquia bem simples, que consta do **Chefe de Terreiro** que é o mé-

dium dirigente; de pai e mãe pequena, que valem como as **segundas pessoas** depois do chefe; de um **Ogan** na pessoa que **puxa** os pontos-cantados; e de mais dois ou três **Ogans de atabaque**, pessoas que se dedicam sòmente a bater os tambores; e os **cambonos**, que são pessoas escolhidas para **auxiliares**, geralmente nas funções de cuidar dos médiuns quando manifestados. Nos terreiros mais evoluídos, ainda é mais simples. Vem por ordem: chefe-de-terreiro, cambonos-fiscais, ogans, e cambonos-auxiliares.

A maior parte dêsses terreiros tem um Serviço de Assistência Social qualquer, e muitos e muitos dêles mantêm grandes Serviços Assistenciais, como médicos, dentistas, alfabetização, corte e costura, distribuição de remédios (mediante receita), assim como gêneros alimentícios, roupas, bem como, vários dentre êles, ainda mantêm orfanatos, asilos e maternidades. Todos êsses fatôres servem para caracterizar terreiros de Umbanda, ou seja, uma certa linha de evolução definida ou uma compreensão voltada para a caridade, moral, espiritual, material e assistencial de especialização, que **não existe** e **jamais existiu** nos candomblés tradicionais, quer nos antigos, quer nos modernos.

Conceito hierárquico sôbre a Deidade, os Orixás e os outros tipos de Espíritos, nos Terreiros de Umbanda popular.

No 1º Plano vem Zamby ou Deus: — tido como a mesma Divindade Suprema dos outros e Criador de tôdas as coisas...

No 2º Plano vêm os 9 Orixás que cultuam: — Têm-nos como Potências Celestes, que **não baixam**, mas que comandam **Linhas**, que é o mesmo que dizer Legiões, Falanges, onde os Caboclos estão situados, representando suas Fôrças, seus Podêres etc. Acham mais que os Orixás podem ser os **anjos de guarda** dos médiuns e de uma pessoa qualquer, dentro de uma certa **lei de afinidade especial.**

No 3º Plano vêm os Caboclos: — que consideram como os ancestrais da corrente indígena. Têm-nos em alta conta e consideração, pois são os representantes vibratórios dos Orixás, de conhecimentos profundos, pois êles têm **ordens e direitos de trabalho**, mágicos, mediúnicos e terapêuticos, e assim sendo podem ser **chefes-de-cabeça** de um médium, isso no sentido de ser o seu **desenvolvedor responsável** mediúnico, como Guia ou Protetor de muita luz.

No 4º Plano vêm os Prêtos-Velhos: — no conceito geral êles são da corrente africana ancestral (primitivos escravos, que muito sofreram, e se purificaram nas experimentações terrenas, por isso se iluminaram, e assim sendo, são plenos de conhecimentos, como rezadores, curadores, e sobretudo como conhecedores da magia branca e negra, por isso, dizem, todo "prêto-velho" é **mandingueiro,** o mesmo que feiticeiro, no bom sentido, além de terem sido, muítos e muitos dêles, antigos sacerdotes, babalaôs de verdade etc.), e que não representam diretamente os Orixás, mas podem estar **ligados a suas fôrças,** por isso, dizem, podem **chefiar cabeça de médium.**

No 5º Plano vêm as Crianças: — que concebem como espíritos infantis, mas de luz, que formam na Corrente Astral de Umbanda. Explicar o que é um espírito de criança do astral é impossível, pois é "mironga" (mistério insondável). São espíritos auxiliares dos caboclos e dos prêtos-velhos, e não podem chefiar cabeça de médium. Ligam estreitamente êsses espíritos aos Cosme e Damião, aos Crispin e Crispiniano, que são santos da Igreja Católica. Cultuam também mais um que dizem ser **Doum,** de origem também inexplicada (porém êsse não é sincretizado) mas também representa uma grande Falange.

No 6º Plano vêm os Exus: — que consideram como entidades **quimbandeiras,** isto é, que formam na chamada **Quimbanda ou magia-negra,** que são, a grosso modo, os grupamentos apontados como **Macumbas,** sendo os intermediários da Umbanda para elas. Consideram que há **Exus batizados** ou **de lei,** por isso são **chefes de falanges** e os capatazes diretos dos Guias e Protetores, Caboclos e Prêtos-Velhos da Umbanda; porém muitos e muitos não o são: — comandam as **almas penadas** da órbita dos cemitérios e por isso êles dizem com muito temor de **seu exu caveira, seu exu cruzeiro, seu exu porteira,** além de outros tipos, que êles chamam de exu pagão, mais atrasados do que êsses. Fazem **despachos** para êles dentro das necessidades do metier mágico e cabalístico de suas sessões, porque, afirmam, quem faz e desmancha **demanda é exu — dono das encruzilhadas.**

No 7º Plano vêm os Quiumbas: — que também chamam de **rabos de encruza,** e são considerados espíritos obsesso-

res, mistificadores dos caboclos, dos prêtos-velhos, crianças e dos exus, também, e que costumam entrar nos terreiros fracos e fazer "misérias", pois o médium está sujeito a cair nas garras dêles e se desgraçar.

E qual o sistema de iniciação que aplicam sôbre os médiuns? Muito simples:

a) primeiro a pessoa tem que ser médium ou considerado como tal.

b) a seguir tem que freqüentar assìduamente as sessões ordinárias e as de desenvolvimento mediúnico (onde, nos terreiros mais evoluídos, existem aulas especiais, doutrina e ensinamentos diversos, porém, numa sistemática completamente diferente dos Candomblés), porque nos terreiros de Umbanda popular **visam sobretudo** incrementar os dons mediúnicos, principalmente o de incorporação (o transe mediúnico).

c) durante essa fase êle recebe o **batismo de lei** (que é uma consagração, envolvendo fatôres morais, mágicos e mediúnicos), geralmente procedido em frente do "Gongá", que é o altar, com várias estátuas de santos, todos geralmente ornamentados a capricho e iluminados com velas. Nesse período de desenvolvimento o médium umbandista é submetido a banhos de descargas e purificações diversas que chamam também de "amacys"; recebe guias ou colares apropriados (de miçangas de louça e vidro, de favas diversas, de contas de aço, ou de metais diversos) para as firmezas mágicas e mediúnicas, além de uma série de **fixações** mediúnicas (que chamam de **lavagem de cabeça**), nas cachoeiras, nas matas, no mar, que envolve flôres, perfumes, bebidas, velas, sinais-riscados e oferendas várias, tudo tendo como **base** uma **toalha** que chamam de **toalha de anjo-de-guarda**, a qual é conservada zelosamente, e em estreita ligação com os seus espíritos protetores, e daí para o seu Orixá afim.

Obs. especial: — todavia, êsse **processo de iniciação** costuma ficar subordinado à vontade do médium ou de seu Guia ou Protetor, até no **ponto** em que êle seja considerado como **médium pronto**, porque nessa altura, e de um modo geral,

os médiuns dos terreiros de Umbanda ficam muito vivos, sabidos e penetrantes. Mudam de terreiro com grande facilidade, é só desconfiar do chefe, ou achar que não vai bem.

Ainda devemos notar que em todos os **terreiros** de Umbanda usam uma espécie de **simbolismo cabalístico,** que **riscam** por meio de PEMBAS, que são pedaços de giz arredondados, aos quais chamam de **pontos-riscados**. Êsses pontos-riscados, meio simbólicos, são os brasões de cada Orixá, e em particular podem ser também de qualquer entidade, Guia ou Protetor de um médium. É um movimento mágico que tende a penetrar no cabalismo profundo da **Umbanda** esotérica, da qual vamos tratar agora, se bem que em linhas gerais... porque, falar de Umbanda popular sem registrar êsse outro aspecto, seria faltar com a autenticidade dêsse **registro**...

Componentes de um Candomblé se preparam para louvar Yemanjá, no dia 31-12-1969, na Praia de Copacabana, vendo-se o Tata e escritor do gênero "Candomblé", seu José Ribeiro, todo de branco.

A VIVÊNCIA NA UMBANDA ESOTÉRICA OU CABALÍSTICA

São inumeráveis, também, os TERREIROS onde os seus médiuns ou iniciandos são orientados e doutrinados no sentido de alcançarem e firmarem uma ampla compreensão dêsse ângulo da Umbanda esotérica e cabalística, isto é, iniciática.

Para isso há aulas, palestras, estudos e comentários diversos, a cargo de médiuns-chefes ou de pessoas capacitadas e escolhidas, que funcionam, assim, como instrutores do corpo mediúnico da Tenda, Cabana ou Centro.

No Candomblé de Yançã Egum Nitá, de José Ribeiro, uma Yaô, junto mesmo, personificando Yançã, no Trono.

Não há que negar: nota-se um esfôrço doutrinário e educacional esotérico, nesse objetivo; pode se constatar nos jornais, revistas, e na vasta literatura umbandista. E a outra prova está em que existe, realmente, mesmo nos terreiros populares, **o uso dos sinais riscados**, que chamam **de lei de pemba** (toma o nome de pemba porque é um giz grosso, redondo, que pode ser adquirido em côres diversas e que, para funcionar como instrumento mágico, sofre preparos especiais) e sôbre os quais todos sabem que fazem parte de um **cabalismo** profundo, estreitamente ligado ao movimento da MAGIA BRANCA E DA NEGRA, portanto, ocultos, **internos...** e tanto é assim, que todos se esforçam por entendê-los, decifrá-los e aplicá-los para fins diversos.

Assim expondo, queremos registrar a existência de uma **vanguarda** mais intelectualizada, nesse metier dos terreiros, e que indiscutìvelmente há uma seleção de valôres no meio umbandista verdadeiro, que vem através daqueles que se esforçam na educação interna e externa da massa dos crentes de suas sessões.

Antigamente, nesses terreiros, ninguém sabia e todos confundiam Umbanda com Macumbas e essas com Candomblés. Ùltimamente não persiste mais essa confusão nos iniciandos ou médiuns umbandistas e mesmo nos crentes mais ligados aos terreiros... pode haver, como há ainda, entre os leigos ou profanos.

Como **vanguarda** pode-se entender realmente, o seguinte: a Umbanda foi crescendo, agigantou-se demais e desordenadamente e, como não poderia deixar de acontecer, **atraiu**, ano após ano, pessoas de todos os níveis sociais ou categorias diversas e das mais altas, e assim sendo, de **maior ou de elevada cultura** (bancários, comerciantes, contadores, professôres, advogados, médicos, engenheiros, militares de patente médias e altas e mesmo pessoas de estudos e especializações várias) as quais foram entrando e ficando por essas milhares de Tendas de Umbanda.

Evidente que teria de acontecer o que **aconteceu**: foram observando, aquilatando, comparando, estudando e chegando à conclusão de que a maioria dos crentes e mesmo dos médiuns e dos chefes-de-terreiro, no que entendiam e praticavam, estava dentro de um ritualismo rude e bastante disperso, não alcançando e não promovendo condições afins ao

exercício pleno daquela magnífica movimentação de fôrças mediúnicas e mágicas, terapêuticas e magnéticas.

Daí — conforme dissemos — foram estudando e buscando na literatura existente tudo que pudessem aprender de mais autêntico, sôbre o lado interno e verdadeiro da Umbanda do Brasil. Verificaram logo que os terreiros populares praticavam mais uma sub-filosofia e uma sub-religião, o que foi a norma em todos os tempos.

Necessàriamente foram influindo, assumindo cargos direcionais e doutrinários, além de incentivarem a criação de Setores Assistenciais, apontando uma finalidade mais concreta à caridade e à evolução das criaturas umbandistas. E não estamos com isso querendo levantar uma doutrina própria, e nem "puxando brasa" para a nossa sardinha, pois é só constatar-se nas grandes e médias casas umbandistas, a existência incontestável dêsses fatôres e dêsses valôres, fàcilmente, por aqui mesmo na Guanabara (citamos algumas, no início dêsse livro, com enderêço e tudo; quem duvidar, vá lá e veja).

Na decorrência dêsses assuntos, o leitor já deve ter entendido que **tudo** quanto é terreiro está generalizado como de Umbanda; portanto, qual a origem ou razão de ser dêste têrmo, que vem servindo de estandarte místico e religioso a êsse possante movimento popular dos crentes dos cultos afro-brasileiros?

Até hoje os africanistas e os umbandistas **brigam** pelo exclusivismo da palavra Umbanda.

O pessoal dos candomblés africanistas dizem que umbanda é religião africana e os umbandistas dizem, por sua vez, que umbanda é têrmo que surgiu nos terreiros do Brasil, e que, assim sendo, **nasceu**, pràticamente, aqui, ao traduzir uma sistemática ritualística e doutrinária, inexistente na África antiga e na moderna.

Alguns pesquisadores apontam a origem do têrmo umbanda no idioma "quibundo", significando **curar**... e é só.

Em realidade, segundo intensas pesquisas nossas, quer através de conhecimentos competentes que temos em terras

de África, nada consta, ou nada existiu, naquelas regiões como religião, seita ou culto, ritos, etc., com o nome de Umbanda.

Verdadeiramente, a palavra Umbanda surgiu no Brasil mesmo, nos primeiros terreiros de Vivência popular, que inicialmente eram tidos como **candomblés de caboclo**. A prova disto está em que etnólogos estudiosos do folclore afro-brasileiro, os senhores doutores e professôres Arthur Ramos e Edison Carneiro, durante anos e anos de pesquisas, jamais ouviram nenhuma referência à palavra Umbanda nos terreiros visitados. Sòmente, um 1936 (já, conforme diz o Sr. Edison Carneiro, à pág. 96 de seu livro "Religiões Negras") é que conseguiu ouvi-la nesse cântico: "Ké ke mim ké umbanda/ Todo mundo mim ké/Umbanda"; e tanto assim foi que disse: "Num Candomblé de Caboclo, consegui registrar as expressões umbanda e embanda, sacerdote, do radical umbanda"...

O leitor encontrará, caso esteja interessado, em nossas obras: "**Umbanda de Todos Nós**" e "**Doutrina Secreta da Umbanda**", um estudo fundamentado sôbre a origem dessa palavra, calcado na grafia dos sinais-riscados, de nosso profundo cabalismo, os quais vão se corresponder com certos sinais geométricos e básicos do primitivo alfabeto adâmico ou ariano. e daí até a "Escrita pré-histórica do Brasil", que é a origem.

Mas qual a compreensão **interna** dos umbandistas evoluídos e principalmente dos que já têm uma base iniciática, que são, justamente, os que constituem essa citada vanguarda, sôbre êsse movimento de Umbanda pròpriamente dito?...

a) alcançaram e portanto sabem, que êsse movimento da Umbanda do Brasil, foi um imperativo das Fôrças ou das Diretrizes Ocultas do Astral Superior.

b) porque: a massa dos crentes dos chamados ùltimamente como cultos afro-brasileiros, vinha se arrastando, aos trancos e barrancos, atrelada cegamente ao fetichismo rude e às práticas daquele primitivismo milenar, conservadas ainda nos rituais de nação africana (já ditos como transformados nos atuais candomblés), sofrendo, a par com isso, a influência perniciosa das Macumbas ou dos grupamentos degenerados, onde domina a **magia-negra**,

tudo isso com a intensificação do mediunismo difuso que, dentro dessas normas, ia e vai se disturbando cada vez mais,

c) e que, além disso, essa massa crente estava e está crescendo assustadoramente, e assim, multiplicou-se os terreiros, organizados sem a ajuda de uma base religiosa e instrutiva competente, causando mais confusão e dando margem a interpenetração dos exploradores, mistificadores e de um certo "vigarismo organizado" que, nessas alturas, já não se pode mais frenar, ou mesmo controlar, quanto mais extirpá-los do meio umbandista,

d) e que, por causa disso tudo, foram escolhidos, pelo astral superior, os espíritos de caboclos e prêtos-velhos, para se destacarem numa **corrente** diferente das dêsses citados grupamentos (e daqueles candomblés de caboclo), que se seleciona dentro de um nôvo movimento mediúnico, mágico, cabalístico, a fim de promoverem a evolução dêsses cultos afro-brasileiros, (conforme aconteceu e está acontecendo, de vez que, adaptações, modificações, seleções e conceitos surgiram, dando uma nova direção aos entendimentos, de um modo geral e especial).

Assim, entremos na concepção esotérica dos iniciados umbandistas, sôbre Orixás e outros pontos fundamentais.

De princípio a genuína Corrente Astral de Umbanda selecionou sòmente 5 dentre os Orixás cultuados (do nagô) e fêz adaptações, revelando mais 2, para se entrosarem no conceito setenário de quase tôdas as Escolas Iniciáticas do Mundo.

E êsses 7 ORIXÁS foram denominados de Vibrações Originais, no sentido direto de cada um ser uma Potência Espiritual Cósmica, Senhores de **elementos da natureza,** conhecedores e manipuladores da matemática quantitativa e qualitativa que regula as leis cósmicas. São, por isso, considerados acima dos chamados como Anjos, Archanjos e Querubins.

E que cada Orixá tem uma série de atributos especiais, formando assim uma **faixa afim**, debaixo da qual estão situadas milhares de criaturas, em obediência a essa mesma **lei de afinidades**, dons, tendências e gostos, podendo ser, por-

tanto, em relação com essa norma, chamado de "Entidade de Guarda" de uma pessoa: diz-se em conseqüência disso, que uma pessoa-médium ou outra qualquer como sendo da **linha de tal ou qual Orixá**.

Eis os 7 Orixás ou Vibrações Originais, dentro do conceito esotérico da Umbanda Iniciática, pelos ângulos filosófico, metafísico e cabalístico:

Linha ou Vibração Original de OXALÁ (ou de Orixalá), que significa o Orixá-Maior ou Aquêle que está acima dos outros orixás, sem ser o Zamby (Deus) da Corrente Africana, e nem o Tupã (Deus) da Corrente Indígena ou Ameríndia.

É o mesmo que o Cristo Cósmico ou Planetário. No cabalismo ou pela alta magia dos **sinais-riscados**, a grafia do seu Nome Sagrado vem representando o Princípio que atua e regula o Eterno Masculino de tôdas as coisas.

Oxalá ou Orixalá	Pelo Arcano Maior traduz: A Luz do Fogo Divino A Luz do Senhor Deus O Reflexo da Luz do Senhor O Clarão da Luz Divina A Luz Oculta do Senhor Deus

Considera-se mais que a representação principal dessa faixa-afim de OXALÁ, dentro da Corrente Astral de Umbanda, em relação com a **vivência direta** mediúnica, mágica, terapêutica e cabalística, nos Terreiros, foi outorgada às Entidades luminares que se apresentaram com os seguintes nomes e em número de 7: caboclo Urubatão da Guia, caboclo Ubirajara, caboclo Ubiratan, caboclo Aimoré, caboclo Guaracy, caboclo Guarany, caboclo Tupi, que são Chefes de Legiões.

Linha ou Vibração Original de YEMANJÁ, que significa a "Divina Mãe do Universo"; é, por comparação, a mesma mãe Sofia dos teosofistas. É a mãe do princípio úmido das águas, que atua em a natureza das coisas, isto é, a divindade da fecundação, da gestação ou do Eterno Feminino. No cabalismo ou pela alta magia dos **sinais-riscados**, a grafia do seu Nome Sagrado vem representando êsse princípio: Ei-lo:

Yemanjá — Pelo Arcano Maior traduz:

Princípio Duplo Gerante
A Energia Geradora ou
Os Elementos Geradores
O Princípio das Águas
A Matriz da Potência
Criadora da Maternidade.

A representação principal dessa faixa-afim de YEMANJÁ, dentro da Corrente Astral de Umbanda, em relação com a vivência direta mediúnica, mágica, terapêutica e cabalística, nos Terreiros, considera-se que foi outorgada a essas 7 Entidades luminares, que se apresentaram com os seguintes nomes: cabocla Yara ou "mãe d'água", cabocla Indayá, cabocla Nanã Burucun, cabocla Estrêla do Mar, cabocla Oxum, cabocla Inhassã, cabocla Sereia do Mar, que são Chefes de Legiões.

Linha ou Vibração de YORI, que significa "a vitalidade saindo da luz ou da energia", no sentido da reprodução fisiológica dos sêres, isto é, a Potência Espiritual que comanda o movimento das reencarnações. Debaixo da faixa-afim dêsse Orixá estão situados todos os espíritos que conservam o corpo astral de crianças, e cuja razão de ser assim é um dos **mistérios** do **arcano maior**. Nota pessoal: todavia podemos adiantar, pela doutrina profunda do Arcano, o seguinte: concebemos que o planêta Terra é jovem, vigoroso, em plena fase de energia. A maioria dos planêtas de nosso sistema estão, já há milhares de anos, em franca **decadência**, isto é, não estão fornecendo mais condições para uma vivência orgânica nos moldes a permitir uma **continuidade** para as reencarnações de seus sères Espirituais, seja lá em qual **tipo de forma** orgânica... Assim, de alguns dêsses planêtas, têm vindo sêres espirituais para estagiarem no planêta Terra, a fim de se adaptarem à sua vivência cósmica, orgânica, evolutiva etc. Dentre êsses estão os que trouxeram de seu planêta de origem caracteres psíquicos ou anímicos especiais ou próprios, os quais são semelhantes aos dos espíritos na fase de **crianças** do planêta Terra. Inúmeros seriam os que encarnam e desencarnam, conservando no astral essa mesma gama anímica infantil.

No cabalismo ou pela alta magia dos **sinais-riscados,** a grafia do seu Nome Sagrado vem representando êsse Princípio. Ei-lo:

	Pelo Arcano Maior traduz:
Yori	A Potência Divina Manifestando-se Deus em Ato por seu Verbo O Santo Sacrifício A Ação do Verbo na Luz ou no Esplendor

A representação principal dessa faixa afim de YORI, dentro da Corrente Astral de Umbanda, é feita por intermédio dos Espíritos de Crianças, os quais entram em relação direta com a vivência mediúnica, mágica, terapêutica e cabalística dos Terreiros, através dessas 7 Entidades luminares outorgadas e que deram ou foram identificados com os seguintes nomes: Tupãnzinho, Ori, Yariri, Doum, Yari, Damião e Cosme, que são Chefes de Legiões.

Linha ou Vibração Original de XANGÔ, que significa "O Senhor da Lei ou da Balança Cármica", isto é, Aquêle que **pesa** os méritos e os deméritos das criaturas a fim de aplicar a Justiça; por isso se diz como "o Dirigente das Almas". No cabalismo ou pela alta magia dos **sinais-riscados,** a grafia do seu Nome Sagrado vem representada assim:

	Pelo Arcano Maior traduz:
Xangô	Movimento de Vibração da Energia O Raio Oculto ou a Alma do Fogo Celeste O Dirigente da Lei Oculta.

A representação principal dessa faixa-afim de XANGÔ, dentro da Corrente Astral de Umbanda, em relação direta com a vivência mediúnica, mágica, terapêutica e cabalística dos Terreiros, consideram que foi outorgada a essas 7 Entidades luminares que se apresentaram com êsses nomes: Xangô Kaô, Xangô Sete Montanhas, Xangô Sete Pedreiras, Xan-

gô da Pedra Prêta, Xangô da Pedra Branca, Xangô Sete Cachoeiras e Xangô agodô, todos com as características de **caboclos**, que são Chefes de Legiões.

Linha ou Vibração Original de OGUM, que significa "O Fogo da Salvação ou da Glória", isto é, Ogum é o Mediador, o Controlador dos Choques Cármicos; diz-se portanto como o Orixá das Demandas, das Lutas e das Aflições diversas. É, por extensão, a Divindade que, no sentido místico, protege os guerreiros ou os militares. No cabalismo ou pela alta magia dos **sinais-riscados**, o seu Nome Sagrado vem representado com essa grafia:

Ogum — Pelo Arcano Maior traduz:

O Fôgo Sagrado ou da Glória Mística
O Ardor Misterioso da Luta
A Inovação da Fé
A Glória Sagrada da Luta Mística

Dentro da Corrente Astral de Umbanda, a representação principal de sua faixa afim, na vivência dos Terreiros, na mediunidade, na magia, na terapêutica e no cabalismo, vem com os **caboclos**, cujos 7 Chefes de Legiões consideram que são os identificados com êsses nomes: Ogum de Lei, Ogum Yara, Ogum Megê, Ogum Rompe-Mato, Ogum de Malê, Ogum Beira-Mar, Ogum Matinata.

Linha ou Vibração Original de OXOSSI, que significa "Ação Envolvente sôbre os Viventes da Terra", ou seja ainda: o Caçador de Almas ou Aquêle que atende na Doutrina e na Catequese. Diz-se portanto que o Orixá Oxossi comanda a Vibração que influencia no misticismo das almas e interfere nos males físicos e psíquicos das criaturas. No cabalismo ou pela alta magia dos **sinais-riscados**, a grafia do seu Nome vem representada assim:

Oxossi	Pelo Arcano Maior traduz: Ação ou Movimento Circular Sôbre as Almas em Sofrimento Envolvimento Místico sôbre os Viventes da Terra

Dentro da Corrente Astral de Umbanda, a representação principal de sua faixa afim, na vivência direta dos Terreiros, é feita por intermédio dos **caboclos**, na mediunidade, na terapêutica, na magia e no cabalismo. Tem-se como 7 os Chefes de Legiões, e que se identificaram com êsses nomes: caboclo Arranca-Tôco, caboclo Guiné, caboclo Arruda, caboclo Pena Branca, caboclo Cobra Coral, caboclo Araribóia e a dita como **cabocla** Jurema.

Linha ou Vibração Original de YORIMÁ, que significa "Potência ou Ordem Iluminada da Lei". Essa é a **linha ou a faixa afim** que congrega tôda **corrente dos prêtos-velhos africanos do astral.** Diz-se portanto, como sendo os mestres da magia branca e negra; são por excelência os consultadores dos terreiros. No cabalismo dos **sinais-riscados**, o seu Nome Sagrado vem representado com essa grafia:

Yorimá	Pelo Arcano Maior traduz: Potência ou Princípio da Lei em Movimento Ordem Iluminada da Lei Divina O Mestrado da Sabedoria e da Magia

A representação principal dessa faixa afim de YORIMÁ, dentro da Corrente Astral de Umbanda, em relação direta com a vivência mediúnica, médica, terapêutica e cabalística dos Terreiros, consideram que foi outorgada às 7 Entidades luminares que se identificaram com êsses nomes: Pai Guiné, Pai Tomé, Pai Arruda, Pai Congo de Aruanda, Pai Benedito, Pai Joaquim e Vovô Maria Conga.

Nesse final descritivo dos 7 Orixás cultuados na Umbanda Iniciática, cabe logo essa elucidação: **de verdade,** o transe

ou a manifestação espírita nos Terreiros, através de **pessoas-médiuns**, desde o **princípio**, ou seja, desde aquêle movimento de **fusões** que gerou **candomblés de caboclo** (já explicado), só **aconteceu** com os espíritos de **caboclos**, primeiramente; depois com os de "prêtos-velhos" e crianças (vindo posteriormente os de **exus**).

Portanto foram sòmente 3 as **formas** de apresentação espíritica ou físico-místicas que sistemàticamente se revelaram pelos fatôres mediúnicos de uns e de outros, nos terreiros; jamais houve alteração nessa norma até hoje.

Foi, não resta dúvida, um fenômeno curioso e surpreendente. Todavia a explicação vem do seguinte modo: foi um fenômeno **necessário**, de **adaptação**, devido ao secular arraigamento dos crentes aos Orixás africanos. Não podia ser **extirpado** de seus psiquismos essas condições místicas... "a natureza não dá saltos", quanto mais o entendimento popular, comum... Havia que dar tempo ao tempo.

O Orixá como **divindade** jamais **baixou** diretamente ou promoveu **transe** mediúnico em pessoas-médium, quer seja nos terreiros de Candomblés, Macumbas e Umbanda. Mas as evocações mentais, cantadas, dançadas e ritmadas com os tambores, sempre foram constantemente dirigidas para **êles**, na **crença cega** de que, assim **chamados**, êsses **deuses** eram **forçados** a **descer**, por dentro das condições humanas de suas sessões de candomblés; então, qual a providência sábia, se os fatôres místicos eram assim viventes e consumados?... A de sê fazerem **representar**...

E foi por causa disso tudo que os **caboclos vieram**, como representantes dessas Fôrças Espirituais; pois que, êsses espíritos — não sendo deuses — de fato baixaram e **baixam** (no sentido de transe mediúnico, é claro) e aquelas **divindades não!**

Qual a criatura que tem condições para ser um médium de **incorporação** de uma **divindade**, se não passa de um ser cheio de mazelas, imperfeições psíquicas e físicas, sendo o seu corpo um verdadeiro depósito de fezes e fermentações várias, vermes e até de pus e outros distúrbios próprios da vida na carne?...

Agora, que também vamos **registrar** o conceito interno sôbre a **Deidade** e outros temas filosóficos, convém demonstrarmos ao leitor que a Umbanda nada tem de comum e nem jamais absorveu coisa alguma do chamado Espiritismo de Kardec (que é uma digna e poderosa corrente, no Brasil); pelo contrário, quase tudo na Umbanda entra em contraposição com aquela corrente.

Quem acolheu a influência acentuada de certas normas do Espiritismo de Kardec (assim como introduzir, nas sessões, a doutrinação na chamada de obsessores, com certas preces etc), foram os grupamentos mistos e confusos, ávidos de impressionismo e muitos terreiros populares, cujos dirigentes, não sendo **médiuns** e muito menos iniciados da Umbanda pròpriamente dita e considerada, tendo se arvorado em chefes-de-terreiro, **procedem** nessas suas sessões como **sabem**, misturando Candomblé, espiritismo de Kardec e Umbanda, mesmo com boas intenções etc, e assim procedendo aumentaram mais ainda a confusão, que tanto embaralha os entendimentos.

Por causa dêsses fatôres, também existe uma luta titânica, quer no meio umbandista, quer no meio dos próprios Candomblés africanistas, visando uma Codificação, a fim de situarem diretrizes, conexões, ritualísticas e concepções próprias e realmente dentro das linhas mestras do tradicionalismo da Umbanda do Brasil.

Comparemos singelamente, algumas coisas que se faz na Umbanda e nas **sessões** cardecistas são **abominadas**, para que fique evidente o que anotamos:

a) na Umbanda usa-se fumo, bebidas, velas, pembas para riscar o cabalismo, ervas para defumadores e banhos, oferendas materiais diversas, assim como flôres, perfumes, frutas etc, tudo em relação com a natureza pura das matas, bosques, praias, rios, cachoeiras, pedreiras, jardins. **Na corrente cardecista nada disso é usado.**

b) os espíritos que são considerados protetores luminares, no espiritismo de Kardec, e cultuados nas suas sessões, são **dos desencarnados** que na vida terrena ocuparam posições diversas, e todos ainda **sujeitos às reencarnações;**

lá **não aceitam** os mesmos espíritos que militam nos terreiros de Umbanda e que se diferenciam daqueles, porque:

c) os espíritos que na Umbanda denominam de **caboclos, prêtos-velhos e crianças**, dentro das normas do entendimento geral, estão **pràticamente isentos da lei dos reajustes individuais pelas reencarnações**, por isso são considerados **como radicados no campo astral do Brasil**, como os ancestrais.

d) as sessões cardecistas primam por evocarem espíritos disturbados, aflitos, desesperados, sofredores etc., que são os chamados por lá de **obsessores**, os quais costumam **queimar** a vitalidade neuro-mediúnica dos seus médiuns em pouco tempo.

e) os médiuns umbandistas são orientados, mesmo nos terreiros populares, a se conservarem purificados, isto é, a se cuidarem através de banhos de ervas e de perfumes, e **excepcionalmente** dão passividade a um obssessor, e quando isso acontece, recebem logo a purificação imediata.

f) os médiuns cardecistas, em suas sessões, comparecem para os trabalhos com as roupas usuais, isto é, empoeiradas, suadas, impregnadas dos fluidos ambientais das ruas, do trabalho etc., além de não terem um **ritual** específico preparatório, o que não acontece com os médiuns umbandistas, que têm uniformes exclusivos para tais ocasiões e rituais de preparação e segurança.

g) e quanto a também nos terreiros de Umbanda ensinarem sôbre as reencarnações, as provações e os reajustes, que são as experimentações terrenas, e as práticas da mediunidade (que nas sessões cardecistas mantém os médiuns sempre sentados confortàvelmente em tôrno de uma mesa, e, nos terreiros, os médiuns são conservados sempre de pé, ou senão, quando incorporados, sentados em banquinhos e mesmo no chão), é infantil supor-se que absorveram êsses conhecimentos da doutrina de Kardec; que é um privilégio dela. São tão antigas como a própria humanidade e ensinadas em quase tôdas as Escolas Espiritualistas ou Iniciáticas do mundo, inclu-

sive pelos nossos milenares e ancestralíssimos **pajés** indígenas, e ainda identificadas em sua antiga tradição, no que chamavam de **tuyaba-é-cuaá** — a sabedoria dos velhos...

h) e nem tampouco a **doutrina interna** da Umbanda aceitou ou assimilou nada **importado** de outras religiões ou correntes esotéricas, haja vista que os próprios conceitos básicos, filosóficos ou metafísicos dela se chocam frontalmente com os de tôdas as religiões ou escolas do mundo... tanto é que os terreiros não acolhem a **Bíblia** dos hebreus, nem os chamados de Evangelhos, e nem a filosofia oriental, no Brasil representada pelos Teosofistas e Rosacruzes...

Voltemos então ao prometido registro do conceito interno sôbre a Deidade, que é o mesmo ZAMBY da corrente africana e o mesmo TUPAN da corrente indígena. Zamby para os iniciados umbandistas é o Deus Supremo que de fato comanda e dirige **tudo**; mas não é o Jeovah bíblico, racista, sectarista e vingativo, que **ordenou matanças, para preservar o seu povo eleito** (16). Assim sendo é tido como um **deus particular**, cheio de falhas e imperfeições. E nem é tampouco o **deus** dos cardecistas, considerado como o **criador de tudo**, no sentido de **totalidade absoluta**, e assim sendo, também criou o **bem e o mal**, no ato de "fabricar" os espíritos, como uma máquina (17) saindo Dêle próprio, de vez que teria **inoculado**, na consciência ou na ideação dêles, o **germe** do negativo e do positivo, criando **imperfeições morais**, para que atingissem a perfeição por conta própria e voltassem a Êle. Não aceitam ainda o deus tradicional das **religiões dogmáticas** (18) que criou os espíritos **simples e ignorantes**, de sua **própria essência**, saindo assim êsses **pedacinhos de imperfeição** que são as suas criaturas, além de, dentre elas, surgirem verdadeiras aberrações consciencionais que desde

---

(16) Ver a Bíblia ou o chamado de Velho Testamento; são inúmeras as citações que provam isso.

(17) Ver na 2ª edição do Livro dos Espíritos, do francês Allan Kardec (obra considerada como a *bíblia dos espíritas do Brasil*), êsses conceitos básicos, até hoje assim doutrinados, pela Escola Cardecista, nos itens 77, 78, 79, 80, 81 e 82.

(18) Ver o que os teólogos da Igreja Católica Apostólica Romana doutrinam nos seus livros religiosos ou em sua literatura doutrinária, a respeito.

as cavernas aos arranha-céus continuam se devorando, em guerras, ódios, egoísmos e ambições desenfreadas... Nesse paralelo também não aceitaram o Brahma dos orientais (19), porque é igual aos outros.

E assim sendo o pensamento iniciático da Corrente Astral de Umbanda do Brasil, que dessa forma concebe e doutrina em seus **círculos internos,** é claro que os livros religiosos, filosóficos ou esotéricos das outras correntes não têm aceitação nela.

Ao registrarmos essa contraposição conceitual sôbre a Deidade, conseqüentemente teremos que situar alguns dos **pontos altos** que representam a dita Doutrina Interna da elite umbandista, de vez que, Lei de Causa e Efeito (Carma), sofrimentos, provações, origem dos espíritos, conceito de sexo etc., são forçosamente diferentes das concepções dogmáticas secularizadas que norteiam os outros setores religiosos, espiritualistas e espiríticos...

De princípio anotamos ser **ponto fechado** existir em sua Doutrina Interna **dois conceitos** sôbre a Evolução do Espírito. Ao **primeiro** sistema de Evolução dizem ser quando o espírito está **puro** ainda no seu "habitat" de origem, que chamam de Cosmos-Espiritual: — a) como puro admitem ser aquêle **estado** em que sua natureza consciencional ou sua **ideação** (o consciencional ou a ideação do espírito enfeixa tudo que se concebe como os atributos dêle, assim como, inteligência, vontade, afinidades etc.), não está **ligada a coisa alguma** no sentido do que se possa entender como eletrons, protons, neutrons, átomos e por extensão a matéria ou a carne, isto é, a nenhuma forma de organismo; b) como o Cosmos-Espiritual admitem ser **ilimitadas imensidões** do Espaço-cósmico, onde nem a mais ínfima partícula da energia ou dos fluidos cósmicos (os ions) não interpenetra, e assim dizem ser o **vazio-neutro** do dito espaço; por isso que, lá, o espírito não tem **coisa alguma** a que se **ligar** ou para imantar em tôrno de si. E assim sendo, êsse chamado de Cosmos-Espiritual é a sua 1ª Linha de Evolução, onde êle, o espírito, — segue dentro das diretrizes de um Carma Causal, isto é, Original.

---

(19) Ver nessa vasta literatura do tipo oriental, relativa a *ioga,* bem como nos livros doutrinários dos Rosacruzes e dos Teosofistas, que são baseados nela.

Quanto ao **segundo** conceito evolutivo, apontam como **êsse** atual estado, dentro do qual o espírito se vê **ligado** a eletrons, proton, neutrons, átomos, energia e por extensão ou injunção à matéria carnal, fatôres êsses próprios do Universo Astral: — a) como **ligado** dizem estar, porque **desceu** do Cosmos-Espiritual (usando sua vontade, seu livre-arbítrio etc., e interpenetrou o dito Universo Astral, deixando por isso o seu original estado de pureza, de vez que **misturou-se** com os ions ou com os fluidos próprios da natureza cósmica; b) como Universo Astral, apontam **outras ilimitadas imensidões** do espaço-cósmico, onde estão formados os mundos físicos, isto é, onde existem galáxias, vias-lácteas, sistemas planetários, e corpos celestes, (Sirius, Sol, Vênus, Júpiter, Marte, Terra etc.). A êsse 2º aspecto de sua Evolução, ligado à natureza material, dizem que o Espírito segue **disciplinado** por uma sub-lei denominada de **Carma-Constituído**, que vem a ser a mesma **lei de conseqüência** das outras escolas.

Então vejamos exatamente essa dita conceituação que vem a ser uma espécie de **doutrina secreta** dos círculos internos da Umbanda, essa que evidentemente não pode ser ensinada em todos os terreiros de Umbanda popular, porque a massa é cega, ignorante ou semi-ignorante, jamais poderia entender ou assimilar tais concepções, pois o índice de cultura do Brasileiro ainda é bem baixo, o mesmo que dizer, o índice de analfabetismo é bem alto (oficialmente dão como de 40%, mais ou menos, porém, a realidade aponta para perto de 68%, pois o simples fato de uma pessoa **assinar o nome** não quer dizer que esteja alfabetizado).

Todavia isso não implica que, por causa dêsses fatôres, certos doutores, médicos, psiquiatras, psicólogos, parapsicólogos ou titulados nisso ou naquilo, se arvorem em analistas ou juízes do meio umbandista (visto serem leigos, desconhecendo o seu metier interno), para expenderem conceitos e condenações enfatuadas, que irritam aos umbandistas, mormente quando falam que a **Umbanda é anímica**...

Claro, — dizem os mentores umbandistas, — num movimento religioso, místico e espirítico, intensamente popular, que abarca milhões de crentes, com milhares dêles praticando a mediunidade, seria impossível e até antinatural, não haver o animismo; porém sabemos, — refutam êles, — que **mesmo** por **dentro** de tanto animismo, é grande o volume

real das manifestações mediúnicas positivas, e que de fato promovem curas, ajudas diversas a todo êsse mundo de aflições e solicitações que as massas populares trazem para dentro dos terreiros... e que, — frizam, — em outros setores religiosos ou espiríticos **não** têm seqüência, ou melhor, não têm atendimento, por falta dos meios mágicos, cabalísticos, terapêuticos e vibratórios que, mesmo com altos níveis de animismo, qualquer terreiro popular costuma promover.

Voltemos então ao registro das concepções básicas da elite umbandista.

Do que registramos a respeito de Zamby, o Deus-Pai.

Crêem, inabalàvelmente, na Eterna Existência do Deus-Pai, como O Supremo Espírito de Absoluta Perfeição...

Crêem e ensinam que Êle é de fato e de direito O INCRIADO ABSOLUTO, porque é Único e Indivisível: jamais recebeu nenhum sôpro, vibração ou irradiação de nenhuma outra realidade, por acréscimo sôbre Si Mesmo...

Crêem Nêle como o Único Ser de Suprema Consciência Operante, porque domina e dirige TUDO: a eternidade-tempo, o espaço cósmico, a substância-etérica (a energia, a matéria etc.) aos espíritos encarnados e desencarnados e mesmo em evolução em quaisquer sistema planetário do Universo-astral...

Crêem como o Único possuidor do ARCANO DIVINO; como O Único que pode saber a **Razão** real do "**ser ou não ser**" dos Princípios, Causas e Origens, do que o Arcano Maior **revela** como das Realidades Incriadas e dos Fatôres Criados.

Crêem-no como Deus-Criador no sentido diretô de TUDO que se relaciona ou no que produziu sôbre a Substância-etérica, no domínio da astralidade, isto é, na formação e desenvolvimento das Vias-lácteas, Galáxias, Sistemas Planetários, Sol, Estrêlas, Corpos Celestes, etc...

Crêem-no, realmente, como o Divino Arquiteto; como o "Divino Ferreiro" que malha na bigorna cósmica, com Sua Vontade.

Assim, crêem nos **fenômenos da criação**, como uma manifestação de Seu Poder Operante, plasmador na substância etérica, de Sua Ideação, **criando** nela o Arquétipo ou o modêlo original dos organismos astrais e das coisas físicas pròpriamente compreendidas.

Crêem-no, também, como o criador das Leis Morais, reguladoras da Evolução Espiritual — o chamado karma dos Hindus e Lei de Conseqüência por outros.

Portanto, em relação com o dito, crêem-no mesmo como o Criador da matemática quantitativa e qualitativa cósmica, ou seja, da lei que regula a dinâmica celeste...

Crêem assim Nêle, **sem falhas**, no processo dito como da "criação das coisas" subtendidas no que está acima definido...

E para fundamentar os conceitos dêsse Postulado dão, como exemplo de relação, o Gênese de Moisés, onde êle ensinou: — "E Deus criou o homem à sua imagem e semelhança"...

Passam, de leve, pelo sentido figurado, para ressaltar o interno, pois sendo o dito Moisés um iniciado, um mago, dizem, devia possuir as chaves de interpretação dos Arcanos ou da Kabala verdadeira.

Sendo o homem pròpriamente interpretado como um ser humano, composto fìsicamente de células, geradoras dos sólidos, líquidos, gasosos e etéricos, os primeiros consolidadores do corpo denso, e o último (o etérico) consubstanciadores de um **outro**, de matéria astral, denominado de corpo astral mesmo ou perispírito, é claro que essa **criação** se aplica aos organismos que foram gerados da substância-etérica, e que são usados pelo espírito para se manifestar no mundo das formas astrais e materiais, porém não são **êle em si**...

São, é claro, os veículos que usa, para viver, quer no mundo astral, quer na condição humana...

Assim, quando Moisés ensinou: "Criou Deus, pois, o homem à sua imagem, a imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou" (20) velou o sentido oculto e correto, que seria, como é, na chave de interpretação do Arcano: — E Deus-Pai plasmou a Sua Ideação, na substância natural, criando o Arquétipo, como forma etérica e a sua continuidade para o Protótipo das formas astrais densas"...

O **resto** foi trabalho subseqüente das Hierarquias (21) para o tipo humano. Em suma: criou à imagem e semelhan-

---

(20) Gêneses, 1.º Cap. Vers. 27.

(21) Por isso é que a Escola Oriental fala dos construtores Siderais.

ça do que ideou e não Dêle — Deus, pois sendo imaterial, insubstancial, não plasmou a "sua forma" para ser **copiada**...

Do que registramos a respeito da origem e "criação" dos Espíritos.

Crêem e ensinam que os Sêres Espirituais, encarnados e desencarnados, quer no planêta Terra ou mesmo de qualquer sistema planetário do Universo Astral e ainda como **habitantes** do Cosmos Espiritual, em suas condições de Espíritos puros (isentos de quaisquer veículos ou injunções da substância-etérica) são de uma natureza vibratória que não se desintegra, isto é, não é sujeita a nenhuma espécie de associação ou desassociação (exemplificando: assim como elemento que pode ser composto, decomposto, derivado, enfim, como algo que sai de outra), porque são distintos da própria setessência da matéria...

Crêem que os Espíritos são Incriados, porque a origem dessa dita natureza vibratória de **cada um** se perde no infinito do tempo. Só quem sabe a **razão** de sua real origem é Deus... Portanto coeternos com Deus-Pai...

Crêem e ensinam mais que os Espíritos têm como potência intrínseca êsses atributos essenciais que definimos como consciência, inteligência, volição, sentimentos etc.

Habitam também o espaço cósmico tal e qual a substância-etérica, porém as Naturezas de cada uma dessas **três Realidades** são extrínsecas entre si, como também essas três citadas realidades — espaço cósmico, substância e espíritos — são extrínsecas, na Natureza Divina...

Crêem ainda que todos os Sêres Espirituais se revelam e se expandem em Consciência, Inteligência etc., porque são da mesma natureza vibratória incriada...

Todavia, a **tônica-própria** de cada um o faz independente. Cada um **vibra**, por suas afinidades virginais, como quer e para onde quer: — é o dito como livre-arbítrio, ou o uso da vontade, que podia ser cancelado pelo Deus-Pai e não foi... E assim é que adquirem estados de consciência distintos, um dos outros...

E é por causa disso, dessa distinção consciencional — reveladora dos próprios aspectos morais de origem — que os espíritos não podem ter **saído**, originados, da própria Natureza Divina do Deus-Pai...

E foi por via dêsses fatôres que adquiriram a Sua Paternidade Moral, no **sentido** de educação espiritual, de evolução...

Como imagem singela exemplificam: nós — os espíritos, **vibramos** como pequeninos centros de consciência em evolução, e Êle-Deus **vibra** a Consciência Suprema, Integral, Perfeita, que nos dá, por acréscimo, tudo **aquilo** de que vamos necessitando, na escala evolutiva...

Em suma, somos **perfectíveis** — sujeitos ao aperfeiçoamento moral — sim, porém no sentido **restrito** de **evolução**, principalmente pela Via dependente do Universo-astral, essa que desconhecíamos, **ignorando** ter tamanhas injunções e tentações, porém, nunca jamais, por têrmos sido **criados imperfeitos moralmente, da própria Natureza do Deus-Pai**...

Como também crêem que o Deus-Pai, sendo Perfeito, Onisciente etc., não iria **criar, também**, de SI Próprio — de Sua Natureza Divina, a **substância-etérica,** para que **posteriormente** servisse de **tentação** e de via ou "campo" de duras expiações ou provações, como se da Suprema Bondade pudesse **germinar o princípio do bem e do mal,** ou uma **coisa** que iria, faltalmente, concorrer para derivar sentimentos ou atributos morais, em aspectos piores, terríveis, imprevisíveis...

E reafirmam: Eis porque as religiões dogmáticas e outros sistemas filosóficos concorrem para o positivismo ateu, quando pregam sêcamente que "os espíritos foram criados simples e ignorantes" por Deus, como se defeitos morais, próprios de **estados de consciência,** tivessem se originado da Consciência Suprema, Perfeita, do Pai de Eterna Bondade...

Do que registramos a respeito da Matéria etc.

Crêem e ensinam existir uma substância-etérica, invisível, impalpável, própria do Universo-astral, como básica, fundamental, fonte geradora das transformações e condensações incalculáveis.

Essa substância é preexistente; coeterna do espaço cósmico, porque existe dentro dêle.

Incriada, isto é, não foi **criada** por Deus-Pai, no sentido direto de tê-la **extraído, gerado, de Sua Própria Natureza Divina**...

Sua origem real é Arcano Divino — domínio da Sabedoria Absoluta do Deus-Pai... Só Êle conhece a **razão** das **coisas** finitas e dos fatôres infinitos...

Esta dita substância-etérica sempre existiu de "motu-próprio", em turbilhões indirecionais (isto é, seu estado potencial ainda não produzia o que a Física denomina de "campos de gravitação"), em convulsionamento, sempre a se transformar em **elementos de variação inconstante**: era o chamado **caos** das religiões...

E para se fazerem mais compreendidos, na mais singela das relações (porque, o caso, não é de definições de Física nuclear, por essa ou aquela Escola e, sim, estabelecer um conceito metafísico ou filosófico — ponto de doutrina): essa substância-etérica, em constante estado de convulsionamento, de explosão, não chegava às condições de gerar ou de se transformar nos ditos como "fluidos universais", êsses que produzem a luz, o calor, a eletricidade, o magnetismo etc...

E eis porque Moisés falou da "criação do mundo", no Gênese, assim: "no princípio era o caos", afirmando mais que Deus disse: "haja luz e houve luz" etc. (Gen. Cap. 1º Vers. 3).

Portanto, crêem e ensinam que foi o Poder Operante de Deus-Pai que dinamizou essa supracitada substância, **coordenando** sua lei natural, o seu "motu-proprio", a fim de que ela produzisse, como produziu os denominados de ions, num sistema molecular, que são os **fluidos universais,** consubstanciadores dos átomos, com seus elétrons, prótons etc., **positivos e negativos.** Daí é que entendemos a escala atômica, com seus átomos de qualidades diferenciadas, porque, se assim não tivesse sido **coordenada,** não ficaria nas condições apropriadas para receber e plasmar a dupla manifestação dos Sêres espirituais, ou seja, a sua dupla linha de afinidades virginais (ver origem do sexo).

Ainda podemos esclarecer mais (seguindo o dito conceito metafísico) que êsses "fluidos-cósmicos ou universais" são os mesmos que a Escola Oriental denomina de **tatwas** — "formadores dos mundos"...

E esclarecem mais, que a substância é também considerada por várias escolas como "a matéria cósmica indiferençada", antes de gerar as condições acima ressaltadas (vide o que definem a mais, no 2º aspecto do Postulado que trata do espaço cósmico).

Em suma: crêem que essa substância e, por extensão, a matéria, teria que receber, como recebeu, **vibrações de acréscimo** do Poder Inteligente, visto não ter as mesmas **faculdades** que são **inerentes** aos sêres espirituais (as nossas), como inteligência, vontade etc., que se englobam como **aquilo** que sentimos ser da Consciência...

Crêem ainda que êsse dinamismo Divino se impôs sôbre a substância, como condição regulativa — pela mercê do Pai a fim de proporcionar uma 2ª Via de Evolução mais apropriada, dado ao uso do livre-arbítrio, dos Espíritos, quando resolveram abandonar o Cosmos Espiritual (22) para **descer ou penetrar, no outro lado do espaço cósmico,** onde **habitava** e habita a substância-etérica.

Por isso — reafirmou — foi que o PAI **criou** o Universo-astral. (23)

Em conseqüência dêsse fatôres é que a Doutrina Secreta da Umbanda define dois aspectos Kármicos essenciais: o CAUSAL e o CONSTITUÍDO.

Do que registramos a respeito do Espaço-Cósmico.

Crêem e ensinam que o chamado de **Espaço Cósmico** é o **vazio-neutro** infinito, ilimitado, indefinido na realidade de sua natureza própria...

É o meio sutil, neutro, imponderável, que a substância-etérica interpenetra e, conseqüentemente, onde as partículas desconhecidas e as qualificadas como **ions**, elétrons, neutrons, etc., se **agitam** na forma dos átomos pròpriamente compreendidos...

A **razão de ser** dêsse espaço cósmico é a própria vacuidade, de natureza extrínseca da substância, dos Espíritos e do Deus-Pai. Portanto, é uma realidade, é uma natureza **Incriada**.

Sua dita **razão de assim** ser é Arcano Divino do SER SUPREMO...

Todavia, o Arcano Maior diz que: "É a Casa do Pai — Êle habita-a também e é O Único que pode "percorrê-la" em sua totalidade, infinita, ilimitada"... porque, "só o Pai é quem pode limitar o próprio infinito".

(22-23) "Na casa de meu Pai há muitas moradas" — está escrito no Evangelho. As moradas, é claro, são os planêtas etc.

Êsse Arcano levanta, em relação com essa **vacuidade**, um duplo sentido, ou seja, uma "divisão" em seu "meio" sutil — a) como o **vazio-neutro** mesmo, onde a substância-etérica não interpenetrou; onde não tem vida própria; onde não **habita**; onde inexiste quantidade, ou seja, onde nem a mais simples partícula atômica penetrou.

Êsse aspecto do espaço cósmico é o que a nossa Doutrina aponta como o COSMOS ESPIRITUAL (vide sua relação direta com o Karma-Causal).

b) O outro aspecto dessa "divisão" aponta-o como o meio sutil dêsse vazio-neutro, onde a substância interpenetrou, existe, habita...

Onde no princípio dos **fenômenos** da criação ela dominava em constante estado de explosão (seu "motu-próprio" se convulsionava sòmente até os 1º, 2º e 3º estados — era o **caos permanente**. Porque o 4º estado já foi **obra** do Poder Operante do Pai, por isso que o Arcano diz que a lei natural da substância ou matéria **foi coordenada**)...

Daí, dessa condição da substância-etérica, dêsse **4º estado** (dentro dêsse meio sutil onde dominava e habita) foi que o Pai criou o UNIVERSO ASTRAL (vide Karma-Constituído).

Do que registramos a respeito do Karma-Causal do Cosmos Espiritual.

Crêem e ensinam existir uma **Via de Ascensão Original**, isto é, a 1ª Via de Evolução dos ESPÍRITOS, dentro do Espaço Cósmico e que já definimos acima como o vazio-neutro ou Cosmos Espiritual, própria do Karma-Causal.

Nessa Via, a EVOLUÇÃO é infinita, isto é, o Arcano não revela que obedece a uma reversão, a um limite, a um ponto-final etc. Diz que saímos dela e temos que voltar a ela...

Como o Karma-Causal admitem ser a Lei básica, fundamental, estabelecida pelo Poder Supremo, de tôda Eternidade, a fim de **regular, educar**, os estados consciencionais dos Sêres Espirituais, em **relação direta** com o uso do chamado de Livre-arbítrio...

Como Livre-arbítrio, admitem ser a **percepção consciente**, própria do Espírito, de poder expandir suas afinidades virginais, ou as vibrações volitivas de sua natureza, sem **cerceamento, sem limitações**...

Lei Kármica estabelecida — frisam — para regular, educar, em relação direta com um sistema evolutivo, **completamente vedado**, pelo Arcano Maior, quanto ao seu funcionamento essencial.

Revela sòmente da existência dêsse Cosmos Espiritual dessa 1ª Via de Evolução, dentro de uma linha ou dêsse dito sistema evolutivo, **distinto**, dêsse que vamos definir como Karma-Constituído, isto é, sem **tudo isso** que já conhecemos como lições, experimentações, provações, reajustamentos etc. próprios do Universo-astral, com sua disciplina imposta, posteriormente, a fim de reajustar a trajetória dos espíritos nessa 2ª Via de Evolução, que **conscientemente** escolheram, quando se deu a queda ou descida para ela.

Dizem mais que naquele Cosmos Espiritual os Espíritos "habitavam e habitam" ainda, puros, completamente isentos de quaisquer veículos provenientes da citada substância...

Assim, para que se entenda o **porquê dessa queda** e ainda o **porquê** da criação do Universo-astral, vamos registrar o conceito a respeito da origem do sexo...

Do que registramos a respeito da origem do Sexo dos Espíritos.

Crêem e ensinam que a **Origem do Sexo** está na própria natureza-vibratória dos sêres espirituais — como as **afinidades virginais de cada um.**

São essas afinidades virginais que, **vibradas** pelo Espírito, foram **plasmando**, imprimindo, sôbre a substância, o **caráter** delas e, progressivamente, consolidando suas **tendências de origem**, numa dupla manifestação ou definição...

Essa dupla manifestação de tendências é **irreversível,** porque é da própria tônica eternal dominante de cada ser espiritual...

Quando os espíritos buscaram a natureza das **coisas** é porque queriam defini-las, objetivá-las, materializá-las... procuravam as condições para produzir êsses aspectos que vieram a ser identificados como o amor ou a tendência sexual de cada um — ou o SEXO.

Então, identificam positivamente que afinidades são atributos intrínsecos dos Espíritos, **nasceram nêles mesmos,** e daí que, ao se definirem, concretizarem, revelaram **aquilo** que é do macho e **aquilo** que é da fêmea...

Fácil portanto ao leitor entender porque a Tradição, a Kabala e as obras mais autorizadas do ocultismo oriental e ocidental ressaltam o **eterno masculino** e o **eterno feminino**, no sentido mesmo de fatôres irreversíveis...

Tanto assim é, que seria absurdo, ilógico, atribuir-se à natureza-matéria ter criado no próprio espírito essa tendência, sabendo-se que êle é de natureza distinta, extrinseca à dela, que não tem faculdades criadoras, provenientes da consciência, inteligência, sentimentos etc.; portanto, **recebeu tendências nela e não as originou**... Os sêres espirituais não saíram dela, não tiveram origem nela...

A Doutrina Secreta da Umbanda tem como ponto fechado essa questão: um Espírito foi, porque é e será eternamente da linha do Eterno Masculino; outro Espírito é porque foi e será eternamente da linha do Eterno Feminino.

São ingênuas ou duvidosas as doutrinas que pregam as reencarnações de um espírito, ora como homem, ora como mulher.

Há tão-sòmente os casos excepcionais de desvio moral, trauma sexual etc. Êsses casos nós os vemos, particularmente, no homossexualismo. Enfim, surgem como taras ou desvios de fundo moral-sexual, porém transitórios. Fatalmente todos se integrarão na linha ou vibração afim, certa.

Essa questão do sexo, estando assim definida, desde a origem de seus fatôres — digamos — psíquicos ou anímicos, cremos que o leitor já deve ter compreendido que **isso** que veio a ser o sexo **já existia**, em estado latente, na ideação virginal dos espíritos, como suas ditas afinidades e que êles **sairam** de lá, do Cosmos Espiritual, a fim de concretizá-las, noutra parte... provocando, por causa dessa atitude, a Criação do Universo-astral e uma sub-lei, que denominamos de **karma-constituído**... Vejamos outras considerações.

Tendo assim definido a **origem anímica** do sexo, em duas linhas distintas de afinidades, os iniciados Umbandistas ainda fazem revelações sôbre a origem fisica do homem, isso é, de onde veio seu corpo animal. Vejamos isso na palavra de um de seus iniciados:

"A nossa doutrina, não aceita "as provas" ou as teorias científicas sôbre a origem do homem-físico (corpo humano), porque, tendo a mesma certos fundamentos científicos, não convence, porque foge à lógica fundamental.

De um modo geral, a ciência concluiu ou deduziu que o ancestral simples e primitivo do homem é oriundo de uma só espécie de **matéria muciforme albuminóide**, dita também como o **protoplasma** ou protameba primitiva; seria portanto o mesmo que as **moneres** atuais: organismos sem órgãos, unicelulares.

Depois essas moneres evoluíram, numa seriação, ditas como dos ancestrais-invertebrados, até se consolidarem nos ancestrais-vertebrados, que, por sua vez, deram formação, sucessivamente, aos **antropóides ou homens-macacos**, daí a ciência (antropologia) clássica dizer: "o homo-simius" e outros... Assim, poderemos deduzir simplesmente que:

a) o organismo humano (o corpo físico, animal) deve ter sua "origem real" no protoplasma — espécie de matéria ou tecido germinal, que é a que conserva e transmite os **caracteres genéticos**, através da cromatina do núcleo da célula.

b) essa cromatina do núcleo da célula contém, essencialmente, os gens (ou cromossomos) que são exclusivamente gerados pelas **gônadas**, únicas reprodutoras da célula sexual, e por onde são transmissíveis os ditos caracteres hereditários de uma raça animal irracional ou **racional**...

c) e como o ancestral comum do homem, dado ou apontado geralmente pela antropologia, teria sido o homem-macaco ou o antropóide, teríamos forçosamente de admitir que as gônadas, os gens, os cromossomos dêsse antropóide **tinham que vir** se reproduzindo dentro de seus caracteres básicos, até uma certa altura, quando recebeu "o sôpro inteligente, consciente", isto é, até quando incorporou ou encarnou na espécie o **espírito** ou os sêres espirituais.

Isso não tem convencido porque até hoje essa mesma ciência procura o "elo perdido", isto é, a espécie intermediária entre o antropóide e o homem-físico.

Nossa doutrina ou arcano — como já frisamos — rechaça tais conclusões científicas, **porque nesse caso provado** das gônadas, da célula sexual reprodutora, dos gens com seus caracteres hereditários, a **dita ciência teria de procurar, não um ancestral comum para o homem, mas, sim, quatro ancestrais comuns**, porque quatro são as Raças básicas, e assim,

quatro têm que ser, forçosamente, seus **padrões genéticos, distintos e transmissíveis**...

A ciência não prova que os cromossomos do homem de **raça branca** são iguais ao do homem da raça negra, isto é, não prova o **porquê ou a razão da natureza essencial** dos gens de cada tipo racial puro, conservarem sempre os caracteres físicos — côr da epiderme, cabelos, olhos, conformações próprias etc. — através da reprodução da mesma espécie, **sem alterações básicas**, ou melhor, com aquelas qualidades próprias...

Se não houver **mistura de gens**, entre um homem de raça amarela, com uma mulher de raça branca ou negra, o padrão genético de um ou do outro **não se altera** em suas linhas básicas qualitativas.

A mistura ou a mescla de padrões raciais básicos foi que produziu as sub-raças ou os chamados de caldeamentos.

Veja-se simplesmente que: quando um homem do puro padrão genético ou racial negro junta seus cromossomos com uma mulher do puro padrão racial branco, o que produzem, via de regra? O mulato ou moreno; notando-se mais que um filho pode sair mais acentuadamente ao pai ou vice-versa, ou seja, ainda, um pode sair com cabelos bons e epiderme mais clara, ou mais escuro e de cabelo ruim, prevalecendo portanto a fôrça de um dos padrões genéticos básicos.

Essas considerações simples, o fazemos ligeiramente, para definimos que, sendo essencialmente, bàsicamente, **quatro os padrões raciais ou genéticos** — quais seriam os **quarto antropóides ancestrais** e com padrões genéticos **distintos**, e em diferentes regiões do planêta, perpetuadores de seus caracteres, se a ciência apenas **procurou um ancestral comum?** E ainda mais explìcitamente: qual teria sido o **ancestral** antropóide cujo padrão genético e distinto **perpetuou-se na raça amarela?** E assim façamos **idem** para a raça negra, branca, vermelha.

E ainda mais explícita e profundamente: se os gens, como partes integrantes dos cromossomos, têm propriedades de reprodução natural e por isso são que transmitem os caracteres hereditários e **distintos de cada padrão racial**, e ainda sendo originários do protoplasma — quantos protoplasmas a ciência teria que **classificar**, se essa **distinção da natureza íntima ou essencial** de cada um dêsses padrões

raciais está **visível** em cada uma dessas quatro raças básicas da humanidade? — sabendo-se que a mesma ciência, estudando o número de células sexuais ou cromossomos das espécies animais irracionais, **verificou que variavam em quantidade?** E tanto é que a cobaia e o rato têm 16 cromossomos; a rã 24; o pombo 16; a galinha 18; o boi 37 ou 38; e o "bicho homem" varia de 45 a 48, segundo modernos estudos etc.

Ora, verificando-se ou entendendo-se claramente que essas **quantidades** são fundamentais e próprias de cada espécie animal, deixemos para a própria ciência oficiosa ou profana descobrir o **porquê real** dessas distinções e dessas variações de quantidade em cada espécie animal, porque não tem coerência científica se não identificarem também os quatro ancestrais antropóides e todos com o **mesmo número de células** sexuais ou cromossomos, iguais ao do homem — isto é, de 45 a 48.

Assim, entremos com o conceito de nossa doutrina a respeito dêsse magno problema. Como se leu nos Postulados anteriores, os chamados de "fluidos cósmicos" ou universais foram efeito daquela coordenação do Poder Criador, Operante, Divino, sôbre a substância-etérica, gerando o 4.º estado, que, por sua vez, consolidara-se nos ditos como os quatro elementos da natureza: os ígneos, os aéreos, os aquosos, os sólidos, em cujas naturezas essenciais dominavam, respectivamente, o oxigênio, o azôto, o hidrogênio e o carbônio.

Então queremos que o leitor entenda que êsses **quatro elementos da natureza física** têm íntima relação com os citados **padrões genéticos** e, naturalmente, com o surgimento das quatro raças básicas da humanidade.

O Arcano nos revela que o **protoplasma** das espécies animais irracionais não têm a mesma fonte que o da espécie humana. O plasma germinal do organismo humano foi uma ação técnica das Hierarquias e originou-se da especial **consolidação etérica e incisiva do elemento ígneo** com o seu radical — o oxigênio, surgindo assim um "plasma astral" ou uma matéria orgânica astral, que deu formação gradual, progressiva, a um corpo astral, a princípio etérico, depois semidenso, denso, rude, sem contornos particulares, condição que foi alcançando com a respectiva consolidação futu-

ra. Dentro dêsse conceito metafísico, a primeira Raça que surgiu foi a **Vermelha** (24).

Depois e ainda dentro dêsse prisma, pela respectiva atuação dêsses outros elementos — azôto, hidrogênio, carbônio, é que foram surgindo as outras raças: negra, amarela, branca, com seus padrões genéticos próprios e relacionados com essas ditas atuações mesológicas ou climatéricas, isto é, uma aclimatação progressiva do quente para o frio, com suas duas condições intermediárias (o que veio a se definir com as quatro estações do ano), estritamente relacionadas assim, e ainda por causa da **conexão** com seus outros padrões anímicos, kármicos e morais, isto é, sujeitos à disciplina da Lei Divina, imposta de acôrdo com seus graus de rebeldia, quanto ao uso que fizeram do livre-arbítrio.

Fusões, caldeamentos, sub-raças ou ramos, não são padrões básicos — é a **mescla**, que objetiva um padrão único, homogêneo, a fim de extinguir o preconceito racial, o orgulho de raça etc., para se alcançar o **arquétipo físico**, ou seja, a purificação biológica ou orgânica, porque, vamos convir que o nosso atual corpo-físico, por mais maravilhoso que nos pareça, ainda carrega dentro dêle detritos, fezes, vermes, pus etc...

E eis porque na Bíblia (citamos sempre essa obra porque a mentalidade ocidental está muito arraigada a ela, como "livro divino, de revelação" etc.), muito embora contendo algumas verdades, no mais conta apenas a **história** religiosa, social, moral etc., dos hebreus ou do povo de Israel, por sinal, história **não muito limpa**; na parte do Gêneses de Moisés, êle figurou essas verdades do Arcano Maior, quando simbolizou essas quatro Raças, como os quatro Rios, que corriam para os quatro pontos cardeais da Terra e ainda os

---

(24) A raça vermelha padrão está desaparecida. Remanescentes dela ainda podem ser identificados, quer no que restou dos índios peles-vermelhas da América do Norte, quer também nos nossos aborígenes, através dêsse tipo primitivo que o General Couto de Magalhães tão bem estudou e definiu em sua obra "O Selvagem" (edição 1913) desde 1867 como *Abaúna* para diferençá-la do outro tipo que considerou cruzado (mestiço) com o elemento branco etc., e que denominou de *Abaju*.

Como *Abaúna* apontou o índio de raça pura, da *côr do cobre* tirando para *o escuro*, da qual são tipos, conforme êle mesmo observou diretamente, o índio *Guaicuru*, em Mato Grosso, o índio Xavante, em Goiás, e o índio Mundurucu no Pará.

denominou de **fluidos**, com os seguintes nomes: **Phishon, Gihon, Hiddekel** e **Prath.**

Moisés, assim, baseou-se naturalmente na ciência dos Patriarcas, ensinada por Jetro, guardião da verdadeira Tradição, e disse mais que ADÃO, isto é, a **primeira humanidade**, "foi feito de barro" — e o barro todos sabem que é de côr **vermelha.** Êsse conceito da origem do homem no barro vermelho também era professado na antiga Babilônia.

No túmulo de **Sethi I**, foram pintadas essas quatro raças, pela ordem da côr inerente a cada uma e com os nomes, ou sejam: a vermelha — é **Rot** (seriam os Rutas da história); a negra — é **Halasiu**; a amarela — é **Amu**; a branca — é **Tamahu**.

Assim, cremos ter definido, nesse Postulado de nossa Doutrina Secreta, a origem do sexo, da raça, e de seus padrões genéticos básicos... concluindo que não deve ter existido **um** protoplasma ou **um tecido germinal comum** a essas quatro raças.

Certos atributos do corpo físico ou do organismo humano, que a ciência julgou ter encontrado em outras espécies animais, assim como o macaco, o peixe etc., são devidos, ou melhor, têm suas origens nas injunções da natureza vital do planêta Terra, obedientes à **lei da gravidade**, que regula o equilíbrio dêsses organismos, lhes facultando as condições de sobrevivência, nos elementos que lhes são próprios, assim como a água, o ar, a terra: o peixe tem cauda e barbatanas, os pássaros têm duas pernas, duas asas e uma cauda, os bichos de pêlo têm quatro pernas ou duas e dois braços e caudas.

Diz Giebel (e outros) que "no princípio da vida embrionária, quando o embrião se compõe apenas do sulco primitivo e da corda dorsal, a mais minuciosa observação é absolutamente incapaz de distinguir a individualidade humana de qualquer vertebrado, de um mamífero ou de uma ave, de um lagarto ou de uma carpa."

E então? A ciência não sabe, a observação não distingue, mas essa **distinção é patente**, quando de embrião passa a feto e daí vem à luz física, como o produto de sua espécie, pois logo o que é de pêlo, é pêlo, o que é de pena, é pena, o que é branco é branco, e o que é prêto é prêto. Os seus caracteres genéticos de origem ali estão... distinguindo a sua hereditariedade, a sua ancestralidade..."

Do que registramos a respeito do rompimento do Carma Causal, que gerou o Carma Constituído ou a Evolução pelo Universo Astral.

Crêem e ensinam que o Karma-Constituído é uma conseqüência do Karma-Causal, próprio do Cosmos Espiritual.

Existe em relação com a Causa. É um Efeito e, sendo assim, é justamente o que as diversas escolas pregam como a Lei de Conseqüência.

O Arcano Maior revela que essa Lei surgiu mesmo em conseqüência dêsse **rompimento** com a causa; e ainda dizem mais que foi por causa dêsse rompimento que o Deus-Pai **criou o Universo-Astral**... imprescindível como uma 2ª VIA de Evolução, para os sêres espirituais, quando do início das **quedas** ou das descidas para o **outro lado** do espaço cósmico, onde a substância existia e existe.

A Evolução dos sêres espirituais por essa via é **finita**, isto é, obedece a uma reversão, a uma limitação, a um ponto final...

E acentuam os seguintes fatôres:

a) que os sêres espirituais **viviam** no Cosmos espiritual, nas condições ressaltadas no Postulado 5º (reler), isto é, que êsse Cosmos era e é a 1ª Via Evolutiva, sujeita ao Karma-causal, e com **direito** ao uso do livre arbítrio etc.;

b) que lá os sêres espirituais não tinham veículos etéricos, nem gasosos, nem ígneos etc.; não podiam se apropriar dos elementos oriundos da substância, a fim de criarem formas ou corpos para uso;

c) que tinham estados de consciência distintos, **vibrando** no que já definimos como suas afinidades virginais, que são irreversíveis;

d) que essas afinidades virginais ao se **imprimirem** sôbre a substância definiram êsse duplo aspecto que veio a ser identificado como o do macho e o da fêmea.

Então, dizem, essas condições bem compreendidas, fica patente que houve, realmente, um **rompimento kármico**, uma **desobediência** ao **sistema evolutivo original**, que redundou, por sua vez, nesse sistema de lições, experimentações, prova-

ções, reajustamentos e reencarnações a que estamos habituados, porém, **nunca** por têrmos sido "criados simples e ignorantes" das **coisas** que o mesmo Pai **iria criar**, posteriormente, de Si mesmo, também, para nos servir de tentação e sofrimentos mil...

Nunca o Pai, em seu infinito grau de perfeição, poderia **criar condições que iriam**, fatalmente, **degenerar afinidades** ou seja, consciências, inteligências, sentimentos, aspectos morais degenerados...

Então, é quando a Doutrina interna da Umbanda exalta a excelsa Bondade do Ser Supremo, reafirmando o aspecto correto de Sua Paternidade no sentido amplo de **prover** a educação moral-espiritual de todos os Sêres, com os elementos ou com os fatôres indispensáveis, **dentro da Via escolhida livremente**...

Portanto, quando os espíritos resolveram, no pleno uso de seu livre-arbítrio, romper com o karma-causal, abandonando a Via de Ascensão ou de Evolução Original, foi porque desejavam definir, justamente, suas afinidades originais, suas ideações, em aspectos mais objetivos, concretos; **transformá-las** de uma abstração persistente, numa realidade viva, atuante...

E sabiam — os espíritos que estavam no Cosmos Espiritual — que sòmente poderiam conseguir **isso** através da substância que existia "do outro lado" do espaço cósmico...

E assim é que se deu a sua queda ao "reino da substância"... sem saberem coisa alguma de concreto (por efeito daquilo que já se experimentou) a respeito dela — e mesmo porque não quiseram acreditar nos esclarecimentos dados — ignorando, portanto, o que iria surgir dessa ligação, como por exemplo: as suas terríveis injunções, os seus malditos **efeitos**, por via, é claro, dessa desejada penetração, dessa junção...

Não quiseram acreditar (portanto ignoravam) que a lei natural dessa substância, o seu "motu próprio" era o caos, isto é, sua natural manifestação não ia além dos estados de convulsionamento, de explosão etc.

Desconheciam assim que essa substância não ia além de um 3º estado de transformação — a partir dela; portanto, jamais poderia nos **fornecer** os elementos que seriam imprescindíveis aos objetivos **visados**...

Dentro dessas suas condições naturais, porém limitadas, as suas afinidades virginais jamais poderiam definir-se positivamente; jamais poderiam produzir os elementos **positivos e negativos**, base dos futuros organismos, necessários para provocar "as reações ou sensações" **daquilo que visávamos atingir** — o organismo.

Em suma: a substância ainda não se transformava além dêsse 3º estado. Ela não produzia a luz, o calor, a eletricidade, o magnetismo como nós os conhecemos, sentimos e vivemos em relação dêles; não existia o 4º estado — o chamado de irradiante; existiam os **íons**, mas sem serem potenciados como moléculas etc.

Nessa situação, que remonta às origens das causas e dos efeitos, foi que **o Deus-Pai agiu**...

Diz o Arcano, que o fêz, como sempre, movido pela Sua Excelsa Bondade, visto os seus filhos — filhos de Sua Paternidade Moral, Espiritual, desobedecerem aos conselhos, às instruções dadas pelas Hierarquias Divinas, sôbre a natureza da substância, não acreditando nas conseqüências dessa ligação. O que fizeram foi romper com o Karma-causal, usando do direito ao livre-arbítrio e se projetaram "como abelhas, para o lado onde dominava a outra natureza".

Foi êsse rompimento, essa descida, chamada, alegòricamente, de "queda dos anjos".

E foi, — conforme estamos registrando, — quando o Deus-Pai agiu; começou a Sua Obra, promovendo nessa substância as condições que iriam ser necessárias à formação de uma 2ª VIA de Evolução — já que o fato estava consumado...

E isso o fêz **coordenando** a lei natural dessa substância, a fim de se transformar num 4º estado e daí ainda nos 5º, 6º e 7º com as subtransformações próprias de cada um.

Nessa altura, podemos adicionar mais êsse fundamento básico de sua metafísica ou doutrina: ora, já viemos explicando, por vários ângulos, que a natureza da substância não ia ao 4º estado e que êsse foi um produto dessa coordenação do Poder Divino, e isso porque essa substância não tinha como dinâmica de sua natureza transformadora o que podemos entender como o eletromagnetismo positivo e negativo. Sem essas condições, como ela poderia se transformar nos elementos genéticos gerantes e geradores? ou os cromossomas X e Y?

E Deus-Pai, vendo que isso era imprescindível, **dinamizou** a natureza da substância, com a fôrça vibratória de Sua Vontade, a fim de que pudesse, futuramente, fornecer êsses ditos elementos genéticos, com a potência vital do que seria próprio do macho e da fêmea...

E assim começou a Sua Obra, com os fenômenos perfeitos da criação de tôdas as coisas.

Daí foi que plasmou na substância o Arquétipo ou o modêlo original de tudo que teria de surgir, "dentro dêsse lado do espaço-cósmico"...

Daí foi que surgiu, conseqüentemente, o chamado de Universo-astral — num incomensurável sistema de corpos celestes, sóis, estrêlas, galáxias, vias-lácteas etc. como **obra** mesmo da **mercê divina, a fim de atenuar e propiciar** os meios que tanto desejávamos, nós, os espíritos que já estamos nêle há milênios e milênios...

E atenção: sem essa coordenação, sem essa mercê do Pai, estaríamos, até agora mesmo, até êsse instante em que você está lendo essas linhas, **rolando pela imensidão cósmica**, sujeitos aos turbilhões indirecionais, ao estado caótico dessa substância. Não teria havido reino mineral, vegetal, animal e humano pròpriamente dito...

Eis, portanto, em linhas gerais e essenciais, a origem dessa Lei de Conseqüência, ou do karma-constituído, que foi estabelecido mesmo, não resta dúvida, para regular um 2º sistema de Evolução, por uma 2ª Via astral e material, a qual os Espíritos terão que ultrapassar, para retornar ao Cosmos Espiritual...

Não resta dúvida também de que êsse karma-constituído, que essa lei de conseqüência, foi uma **disciplina** imposta e que se fêz necessária, não para castigar duramente, implacàvelmente, a desobediência, o rompimento com o karma-causal, mas porque, sabendo o Pai que, fatalmente, iriam derivar afinidades virginais, estados consciencionais, em aspectos terríveis e imprevisíveis para êles (por ocasião da queda) e não obstante mesmo terem sido alertados sôbre tudo isso, mesmo assim quiseram e desceram, fazendo questão ao direito do livre-arbítrio — essa é que é a verdade nua e crua.

Então — dizem — essa disciplina kármica tinha que ser estabelecida, porque o Pai também sabia que iriam criar, nêles mesmos, uma derivação nas afinidades virginais, de tal

monta, em conseqüência das injunções do nôvo meio escolhido, que essa Lei teria que ser **adaptada,** de acôrdo com o **nôvo** sistema de "ações e reações" que iria surgir, como surgiu, de uns sôbre os outros...

Entendamos a sua Doutrina: lá no Cosmos Espiritual havia amor sublimado entre os pares; havia "ações e reações", porém, completamente distintas das **provocadas pela ligação com a natureza-natural**...

Os sentimentos naturais dos sêres espirituais não **vibravam** na tônica que foram atingindo, paulatinamente, por fôrça das coisas que a nova natureza penetrada ia facultando, assim como o **gôzo concreto**, sob todos os seus aspectos carnais e materiais, geradores, por sua vez, do citado sistema de "ações e reações" de uns sôbre os outros... sêres, e completamente inexistente naquela Via original do karma-causal.

E foi assim, por via dêsses fatôres, que as lições, as experimentações e as provações surgiram, necessàriamente, como processo de reajustamento disciplinar, através, principalmente, das condições mais desejadas, que a tornaram, naturalmente, nas mais usadas pela Lei Kármica e que são as reencarnações.

Que o leitor nos permita agora essa síntese retrospectiva através do nosso próprio pensamento a respeito, assim, cremos ter ficado bem claro que a substância-etérica (ou a matéria) com sua natureza distinta, extrínseca à nossa, de espírito puro, através de suas injunções naturais, ou seja, pela propriedade de poder condensar-se, teria forçosamente de afetar profunda e poderosamente a nossa ideação virginal — o mesmo que dizer, as nossas faculdades...

Tínhamos que sofrer, como ainda está acontecendo, o impacto dêsse nôvo meio ou "modus-operandi", porque, ao penetrarmos nesse "lado do espaço-cósmico", caímos dentro de uma natureza cujas terríveis injunções... nos eram desconhecidas.

Tão terríveis que provocaram em nossa natureza-vibratória uma grande **agitação** e uma série de impressões novas, conseqüência dêsse contato, dessa ligação inicial.

E assim foi que, quanto mais **vibrávamos**, mais imprimíamos na substância nosso **atordoamento**, atraindo e imantando condensações etéricas disformes, isto é, sem obedecerem a uma aglutinação sistematizada.

Tanto é, que fomos obrigados a passar por um outro sistema especial de aprendizado, quando as Hierarquias Superiores, obedientes à Vontade do Pai, criaram mais sistemas planetários e, no nosso caso direto, o planêta Terra.

Nesse planêta tivemos que **passar** (muitos ainda estão passando) ou melhor **estagiar** nos "campos eletromagnéticos" próprios dos chamados reinos mineral, vegetal, para, depois, **animar**, mais diretamente, a vida instintiva da espécie animal, dada a existência do elemento sanguíneo, que nos foi de vital importância, pois, à proporção que íamos vibrando na corrente sanguínea dos animais, íamos, também, sentindo determinados tipos de reações, em nosso corpo astral, já em formação, para que as Hierarquias estabelecessem um padrão sanguíneo, distinto daquele e apropriado à consolidação de um organismo especial, que veio a ser o nosso — na condição humana.

Esperamos ter explicado bem êsse Postulado da Doutrina Secreta da Umbanda.

Todavia, ainda temos que ressaltar o seguinte: os Livros Védicos e outros do Ocidente falam de 2 modos de evolução para os espíritos, porém, deixam implìcitamente compreendido nesses conceitos que **um modo** se processa pela via carnal, humana, material, e o **outro modo** é fora dela, ou seja, pelo astral do planêta Terra.

E ainda que fôsse por qualquer sistema planetário do Universo, queremos que fique claro que, mesmo assim, **estaria dentro** do que já definimos como o Universo-astral. Portanto, ninguém fêz referência, em livro nenhum, ao que também já definimos como o Cosmos Espiritual ou 1ª Via de Evolução...

No entanto, devemos confirmar também existir êsses dois modos de evolução pelo Universo-astral e, no **caso**, pelo planêta Terra, porém, da seguinte forma: mesmo que um ser espiritual se isente da reencarnação, pode continuar prestando serviços diversos no plano astral do planêta Terra ou mesmo de qualquer sistema planetário do dito Universo, no que redunda, de qualquer forma, em evolução...

Que o leitor não confunda êsses 2 modos de Evolução que pregam, como sendo os mesmos de nossa Doutrina, inerentes ao que já situamos como do Karma-causal e do Karma-constituído. Há que ver a distinção entre elas.

Então, dentro dêsses aspectos que vimos ressaltando como do karma-constituído, admitimos três condições para a reencarnação: a) espontânea; b) disciplinar; c) sacrificial.

Então situêmo-las: na **condição espontânea**, estão incluídos todos os sêres que têm "passe-livre", sujeitos apenas ao critério das vagas, dentro de uma certa seleção ou coordenação de fatôres morais, pelo mérito e o demérito, na linha da ignorância que rege os simples de espírito — dos que não têm alcance mental, intelectual etc.

Nessa condição kármica está uma maioria que encarna e reencarna — nasce e morre tantas vêzes quantas possa, impulsionada, via de regra, apenas pelo seu **mundo de desejos**, que conserva e anseia por expandir no plano material...

Como **condição disciplinar**, podemos situar aquêles sêres, altamente endividados, conscientes e repetentes das mesmas infrações, como sejam: os velhacos e tripudiadores sôbre a condição humana e mesmo astral de seus semelhantes; os hipócritas e fariseus de todos os tempos, como políticos e religiosos, falsos profetas e falsos mentores; homens da indústria, das letras e da justiça terrena que, conscientemente, usaram do intelecto, com arrogância, orgulho, vaidade etc., como instrumento de opressão física e moral...

Êsses não têm a ignorância dos simples de espírito a pautar-lhes o **direito** kármico, pelo mérito e demérito de suas ações...

Êsses entram no âmbito de uma coordenação disciplinar especial, não têm "passe-livre" para a reencarnação, nas condições relativas e desejadas...

Tanto é, que muitos e muitos não querem aceitar essa disciplina, rebelam-se e até usam de mil ardis, para não descerem à forma humana debaixo de tais ou quais reajustamentos. Inúmeros são os que preferem as Escolas de Correção do Astral, por tempos e tempos, até quando sucumbem ao **desejo** das coisas carnais e materiais e pedem para encarnar **assim mesmo**...

Ainda é necessário que situemos êsse problema kármico assim: a) quando são obrigados mesmo a encarnar, nas condições adversas que não desejavam, a fim de sofrerem reajustamentos duros, dessa ou daquela forma (dentro do dito como "semeia e colhe"), moral e fìsicamente... Nós os ve-

mos nos miseráveis de hoje, como os poderosos do ontem. Eles estão por aí, por toda parte, é só observar... e b) quando, já arrependidos, escolhem livremente essas citadas condições.

E, finalmente, como a condição sacrificial, podemos situar essa minoria, já evoluída, já isenta da provação individual pela vida humana, isto é, livre das reencarnações...

Dentro dessa minoria, se fossem identificados, na certa que os veríamos como os missionários de todos os tempos, como os mentores e reformadores morais e religiosos e ainda em duas tarefas, escolhidas livremente, dentro da tônica fraternal elevada que lhes é própria...

Enfim, podem reencarnar sem injunções do Tribunal Astral competente, obedecendo, tão-somente, à linha de amor e caridade que trilham...

Acresce dizer mais ser sacrificial voltar à condição humana, porque, no plano astral, essa minoria evoluída desempenha tarefas importantes em vários setores; lidera movimentos de alto significado astral sobre a vida humana, coordena escolas, grupos de socorro de toda ordem etc...

Leitor: aqui estão portanto, registrados, com todo rigor de sua autenticidade, como os crentes dos cultos afro-brasileiros fazem a sua vivência nesses 4 tipos de terreiros:

1º) Terreiros de Candomblé Africano tradicional (sobrevivência de rituais misturados gêge-nagô-angola);

2º) Terreiros de Candomblé de Caboclo (mistura afro-ameríndia, nossa);

3º) Terreiros de Macumbas (tècnicamente é Quimbanda ou magia-negra);

4º) Terreiros de Umbanda (com as suas 2 faces; a Popular e a Iniciática, que é a sua Vanguarda intelectualizada).

OBS.: não estranhar se em todos disserem praticar a Umbanda do Brasil. Está certo. Porque estão na senda daquilo que ardentemente desejam. É justa essa pretensão, mas não é correta.

ÍNDICE

Ao meio umbandista 5

1.ª PARTE

Origens e aculturação do elemento africano no Brasil. Zonas em que adquiriram maior influência, revelação, desenvolvimento e sobrevivência de suas crenças e ritos, com base numa ordem de divindades — O ciclo africano de após 1551 ao ano de 1888 foi um contínuo processo de amalgamação. O ciclo ameríndio de após 1888 ressurgiu após sucessivas fusões 25

2.ª PARTE

MACUMBAS (catimbó, magia-negra, "baixo-espiritismo", pajelança, babassuê etc.) ou QUIMBANDA 101

Uma visita às "covas" do baixo-astral ou ao "Reino do bruxedo"... Catimbó... O crente juremado e a "farra" no astral 126

3.ª PARTE

Origem histórica da umbanda do Brasil — O que é o seu movimento ou a sua vivência popular, relativa às partes místicas, mediúnica, mágica e filosófica. Sobrevivência e aceitação de orixás. Distinções. Vivência esotérica ou iniciática 133

A vivência na umbanda esotérica ou cabalística 156

Esta obra foi impressa em offset no ano de 1977 - ano 59 da LIVRARIA FREITAS BASTOS S.A. - na Companhia Gráfica LUX, Estrada do Gabinal, 1521 - Rio de Janeiro

W. W. DA MATTA E SILVA
(YAPACANI)

MACUMBAS E CANDOMBLÉS NA UMBANDA